

vida, pastoral

março-abril de 2025 – ano 66 – número 362

ISSN 0507-7184
9 770507 778012

02



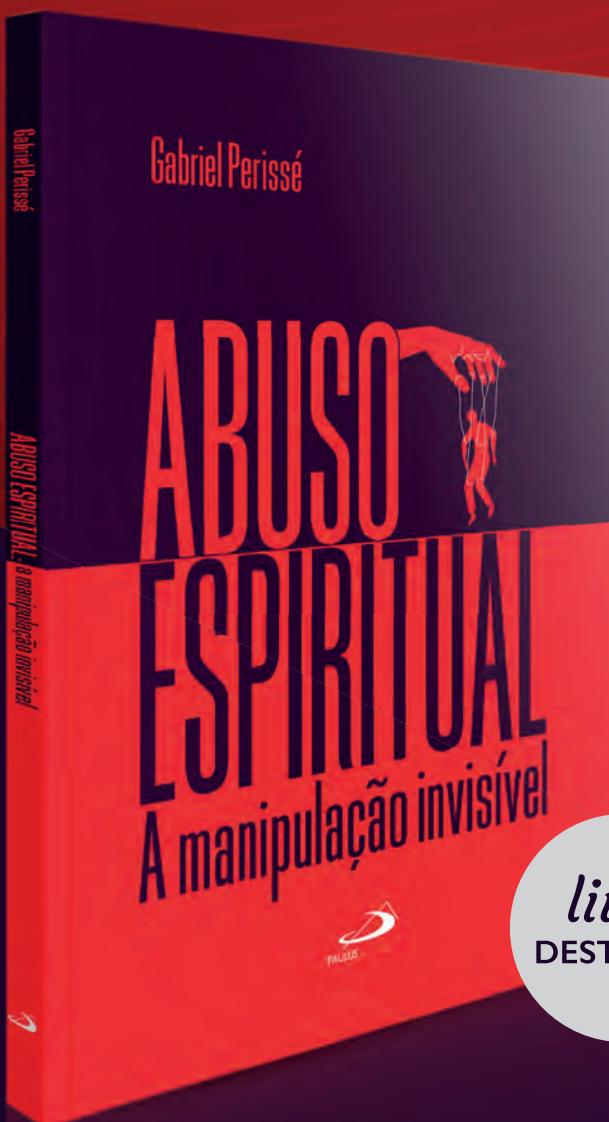
Campanha da Fraternidade 2025

FRATERNIDADE E ECOLOGIA INTEGRAL

“Deus viu que tudo era muito bom” (Gn 1,31)

APRENDA A COMBATER O AUTORITARISMO RELIGIOSO

Um guia para a liberdade espiritual.



livro
DESTAQUE



COMPRE
AGORA



loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
vendas@paulus.com.br
f @ X @editorapaulus

Prezadas irmãs, prezados irmãos, graça e paz!

Há uma tendência disseminada nas consciências de nosso tempo. Trata-se da mentalidade segundo a qual devemos ter uma vida sempre acelerada. Ocorre que nosso corpo não é uma máquina e sua complexidade não se resolve em um clique.

As máquinas movidas a inteligência artificial por meio de um clique ou de um comando de voz nos oferecem textos e imagens à exaustão. Por ser tudo tão rápido, já não temos tempo para esperar. O conceito exige paciência. No entanto, são mais cômodos vídeos breves e textos rasos. Leituras demoradas são coisas raras. A paciência se abala se a mensagem do WhatsApp não for respondida imediatamente. Nas ruas, os humanos dentro de suas máquinas potentes não suportam o passo lento e cansado de um idoso de muitos anos. A faixa de pedestre é risco. A sabedoria ancestral não encontra assento na velocidade.

Estamos todos em uma grande correria, sabe-se lá para onde. Isso é muito real no corre-corre das multidões nas compridas escadas rolantes do metrô da cidade de São Paulo. Se alguém é pisado, não espere desculpas. A velocidade não tem espaço para a delicadeza. Para quem queira correr ainda mais, há o aviso “deixe a esquerda livre”. E todos correm em um ritmo insano, sem o mínimo de senso para se perguntarem o porquê de tanta agitação.

Corremos porque precisamos marcar o ponto no relógio da empresa. Corremos porque o pequeno que nasceu precisa de fraldas. Corremos para não perder o emprego. Corremos porque já estamos há mais de duas horas no trânsito e a tarifa vai subir. Corremos porque a companhia elétrica nos deixa no escuro e nos endivida com suas altas taxas de cobranças. Corremos.

Que paradoxo: ensinam-nos a entrar no ritmo veloz, mas nos estancam a vida. Nessa pressa

desenfreada, a vida se esvai. A conta não fecha, e quase sempre estamos tateando, a fim de ganhar o pão suado e pagar uma infinidade de boletos. Tudo parece instantâneo; atesta isso o celular em nosso bolso e ao alcance de nossos dedos e olhares. O lume frio da tela parece nos absorver. A instantaneidade, porém, não estanca as contas e elas nos custam tempo, o tecido da vida.

Bem ensinou o mestre Antonio Cândido (1918-2017): “Tempo não é dinheiro. Tempo é o tecido da nossa vida, é esse minuto que está passando. Daqui a dez minutos eu estou mais velho, daqui a vinte minutos eu estou mais próximo da morte”. O tênis, o relógio, a roupa não custam apenas dinheiro; eles são o suor de nosso rosto, o tecido da vida.

“Fraternidade e ecologia integral” é sobre o tecido da vida. O ritmo acelerado e desumano nos expulsa do jardim do Éden. Em seu projeto primordial, Deus nos colocou em um jardim (Gn 2,8) e nos encarregou de guardá-lo e cuidar dele. Infelizmente, ao invés do cuidado, há exploração e abusos. O aquecimento global e os eventos climáticos extremos são o grito do jardim.

Pensem no nosso jardim chamado Brasil, que o poeta Jorge Ben Jor declama como “país tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza, mas que beleza”. Maior beleza terá quando os mais sofredores que o habitam puderem usufruir das sombras, dos frutos, da orquestra dos passarinhos e do colorido deste Éden.

Tenhamos claro: na vida a gente aprende muito mesmo é com o vento, os cantos dos passarinhos, os movimentos das árvores, das águas, das variedades de bichos, as cores e os aromas dos dias. Das noites. Das estrelas.

Boa leitura!

*Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp
Editor*

vida pastoral

Revista bimestral para sacerdotes
e agentes de pastoral

Ano 66 - N° 362
março-abril de 2025



© PAULUS – 2025
Pia Sociedade de São Paulo
Rua Francisco Cruz, 199
04117-091 – São Paulo - SP
paulus.com.br
ISSN – 0507-7184

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar, ssp

Editor

Pe. Antonio Iraíldo Alves de Brito, ssp

Redação

vidapastoral@paulus.com.br

Conselho editorial

Pe. Antonio Iraíldo Alves de Brito, ssp

Pe. Darcy Luiz Marin, ssp

Pe. Jakson Ferreira de Alencar, ssp

Pe. Paulo Sérgio Bazaglia, ssp

Imagenes

Romolo Picoli Ronchetti

Diagramação

Thais Moreno Ferreira

Revisão

Alexandre S. Santana

Tiago José Risi Leme

Impressão - PAULUS

Versão digital

vidapastoral.com.br



Periódico de divulgação científica.

Área:

Humanidades e artes.

Curso: Teologia.

SUMÁRIO

O CORVO: UM EXERCÍCIO BÍBLICO DE ECOESPIRITUALIDADE 4

Matthias Grenzer, Luciano José Dias
e Robersom Costa de Deus

CAMPANHA DA FRATERNIDADE DE 2025:
“DEUS VIU QUE TUDO ERA MUITO BOM” (Gn 1,31) 10
Moema Miranda, ofs

VER, JULGAR E AGIR POR UMA ECOLOGIA INTEGRAL:
A DIMENSÃO PRÁTICA DA CF-2025 18
Pe. Jean Poul Hansen

SÃO ROMERO DA AMÉRICA LATINA 26
Emerson Sbardelotti

ROTEIROS HOMILÉTICOS 34
Junior Vasconcelos do Amaral

FAÇA SUA ASSINATURA!

- Tenha em mãos uma fonte rica de conhecimento em teologia pastoral, espiritualidade e Doutrina Social da Igreja.
- Artigos redigidos por renomados teólogos, biblistas e leigos engajados nas pastorais da Igreja.
- Roteiros homiléticos em consonância com o Magistério da Igreja.

Para mais informações, entre em contato:

paulus.com.br/loja

📞 (11) 3789-4000 | 0800 016 40 11

✉ (11) 3789-4000

✉ assinaturas@paulus.com.br

✉ @editorapaulus



Aponte a
câmera do
seu celular e
saiba mais!

Livrarias Paulus

APARECIDA – SP

Centro de Apoio aos Romeiros
Lojas 44, 45, 78, 79
(12) 3104-1145
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU – SE

Rua Laranjeiras, 319
(79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELÉM – PA

Rua 28 de Setembro, 61 – Campina
(91) 3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE – MG

Rua da Bahia, 1136 – Ed. Arcângelo Maleta
(31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BOA VISTA – RR

Avenida Ville Roy, 5011 – sala 01 – Centro
(95) 3212-5340 / 98122-0040
boavista@paulus.com.br

BRASÍLIA – DF

SCS – Q1 – Bloco I
Edifício Central – Loja 15 – Asa Sul
(61) 3225-9847
brasilia@paulus.com.br

CAMPINA GRANDE – PB

Rua Afonso Campos, 233 – Centro
(83) 3182-0659 / 99956-0020
campinagrande@paulus.com.br

CAMPINAS – SP

Rua Barão de Jaguara, 1163
(19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPO GRANDE – MS

Av. Calógeras, 2405 – Centro
(67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL – RS

Av. Júlio de Castilhos, 2029
(54) 3221-8266
caxias@paulus.com.br

COTIA – RAPOSO TAVARES

Av. das Acácias, 58 – Jd. da Glória
(11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

CUIABÁ – MT

Rua Antônio Maria Coelho, 180
(65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA – PR

Pça. Rui Barbosa, 599 – Centro
(41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS – SC

Rua Jerônimo Coelho, 119 – Centro
(48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA – CE

Rua Floriano Peixoto, 523 – Centro
(85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA – GO

Rua Seis, 201 – Centro
(62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

GUARAPUAVA – PR

Rua XV de Novembro, 7466 - Lj. 1
(42) 9926-0224
guarapuava@paulus.com.br

JOÃO PESSOA – PB

Rua Peregrino de Carvalho, 134 – Centro
(83) 3221-5108
joaopessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA – MG

Av. Barão do Rio Branco, 2590
(32) 3215-2160
juizdefora@paulus.com.br

MACEIÓ – AL

Rua Barão de Alagoas, 32 – Centro
(82) 3142-0544
maceio@paulus.com.br

MANAUS – AM

Rua Itamaracá, 21 – Centro
(92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL – RN

Rua Cel. Cascudo, 333
Cidade Alta – (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PORTO ALEGRE – RS

Rua Dr. José Montaury, 155
Centro – (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE – PE

Rua Camboja do Carmo, 83
(81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO – SP

Rua São Sebastião, 621
(16) 3610-9203
ribeiraoporto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO – RJ

Rua México, 111-B
(21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR – BA

Rua Direita da Piedade, 75 – Barris
(71) 3321-4446
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ – SP

Rua Campos Sales, 255
(11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP

Rua XV de Novembro, 2826
(17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO LUÍS – MA

Rua do Passeio, 229 – Centro
(98) 3231-2665
saoluis@paulus.com.br

SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ

Praça da Sé, 180
(11) 3105-0030
pracase@paulus.com.br

SÃO PAULO – VILA MARIANA

Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metrô Vila Mariana
(11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

SOROCABA – SP

Rua Cesário Mota, 72 – Centro
(15) 3442-4300 / 3442-3008
sorocaba@paulus.com.br

TERESINA – PI

Rua Rui Barbosa, 45 – Centro
(86) 3142-1295 / 99935-0001
teresina@paulus.com.br

UBERLÂNDIA – MG

Av. Cesário Alvim, 757 - Loja 1 – Centro
(34) 2512-4358
uberlandia@paulus.com.br

VITÓRIA – ES

Rua Duque de Caxias, 121
(27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br



O CORVO:

um exercício bíblico de ecoespiritualidade

O artigo propõe sublinhar a imagem de um pássaro que a Bíblia menciona onze vezes. Na Bíblia hebraica, lida por cristãos e cristãs como Antigo Testamento, trata-se do “corvo”. Será realizado aqui um exercício de ecoespiritualidade: o que o corvo, um dos animais selvagens talvez menos imponentes, bíblicamente traz de mensagem em relação a Deus, ao ser humano e/ou ao conjunto dos seres não humanos?

*Matthias Grenzer, doutor em Teologia Bíblica e mestre em História, leciona na Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção da PUC-SP e na Faculdade de Filosofia e Teologia Paulo VI em Mogi das Cruzes-SP.
E-mail: mgrenzer62@gmail.com

**Luciano José Dias é doutorando no Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia da PUC-SP. Leciona no Instituto São Paulo de Estudos Superiores (Itesp) e no Centro Cristão de Estudos Judaicos (CCDEJ).
E-mail: lucianojdias@gmail.com

***Robersom Costa de Deus é mestrandro no Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia da PUC-SP.
E-mail: robersomcosta@uol.com.br

INTRODUÇÃO

A Bíblia não fala somente de Deus e do ser humano, mas dirige sua atenção também aos seres não humanos, acolhendo espaços celestes e terrestres, água, ar, solo e temperatura, vegetais e animais. Assim, os textos milenares em questão visam, igualmente, ao “valor intrínseco da natureza”, algo que, no âmbito religioso, corresponde ao caráter “sagrado” dos seres não humanos, sublinhando os aspectos da “interconectividade” e da “relação interdependente entre a terra e todos os seus moradores” (Ferreira; Sutton, 2024, p. 318).

À procura de um exemplo disso, o presente estudo propõe-se focar em um pássaro que a Bíblia menciona onze vezes. Na Bíblia hebraica, lida por cristãos e cristãs como Antigo Testamento, o “corvo” (עֲרָבָה) aparece dez vezes (Gn 8,7; Lv 11,15; Dt 14,14; 1Rs 17,4.6; Is 34,11; Sl 147,9; Jó 38,41; Pr 30,17; Ct 5,11). Além disso, o nome da ave ainda se torna topônimo, ou seja, nome de lugar – “o rochedo de *Oreb*” (Jz 7,25; Is 10,26) –, e antropônimo, ou seja, nome de pessoa: “*Oreb*, príncipe de Madiã” (Jz 7,25 – três vezes; Jz 8,3; Sl 83,12). No Novo Testamento, por sua vez, Jesus de Nazaré apresenta esse pássaro a seus discípulos como paradigma de comportamento: “Olhai os corvos!” (κόραξ: Lc 12,24). Portanto, será realizado aqui um exercício de ecoespiritualidade: o que o corvo, um dos animais selvagens talvez menos imponentes, bíblicamente traz de mensagem em relação a Deus, ao ser humano e/ou ao conjunto dos seres não humanos?

1. O PRIMEIRO A SAIR

Na história sobre o dilúvio (Gn 6,9-9,17), “quarenta dias e quarenta noites de chuva sobre a terra” (Gn 7,4.12.17), com “o rompimento de todas as fontes do grande abismo e a abertura das comportas do céu” (Gn 7,11), provocam uma inundação total da terra durante “cento e cinquenta dias” (Gn 7,24; 8,3). Em seguida, as águas do dilúvio diminuem, e “a arca atracou sobre os montes de Ararat” (Gn 8,4). Outros 74 dias depois, “apareceram os cumes dos montes” (Gn 8,5). Noé, no entanto, ainda não vislumbra espaços maiores de terras não inundadas, tanto que, somente ao fim de outros quarenta dias, “abre uma janela da arca” (Gn 8,6). Com isso nasce a esperança de que, em algum momento, a saída da arca seja possível.

Não obstante, a abrangência da catástrofe ambiental exige paciência e cautela. As águas recuam lentamente. Prova disso é que, da “abertura da janela” (Gn 6,8) até a saída de todos os seres vivos da arca, vão se passar outros 107 dias (cf. Gn 8,10.12.13.14). Nesse tempo, por sua vez, Noé usa duas espécies de aves para, constantemente, obter informações sobre o nível dos alagamentos. Afinal, “nos tempos antigos, antes da invenção da bússola e de outros instrumentos de navegação, era comum entre os navegantes soltar pássaros a fim de constatar se e em qual direção existia terra firme nas proximidades” (Krauss; Küchler, 2017, p. 189).

O primeiro pássaro enviado por Noé é um corvo: este, de fato, saiu, quer dizer, “saía e voltava, enquanto as águas sobre a terra secavam” (Gn 8,7). Sete dias depois, com o mesmo propósito de querer saber se a terra já havia secado (cf. Keel, 1978, p. 87), Noé envia uma pomba (Gn 8,8),

“

... o corvo traz a dinâmica exodal à memória do ouvinte-leitor, prefigurando as posteriores 'saídas' de todos os seres vivos, humanos e não humanos, da arca.

”

mas a ave logo lhe volta, justamente por “não encontrar lugar de pouso para suas patas” (Gn 8,9). Enviada uma segunda vez após outros sete dias, “a pomba lhe voltou com um ramo fresco de oliveira em seu bico” (Gn 8,11). Tendo esperado outros sete dias, a terceira pomba já “não lhe voltou mais” (Gn 8,12). A terra, portanto, estava seca.

Todavia, o corvo, talvez por ser mais robusto, cumpre na narrativa o papel de pionheiro. É o primeiro a sair da arca. Com isso, faz Noé chegar a um primeiro conhecimento sobre o estado das inundações. Ademais, com as suas repetidas “saídas” (Gn 8,7), o corvo traz a dinâmica exodal à memória do ouvinte-leitor, prefigurando as posteriores “saídas” de todos os seres vivos, humanos e não humanos, da arca (Gn 8,15-19), a fim de que, após a catástrofe provocada pela “maldade do ser humano” (Gn 6,5), retomem a vida sobre a terra.

2. ABENÇOADO E PROTEGIDO

Duas leis no Pentateuco incluem “todo corvo segundo sua espécie” (Lv 11,15; Dt 14,14) entre as aves a não serem comidas pelo ser humano (Lv 11,13; Dt 14,12). Pelo contrário, estas devem ser consideradas uma “abominação” (Lv 11,13) ou “coisa detestável” (Dt 14,3). Além disso, as antigas formulações jurídicas parecem incluir as “quatro

espécies do *corvus* em Israel: o corvo-comum, a gralha-calva, a gralha-preta e o corvo-do-deserto” (Angerstorfer, 2015, p. 342).

Não obstante, ao prescrever essa restrição alimentícia, o legislador israelita não condena o corvo por não ser uma “ave pura comestível” (Dt 14,20). Pelo contrário, considerando todo o Pentateuco como direito, narra-se logo em seu início que, ao criar as “aves aladas”, Deus as avalia como “boas” (Gn 1,21). Mais ainda, junto com os “seres vivos na água”, os “seres vivos que voam” são merecedores da primeira bênção do Criador (Gn 1,20-22).

Também vale considerar que, “no livro do Levítico, o conceito ‘abominação’ guarda um significado mais restrito e técnico que o diferencia de ‘impuro’. Ambas as palavras se referem a animais que não são destinados à alimentação”; no entanto, “tocar a carniça de animais impuros leva à impureza ritual, mas esse não é o caso das criaturas rotuladas como ‘abomináveis’” (Hieke, 2014, p. 423). Portanto, tocar um corvo, em princípio, não é problemático. A proibição de comer determinadas aves, na verdade, parece visar antes à “separação de Israel dos outros povos, ou seja, dos costumes de culto deles na adoração de outros deuses, sendo que animais impuros serviam como objeto de culto ou sacrifício

(cf. Is 65,4; 66,3.17; Ez 8,9s)”; além disso, quase todas as aves em questão “comem carne e, portanto, também sangue, o portador da vida” (Braulik, 1986, p. 108).

Contudo, a lei religiosamente motivada guarda ainda outro efeito. Por ter sua carne declarada incomestível, o corvo deixa de ser alvo de caça por parte do ser humano. Quer dizer, mesmo com certa proximidade ao ser humano, até pelo fato de Israel ser “uma área muito rica em pássaros” (Staubli, 1996, p. 99), o corvo goza de certa proteção, uma vez que o legislador israelita determina limites de acesso no que se refere aos animais selvagens.

3. O SABER DE ALIMENTAR(-SE)

O contraste não poderia ser maior quando se descobre a presença do corvo na vida de Elias. É no século IX a.C. que esse profeta anuncia uma seca a Acab (1Rs 17,1), rei de Israel, que tinha aderido ao deus Baal (1Rs 16,29-33). Para escapar dessa catástrofe ambiental, Elias, por ordem divina, “escondeu-se junto à torrente de Querit, a leste do Jordão”: não só para encontrar água para beber, mas também para comer, uma vez que “os corvos lhe levavam pão e carne pela manhã, e pão e carne à tarde” (1Rs 17,2-6). Isto é, os corvos (*מִבְרָעָה*: 1Rs 17,4.6), cuja carne não pode ser comida, alimentam de modo milagroso o profeta refugiado, possivelmente – pelo que se subentende – também com a carniça de um animal morto e/ou dilacerado, embora esse tipo de alimento torne o ser humano “impuro” (Lv 17,15-16).

Tudo isso causa surpresa e chama a atenção. De fato, para sobreviver, é preciso comer, mesmo em tempos de maior carência e/ou em lugares inóspitos. Nesse sentido, é interessante descobrir que os corvos, aparentemente, são onívoros, ou seja, comem de tudo: sementes, frutos, animais que eles próprios matam e animais que encontram já mortos. São animais curiosos, que se adaptam a qualquer ambiente que os hospeda. Ou seja,

PLANTAS QUE CURAM

Moacyr Pezati Rigueiro



Um manual ilustrado que explica, de modo simples e acessível, o uso de mais de cem plantas medicinais, indicando os princípios ativos, as propriedades medicinais e a maneira de preparar cada uma delas.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

mesmo que, entre os animais selvagens, façam parte dos mais frágeis, os corvos encontram seu nicho no ecossistema.

Elias é beneficiado por tal saber animal. Afinal, “Deus carinhosamente cuida da sobrevivência dele em uma região sem ser humano” (Albertz, 2006, p. 121), quando põe os corvos a serviço de seu profeta. Essas aves, pois, sabem como alimentar-se e, assim, sobreviver, mesmo que as circunstâncias sejam extremamente exigentes.

4. PROMOVEDOR DA JUSTIÇA

Em dois momentos, também de forma surpreendente, o corvo ganha uma função quando, de forma compensatória, se visa à promoção da justiça. Num deles, isso ocorre quando a terra de uma nação, em vista de seu comportamento, chega à desolação. Com os seres humanos e o gado mortos, com as construções transformadas em ruínas, os animais selvagens novamente tomam posse daqueles espaços dos quais, no passado, foram expulsos e/ou afastados. Eis o anúncio profético em relação a Edom: “Nunca mais haverá quem passe por lá” (Is 34,10), mas as aves selvagens, entre as quais o corvo, “tomarão posse” dessas terras e nelas “morrão” (Is 34,11). Caso se justifique a emenda crítico-textual, isso vale também para a Assíria e Nínive, quando “o corvo (lê-se עֲבָדָה em vez de כָּרְבָּה) cantar na soleira” deles (Sf 2,14).

Outro momento dramático de promoção da justiça surge quando os filhos não sabem



“... cabe a essas aves necrófagas a tarefa de tirar a bicadas e consumir o órgão de visão de quem não enxerga as necessidades nem dos próprios pais.”

respeitar os pais e cuidar deles. Eis a atroz punição que a sabedoria proverbial anuncia para o caso, envolvendo outra vez a ave aqui estudada: “O olho que escarnece o pai e menospreza a obediência à mãe, os corvos da torrente o arrancarão e os filhotes do abutre o devorarão” (Pr 30,17). Ou seja, cabe a essas aves necrófagas a tarefa de tirar a bicadas e consumir o órgão de visão de quem não enxerga as necessidades nem dos próprios pais.

5. SÍMBOLO DE BELEZA

Porventura o corvo é bonito? Decerto, a cor de sua plumagem se destaca. Nesse sentido, ao descrever, da cabeça aos pés, a beleza de seu amado (Ct 5,10-16), também os “cachos dele” chamam a atenção da amada no Cântico dos Cânticos: são como “panículas de tâmaras”, isto é, um conjunto de racemos que formam um cacho, e “pretos como um corvo” (Ct 5,11). Isto é, ou essas palavras de admiração parecem investir no contraste atraente entre “o cabelo profundamente preto e a pele branca e brilhante do rosto” (Zakovitch, 2004, p. 223), ou o cabelo preto talvez “queira indicar saúde, juventude e vitalidade” (Keel, 1992, p. 53), em contraste com os cabelos brancos do idoso. Em todo caso, um grau elevado de pretidão e, com isso, a profundidade, a beleza e/ou a presença da cor em questão se fazem presentes, de forma extraordinária, nas penas de um corvo.

6. ALVO DA PROVIDÊNCIA DIVINA

Em seus discursos dirigidos ao sofredor Jó (Jó 38-41), o Senhor pergunta: “Quem prepara a provisão para o corvo, quando os filhotes dele gritam por socorro a Deus e vagueiam sem comida?” (Jó 38,41). A pergunta pressupõe que o corvo seja “o mais fraco entre os catadores necrófagos, pois apenas se banqueteia no final com o que os outros deixam para trás” (Keel, 1978, p. 82). Não obstante, também essa ave se alimenta pela graça divina e não fica sem comer.

De forma semelhante, a oração poética acolhe o Senhor, Deus de Israel, como quem “oferece alimento aos filhotes do corvo, quando clamam” (Sl 147,9). No caso, os animais em questão representam as criaturas pequenas e indefesas, dependentes dos cuidados de outros. Contudo, essa situação singular deixa clara a dependência existencial de todos os seres em relação à assistência e solicitude de Deus.

Fazendo parte do mundo pensado no Antigo Testamento, também Jesus de Nazaré dirige sua atenção aos pássaros dez vezes contemplados na Sagrada Escritura, dando a seguinte ordem a seus discípulos: “Olhai os corvos: não semeiam, nem colhem, não têm despensa nem celeiro e, no entanto, Deus os alimenta! Quanto mais valeis vós do que as aves!” (Lc 12,24).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A natureza, de forma semelhante à Sagrada Escritura, torna-se Palavra de Deus para quem a medita. A própria Bíblia, constantemente, celebra esse saber. Isto é, os mais diversos seres não humanos – fenômenos celestes e espaços terrestres, ar, água, solo e temperatura, vegetais e animais – aproximam o ser humano do mistério da vida e de Deus.

O exercício ecoespiritual aqui realizado, insistindo em um simples e místico olhar bíblico para o corvo – coabitante, com o ser humano, na terra, a casa comum de ambos –, permite buscar o sentido da própria existência e, com isso, um encontro autêntico com Deus. No caso, o corvo representa bem algumas dinâmicas fundamentais: a) após a catástrofe ambiental, é preciso sair dos abrigos, visando ao movimento exodal em busca de novas e mais justas convivências sobre a terra; b) diante da grande bênção divina que é a natureza, é preciso respeitar os recursos naturais, especialmente as fontes de alimentação; c) no entanto, deve prevalecer a preocupação com o que o necessitado precisa

para alimentar-se; d) é preciso resistir aos que insistem em domínios, políticas opressivas e comportamentos desrespeitosos e humilhantes; e) deve-se olhar para o que é bonito; f) não há alternativa à confiança na Providência divina. Portanto, em vez de olhar de forma negativa e/ou indiferente para o corvo, a Bíblia convida seu ouvinte-leitor e sua ouvinte-leitora a aprender tudo isso com ele. **VP**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTZ, R. *Elia: Ein feuriger Kämpfer für Gott*. Leipzig: Evangelische Verlagsanstalt, 2006.
- ANGERSTORFER, A. בָּרֶב 'ōreb. In: BOTTERWECK, G. J.; RINGREN, H.; FABRY, H.-J. *Theological dictionary of the Old Testament*. Volume XI. Grand Rapids: Eerdmans, 2015. p. 341-343.
- BRAULIK, G. *Deuteronomium 1-16, 17*. Würzburg: Echter, 1986.
- FERREIRA, H.; SUTTON, L. Ecological hermeneutics as a current trend in Old Testament research in the Book of Psalms. *Acta Theologica*, v. 44, n. 1, p. 306-321, 2024.
- HIEKE, T. *Levitikus 1-15*. Freiburg: Herder, 2014.
- KEEL, O. *Das Hohelied*. 2. ed. Zürich: Theologischer Verlag Zürich, 1992.
- KEEL, O. *Jahwes Entgegnung an Ijob*: Eine Deutung von Ijob 38-41 vor dem Hintergrund der zeitgenössischen Bildkunst. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1978.
- KEEL, O. *Vögel als Boten*: Studien zu Ps 68,12-14, Gen 8,6-12, Koh 10,20 und dem Aussen- den von Botenvögeln in Ägypten. Freiburg: Universitätsverlag; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1977.
- KRAUSS, H.; KÜCHLER, M. *As origens*: um estudo de Gênesis 1-11. São Paulo: Paulinas, 2017.
- STAUBLI, T. *Die Bücher Levitikus, Numeri*. Stuttgart: Katholisches Bibelwerk, 1996.
- ZAKOVITCH, Y. *Das Hohelied*. Freiburg: Herder, 2004.



Moema Miranda, ofs*

CAMPANHA DA FRATERNIDADE DE 2025:

“Deus viu que tudo
era muito bom” (Gn 1,31)

*Moema Miranda, ofs, leiga franciscana, integra a coordenação da Rede Igrejas e Mineração. É assessora da Comissão Episcopal Especial para Mineração e Ecologia Integral (CEEM) e professora do Instituto Teológico Franciscano (ITF).

Em 2025, a Campanha da Fraternidade acolhe o tema mais desafiador de nosso tempo: a ecologia integral. Neste artigo, reconhecendo a profundidade da emergência ambiental que atravessamos, procuramos refletir sobre as razões das dificuldades em tratar esse como um tema central. A tradição cristã pode nos ajudar a ampliar nosso compromisso com a defesa da criação. O tempo para agir é agora.

1. DE ONDE PARTIMOS?

A Campanha da Fraternidade (CF) – que começou a ser celebrada nacionalmente em 1964, “como expressão da solidariedade da Igreja em favor da dignidade da pessoa humana” (CNBB, 2024, p. 15) – é uma das mais consistentes e persistentes iniciativas pastorais da Igreja no Brasil. Acompanhando a Quaresma, tempo de penitência e conversão, contribui para estimular uma espiritualidade encarnada, na qual fé e vida comunitária se abraçam. A dimensão pessoal e intransferível de nosso seguimento de Jesus de Nazaré, morto e ressuscitado, realiza-se em plenitude na comunhão com toda a Igreja, o corpo místico de Cristo atuante no mundo, que, por sua vez, é o lugar da encarnação do próprio Deus. Assim, Quaresma, para nós, é tempo de penitência, conversão e expressão comprometida de solidariedade com toda a criação.

Neste ano, o tema da CF, escolhido por sugestão da Comissão Episcopal Especial para Mineração e Ecologia Integral, tem uma atualidade desafiadora. Escrevo este artigo quando, em nosso país, as chamas de incêndios comprovadamente criminosos destroem florestas e matas, afetando incontáveis vidas humanas e não humanas: sofrem e choram flores, rios, aves, peixes e pessoas, sufocadas pela fumaça e pelo calor. A CF, então, amplia seu sentido de solidariedade para abranger não apenas a “dignidade da pessoa humana”, como no início, mas também a todos os seres viventes, a toda a biosfera. Acolhe

os seres não humanos, como florestas e rios, seres que sentem dor e morrem. Assim, a fraternidade que a CF suscita é expandida em espírito profundamente franciscano e se torna, no mundo, chamado à fraternidade universal. A água irmã e a terra mãe se unem em oração, para que a CF estimule atitudes de penitência e conversão pessoal e social na mesma proporção dos pecados ecológicos que presenciamos.

Na Quaresma de 2025, sabemos que o mundo estará ainda mais quente do que agora: os acontecimentos ambientais que atravessamos não são passageiros. Eles, no entanto, não podem nos deixar paralisados. Como fiéis seguidores do Ressuscitado, experimentamos e alimentamos a esperança apocalíptica que nasce em meio à catástrofe; que resplandece mesmo na noite escura; que nos acompanha na travessia dos abismos profundos, alimentada pela confiança em que não estamos sós: “Eis que estarei convosco todos os dias, até o final dos tempos” (Mt 28,20), disse-nos Jesus. Assim, alimentados pela teimosa esperança dos que vencem a morte, devemos e podemos nos preparar desde já para que a Quaresma de 2025 nos encontre dispostos a gestos concretos de cuidado com toda a criação.

2. PARA VER, DEVEMOS ABRIR OS OLHOS, O CORAÇÃO E A ALMA

Quando cantamos hinos de louvor e júbilo pela incrível beleza da criação, sentimos

nosso coração em festa, como se realmente juntássemos nossa voz à voz dos anjos. Quando olham maravilhados os ipês floridos ou as noites estreladas, o orvalho da manhã ou a aurora de cada novo dia, os poetas fazem versos e festejam a beleza deste planeta tão especial em que vivemos e ao qual pertencemos; onde somos, existimos e nos movemos. Sim, o nosso é um planeta muito especial. Único. Em todo o cosmos que a ciência humana já pode enxergar, existem trilhões de outros planetas, bem como bilhões de estrelas semelhantes ao Sol. Em nenhum deles, porém – até onde os telescópios alcançam –, existem condições propícias à vida: lá não podemos habitar. Lá não podemos louvar a Deus. Aqui na terra, ao contrário, nos nossos mais de quatro bilhões de anos, a vida floresceu de forma cada vez mais densa, plural e ampla. Como diz a canção: “A vida depende da vida para sobreviver”. Desde seu começo, a vida gerou mais vida, criando a biosfera. O nosso é um “planeta simbótico” (Margulis, 2001, p. 1), onde as espécies vivas interagem entre si e com todos os elementos planetários: a hidrosfera, a atmosfera etc. Aqui, toda a vida é alimentada pela energia que vem do Sol e, com ela, podemos dizer que somos seres cósmicos. A natureza, portanto, não é apenas a paisagem onde nós, seres humanos, desenvolvemos nossas atividades, sejam elas salvíficas ou não. Como disse o papa Francisco, aqui “tudo está interligado” e os seres dependem uns dos outros. Portanto, neste universo, “composto por sistemas abertos [...], [somos levados] a pensar o todo como aberto à transcendência de Deus, dentro da qual se desenvolve. A fé permite interpretar o significado e a beleza misteriosa do que acontece” (LS 79).

No entanto, no Ocidente, desde a Modernidade, ou seja, há pelo menos quinhentos anos, a natureza começou a ser compreendida como “recurso”: como meio de produção destinado à economia humana.

Como se fosse inerte, morta, um mecanismo desencantado. O sucesso, em termos tecnológicos e econômicos, possibilitado por essa concepção fez que as noções de “progresso” e “desenvolvimento”, por nós hoje compartilhadas, implicassem extrair, saquear e devastar a terra, os rios, os mares e florestas, de forma incompatível com o metabolismo do planeta. Se entendemos que a Terra é um “superorganismo vivo”, vamos compreender facilmente que tirar da terra, sem dar tempo de regenerar; derrubar, sem esperar renascer; poluir, sem deixar descansar, exaure, cansa e mata. A economia baseada no uso intensivo de petróleo e carvão leva todo o sistema planetário a um estresse desmedido: ao colapso. Nossa sistema alimentar, baseado na indústria da carne e da soja, no envenenamento da água, do solo e do ar pelo uso abusivo de agrotóxicos, para exportação a grandes distâncias, sem descanso e sem trégua, adoece o planeta tanto quanto os corpos humanos.

O mais problemático é que esse modelo se baseia em ideias interiorizadas pela maior parte das nossas sociedades, segundo as quais consumir é sinal de sucesso. Como dizem alguns filósofos, o capitalismo é uma religião, e o *shopping center*, que estimula para o consumo desmedido de itens desnecessários a parte da população que pode pagar por eles, é seu grande templo. Por isso, é preciso levar a sério a pergunta: “não seria o capital um *novo deus*, que nos torna novamente devedores?” (Han, 2014, p. 18).

O papa Francisco, na exortação *Evangelii Gaudium*, afirmou que “a realidade é superior à ideia” (EG 231-233): quer dizer, a realidade, e não nossas ideias sobre ela, tem precedência. Infelizmente, porém, muitas vezes nossas ideias mais viscerais, mais profundamente internalizadas ao longo de anos, dificultam a compreensão das mudanças profundas pelas quais estão passando nosso planeta e nossas sociedades. Assim, ainda que vejamos – com nossos

olhos físicos – as chamas das queimadas e o alagamento de cidades inteiras, a morte de pessoas queridas e de muitos outros seres vivos por desastres e catástrofes provocadas pela ação humana, ainda acreditamos – com os olhos de nossas ideias, de nossa mente – que construir estradas, extrair petróleo e abrir minas é sinal de progresso. É o que os cientistas chamam de “dissociação cognitiva”: nossos olhos veem, mas nossas ideias não registram a magnitude das mudanças. Assim, vemos, mas não enxergamos. Aplica-se ao nosso tempo o que disse Jesus: “Eles, vendo, não veem e, ouvindo, nem ouvem nem entendem” (Mt 13,13).

O sistema que organiza nossa economia, o capitalismo, estrutura-se, como o próprio nome diz, em torno do “capital”. Os interesses de crescimento do capital é que definem seu propósito e sentido. Lamentavelmente, nem sempre o que é bom para o capital é também bom para as pessoas, para os rios, para a atmosfera, enfim, para o mundo da vida. Apenas um exemplo: quando moramos em um lugar onde existe água abundante e de boa qualidade, nenhum de nós vai pagar para usar a água. Ela flui, e todos os seres dela se beneficiam: as lavadeiras, os girassóis, os peixes e as pessoas. Nesse lugar onde há água em abundância, ela é um bem valioso, mas não é mercadoria. Portanto, não tem preço. Todos ganham mais vida e saúde com a pureza da água, mas ninguém ganha dinheiro. Ou seja, esse lugar é muito bom para a vida, mas não é bom para o capital, porque ali não há um dono que lucra com a privatização da água! Trata-se de um dos vários paradoxos do sistema capitalista: quanto mais escasso um bem, mais valioso para o capital.

A grande e dramática questão é que o uso intensivo e abusivo dos bens da natureza, compreendidos como “recursos naturais”, está levando nosso planeta à exaustão. Passamos a viver um *novo regime climático*, que exige urgentemente a “reorganização do

“

*Quaresma, para nós,
é tempo de penitência,
conversão e expressão
comprometida de
solidariedade com toda
a criação.*

”

nosso mundo material”. Como diz o filósofo Bruno Latour, a emergência climática faz que a *habitabilidade* do planeta seja central. Portanto, ela deveria se “tornar a questão prioritária, à qual todas as demais questões políticas e econômicas estão agora sujeitas. O *novo regime climático* introduz uma inversão completa da cosmogonia”. Pensávamos que éramos “proprietários” da Terra, quando, na verdade, somos posseiros, passageiros, peregrinos (Latour, 2022).

Efetivamente, o verso do “Cântico das criaturas”, de São Francisco, antecipa em séculos a conclusão das ciências contemporâneas: a Terra nos sustenta e governa. Se ela governa, define os limites. Aceitar e reconhecer limites é urgente e indispensável em um planeta que é limitado, vivo, autopoético. Assim, garantir que a Terra continue a ser habitável, diz-nos o filósofo, deveria ser o centro de nossa ação política. A expressão “cuidar de nossa *Casa Comum*”, portanto, deve ser entendida assim: estabelecer como prioridade absoluta a garantia da habitabilidade do planeta e, com base nesse propósito, organizar todas as nossas ações políticas, econômicas, culturais, educacionais e sociais. Sem o planeta Terra, não temos “plano B” para acolher a vida.

Com esse olhar, que compromete toda a nossa emoção, nossa alma e nosso futuro, cumpre-nos levar muito a sério o que nos diz o Texto-base da Campanha da Fraternidade de 2025:

“

A economia baseada no uso intensivo de petróleo e carvão leva todo o sistema planetário a um estresse desmedido: ao colapso.

”

A origem da crise socioambiental no mundo e no Brasil é complexa e tem muitas faces, envolvendo uma conjunção de fatores históricos, sociais, econômicos e políticos. O modelo de desenvolvimento capitalista, baseado na exploração dos patrimônios naturais, na queima de combustíveis fósseis, como os derivados do petróleo, na expansão desenfreada do consumo e na relação mercantilista com a natureza, tem contribuído para uma série de problemas ambientais, como a degradação do solo, o desmatamento, o extrativismo predatório, a poluição, a escassez de água, o comprometimento da biodiversidade com a extinção de algumas espécies e as mudanças climáticas (CNBB, 2024, n. 26).

O novo regime climático exige de nós uma conversão inédita. Nunca antes nossa espécie esteve confrontada de maneira tão definitiva com uma exigência como essa. Portanto, não temos modelos que nos conduzam no percurso de volta ao compromisso e ao respeito com nossa Casa Comum. Sabemos, porém, a direção. Como

afirmou o papa Francisco na Exortação Apostólica *Laudate Deum*, devemos seguir para a “reconciliação com o mundo” (LD 69). Precisamos alterar as ideias e as práticas que nos levaram a tornar a Terra um lugar inóspito para a vida. Os povos indígenas, os quilombolas, os geraizeiros, os ribeirinhos e os camponeses têm muito a nos ensinar sobre o modo de viver em comunhão com a Terra, e a tradição cristã permite que tenhamos uma bússola para essa transição tão urgente! Vejamos.

3. AMAR COMO JESUS AMOU

Nossa Igreja tem um longo e belo percurso de cuidado com a criação. Desde São João XXIII, todos os papas foram explícitos na condenação à exploração desmedida dos bens da natureza. As conferências episcopais de todos os continentes vêm continuamente emitindo pronunciamentos nessa mesma direção. Aqui no Brasil, foram várias as Campanhas da Fraternidade desenvolvidas com temas ecológicos. Também as pastorais sociais, já com a criação do Conselho Pastoral dos Pescadores, em 1970, do Conselho Indigenista Missionário, em 1972, e da Comissão Pastoral da Terra, em 1975, atuam firmemente em defesa da criação.

Foi como herdeiro dessa sólida tradição que, em 2015, o papa Francisco escreveu a primeira encíclica ecológica de nossa Igreja, a *Laudato Si'*. A encíclica completará dez anos em 2025 e tem sido uma referência indispesável, dentro e fora da Igreja, para os que buscam caminhos de conversão ecológica. A encíclica integra a Doutrina Social da Igreja, devendo ser lida e estudada como parte de um compromisso profundo e renovado do magistério.

A magnitude da crise ambiental, no entanto, exige que reconheçamos, como fez o papa Francisco, que muitas vezes uma interpretação equivocada dos textos bíblicos

foi utilizada como justificativa para atitudes de domínio despótico sobre a natureza. Diz o papa:

foi dito que a narração do Gênesis, que convida a “dominar” a terra (cf. Gn 1,28), favoreceria a exploração selvagem da natureza, apresentando uma imagem do ser humano como dominador e devastador. Mas *esta não é uma interpretação correta da Bíblia, como a entende a Igreja*. Se é verdade que nós, cristãos, algumas vezes interpretamos de forma incorreta as Escrituras, hoje devemos decididamente rejeitar que, do fato de ser criados à imagem de Deus e do mandato de dominar a terra, se deduza um domínio absoluto sobre as outras criaturas. É importante ler os textos bíblicos no seu contexto, com uma justa hermenêutica, e lembrar que nos convidam a “cultivar e guardar” o jardim do mundo (cf. Gn 2,15) (LS 67, grifo nosso).

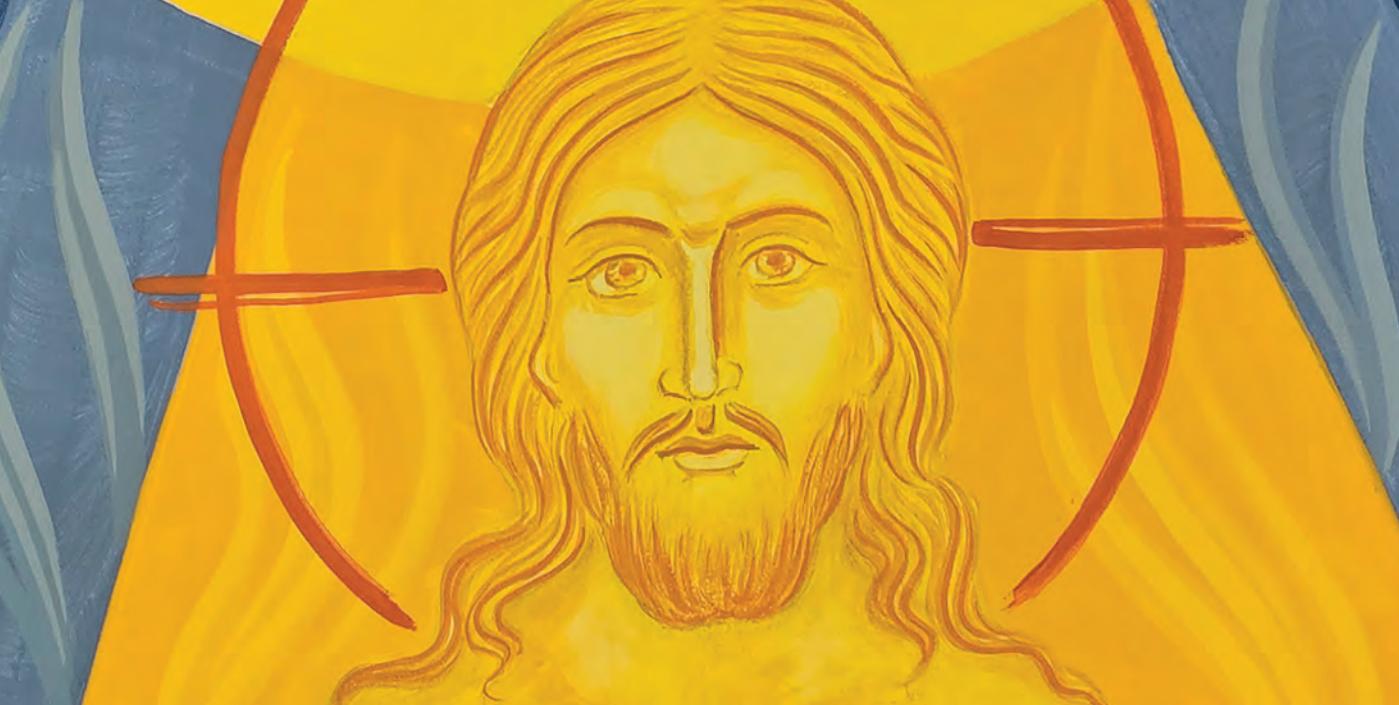
Assim, a Campanha da Fraternidade de 2025 nos convida a uma leitura profunda, comprometida e inspiradora dos textos sagrados, com uma hermenêutica apropriada. Com isso, a dimensão de carinho e amor pela criação vai se nos revelando de forma apaixonante. Toda criação é fruto do amor de Deus, que cria e admira, vendo que “tudo era muito bom” (Gn 1,31). A primeira narrativa bíblica “contempla o ser humano no meio dos elementos que, na fé do Israel bíblico, têm grande importância. Não cabe ao ser humano uma autonomia absoluta em relação aos seres criados. A bênção e a Aliança não são apenas para o ser humano, mas para ‘toda a carne sobre a terra’ (Gn 9,17)” (CNBB, n. 67). Assim, a arrogância humana, que alimenta o que o papa Francisco identifica como um “antropocentrismo despótico” (LS 68), não tem base bíblica. Ao contrário, implica uma distorção das Sagradas Escrituras. Nossa Deus

é Deus da vida. Deus que dá a Vida. O valor intrínseco de todas e de cada uma de suas criaturas se revela na Bíblia: a água, o ar e o vento, os animais e as plantas não existem para nós. Eles têm valor em si mesmos e, como nos dizem os Salmos, louvam a Deus com sua existência.

O Texto-base da Campanha da Fraternidade mostra também como, na experiência do Êxodo, o Israel bíblico recebe de Deus mandamentos nos quais o cuidado com a preservação da natureza está claramente expresso: “O legislador israelita já reconhece a necessidade de que leis ambientais protejam a fauna e flora”, da mesma forma que “as leis mosaicas ordenam o respeito às plantas. [...] Mais ainda: a generosidade da terra estimula o ser humano a ser generoso com toda a criação, da qual ele é parte integrante” (CNBB, 2024, n.74-76).

Jesus de Nazaré, “por pertencer ao povo judeu, bem conheceu as tradições contidas na Torá. [...] Como um camponês galileu, integrado com a criação, observa atentamente a sociedade e o ambiente ao seu redor” (CNBB, 2024, n. 80). Nas parábolas, são constantes as referências aos elementos da natureza: sementes, figueiras, solo, mar. Na compreensão de Jesus, toda a terra é “pensada como cocriadora”, porque, se o ser humano lança a semente, é a terra que a acolhe e a transforma em fruto. Portanto, somos chamados a ser corresponsáveis, a compartilhar, a perceber nossa integração em um mundo onde o sopro, a *ruah* de Deus, habita e continua criando.

Na celebração da Eucaristia, a profunda comunhão de Jesus com todo o mundo da vida se apresenta em sua plenitude. O texto da CF nos remete a esta imagem tão linda, delineada pelo papa Francisco na *Laudato Si'*: “no apogeu do mistério da encarnação, o Senhor quer chegar ao nosso íntimo através de um pedaço de matéria. Não o faz acima, mas dentro, para podemos



encontrá-lo no nosso próprio mundo” (LS 236). No prólogo do Evangelho de São João, uma poesia de imensa beleza espiritual, o sentido profundo da encarnação e da criação e a ligação entre elas se explicitam plenamente. Cristo é o Alfa e o Ômega, por quem e para quem todas as coisas foram feitas. O Deus que liberta é o que cria. Por isso, também o papa Francisco ensina que nos cabe compreender o todo da criação “como aberto à transcendência de Deus, dentro do qual se desenvolve” (LS 79). Podemos sentir/pensar, portanto, que todo o universo, com seus bilhões de anos e incontáveis astros e estrelas, está envolvido em uma espécie de “teosfera”, onde o Espírito de Deus, que soprou no início, continuamente cria e recria. E nós, humanos, podemos e devemos encontrar um lugar de paz e aconchego nessa maravilhosa esfera da vida; assumir o lugar de cocriadores, humilde e plenamente integrados, contribuindo para o embelezamento do mundo e para a plenificação, nele, do Santo Espírito de Deus.

4. E, AGORA, AGIR NO MUNDO...

A força criadora do amor de Deus inspira, mas também exige que cada um de nós, seguidores de Jesus de Nazaré,

se ponha em ação neste tempo de catástrofes inusitadas. Se foi a ação humana que propagou o atual caos climático, somos nós os responsáveis por reverter o mal que espalhamos. Um primeiro passo é reconhecer que nem todos os humanos são igualmente responsáveis pela destruição. O papa Francisco, na Exortação Apostólica *Laudate Deum*, identifica a “elite do poder” como a beneficiária do caos e também, por sua ganância ilimitada, como sua geradora, impondo um modo de vida incompatível com o planeta, desenvolvido segundo o “paradigma tecnocrático”. A aliança entre o poder econômico e o poder dos Estados tem levado, muitas vezes, as políticas públicas a favorecer uma “economia que mata”. No Brasil, vemos que as isenções fiscais, os incentivos e as pesquisas não raro subsidiam práticas agrícolas destrutivas da natureza. Ademais, estamos entre os países mais violentos com os defensores dos direitos humanos e dos direitos da natureza. A cada ano, os relatórios de violência no campo demonstram como os povos indígenas, os camponeses, os quilombolas que defendem seus territórios estão submetidos a ameaças constantes. O assassinato da Irmã Dorothy, que em 2025 completa vinte anos, mostra que

“... o uso intensivo e abusivo dos bens da natureza, compreendidos como ‘recursos naturais’, está levando nosso planeta à exaustão.”

os mártires contemporâneos, assim como os do tempo de Jesus, seguem alvejando suas roupas em sangue inocente, enquanto esperam por justiça na terra dos vivos.

Na *Laudate Deum*, o papa nos chama a um “multilateralismo de baixo”: a ação dos povos, em alianças locais e globais, é o melhor, senão o único caminho seguro para a “reconciliação com o mundo”. Por isso, a Campanha da Fraternidade deve nos fortalecer para, em comunidade e comumhão, buscarmos caminhos de libertação. A conversão ecológica, como vimos, não é um percurso fácil. No entanto, atuando juntos, como irmãos e irmãs, seguidores de Cristo, podemos dar uma contribuição decisiva na busca de alternativas radicais e profundas a um modo de vida desrespeitoso com os outros seres criados e incompatível com o planeta. Nesse caminho, as pequenas ações, os gestos cotidianos, a mudança dos hábitos alimentares, do modo de vida e de consumo, contam muito. Não são, todavia, suficientes. Precisamos de uma mudança sistêmica. Assim, devemos também nos informar e atuar decisivamente na defesa dos territórios dos povos indígenas e quilombolas, na promulgação de leis e políticas públicas que favoreçam o cuidado com a natureza. Nossas escolas devem

repreender e ensinar, desde a mais tenra idade, formas de vida harmonizadas com a Terra. Não há tempo a perder. Agora é o momento de agir!

Que o Deus da vida nos guarde, acompanhe e conduza nesse caminho de volta para a Casa, nosso planeta Terra. Uma morada de muitos quartos, onde todos os seres criados são bem-vindos. Também nós, a humanidade peregrina.

vp

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CNBB. *Campanha da Fraternidade 2025: Texto-base*. Brasília, DF: CNBB, 2024.
- FRANCISCO, Papa. *Laudate Deum*: Exortação Apostólica sobre a crise climática. [Vaticano]: Libreria Editrice Vaticana, 2023. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/es/apost_exhortations/documents/20231004-laudate-deum.html. Acesso em: 3 out. 2024.
- FRANCISCO, Papa. *Laudato Si’*: Carta Encíclica sobre o cuidado da Casa Comum. [Vaticano]: Libreria Editrice Vaticana, 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/es/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 3 out. 2024.
- HAN, B. C. *Psicopolítica*: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Belo Horizonte: Ayine, 2018.
- LATOUR, B. O novo regime climático impõe uma nova forma de fazer política. *Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, 28 mar. 2022. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/617246-todos-se-sentem-traidos-entendemos-que-esse-modo-elo-nao-e-mais-possivel-entrevista-com-bruno-latour>. Acesso em: 3 out. 2024.
- MARGULIS, L. *O planeta simbótico*: uma nova perspectiva da evolução. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

VER, JULGAR E AGIR POR UMA ECOLOGIA INTEGRAL

A dimensão prática da CF-2025

Ver a realidade e identificar nela a presença do pecado ecológico só é possível se a olharmos sob a luz da Palavra de Deus. Essa mesma luz, que ilumina a realidade, ilumina-nos interiormente para agir, mudando atos e atitudes pessoais, comunitários e sociais em vista de uma ecologia integral que garanta a continuidade da vida na Terra, nossa Casa Comum.

*Pe. Jean Poul Hansen pertence ao clero da diocese da Campanha-MG, onde já foi pároco, assessor diocesano da catequese, professor nos seminários e coordenador diocesano da ação pastoral. É mestre em Teologia Dogmática pela Universidad Pontificia de Salamanca (2014) e especialista em Origens do Cristianismo pelo Instituto Agostiniano de Valladolid (2013), ambos na Espanha. É também especialista em Doutrina Social da Igreja pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2024) e docente licenciado da Faculdade Católica de Pouso Alegre-MG. Atualmente exerce a missão de secretário executivo de Campanhas na CNBB. E-mail: campanhas@cnbb.org.br





Neste ano em que celebramos os 2.025 anos da encarnação, isto é, do fato inédito de um Deus que assume nossa condição de criaturas, fazendo-se gente como a gente, no ventre da jovem Maria de Nazaré, nascendo entre nós envolto em faixas e deitado num coxo, “entre o boi e o burro” (1Cel 84), “porque não havia lugar para eles no andar dos hóspedes” (Lc 2,7), e submetendo-se assim às contingências da nossa história, a Campanha da Fraternidade (CF) nos convida, mais uma vez, a ver, julgar e agir por uma ecologia integral, com o tema: “Fraternidade e ecologia integral”.

O lema ilumina e dá o tom do olhar e da ação: “Deus viu que tudo era muito bom!” (Gn 1,31).

Entre as diversas motivações apresentadas pela Comissão Especial para a Ecologia Integral e Mineração, propositora desta CF junto ao Conselho Episcopal de Pastoral (Consep) da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), estão:

- os 800 anos do “Cântico das criaturas”, de São Francisco de Assis, poema do ser humano plenamente reconciliado consigo mesmo – não obstante suas próprias misérias –, com todas as criaturas, desde as visíveis às invisíveis, e com Deus;
- os 10 anos da publicação da Encíclica *Laudato Si'*, primeira expressão do magistério pontifício dedicada exclusivamente ao tema ecológico, tão caro ao papa Francisco e tão importante para o seu projeto de um novo humanismo integral e solidário, do qual são bases a amizade social (CF-2024), a educação (CF-2022 e Pacto Educativo Global), o diálogo (CF-2021) e a misericórdia ou compaixão (CF-2020). Não podemos nos esquecer da necessidade de “realmar a economia”, proposta da economia de Francisco e Clara;
- a recente publicação da Exortação Apostólica *Laudate Deum*, na qual o papa

Francisco admite que a LS ainda não foi ouvida, recebida e praticada, e talvez não tenhamos mais tempo para fazê-lo.

Estamos no decênio decisivo para o planeta! Ou mudamos, convertemo-nos, ou provocaremos, com nossas atitudes individuais e coletivas, um colapso planetário. Já estamos experimentando seu prenúncio nas grandes catástrofes que assolam o nosso país. E não existe planeta reserva! Só temos este! E, embora ele viva sem nós, nós não vivemos sem ele. Ainda há tempo, mas o tempo é agora! (Texto-base da CF-2025, n. 8).¹

- a realização da COP 30 no Brasil, em Belém-PA, em novembro de 2025, e a necessária mobilização das Igrejas, como entes da sociedade civil organizada, em vista da sua preparação e realização.

Assim, nosso olhar quer ser, ao mesmo tempo, contemplativo, cheio de louvor e ação de graças, e urgentemente comprometido com a conversão integral, que inclui a conversão ecológica, sem excluir nenhuma outra dimensão dessa realidade tão importante para a Quaresma e para nossa vida cristã, que caracteriza também a CF.

A CF, desde sua origem, é uma proposta concreta de conversão, uma “tentativa de deixar-se transformar pelo Evangelho, que deve modificar os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade” (cf. Puebla, n. 338; 1239; EN 18-20) (TB CF-2025, n. 1). Conversão que ultrapassa o nível pessoal/individual, chega ao âmbito comunitário/eclesial e transborda numa conversão social, capaz de mudar a vida das pessoas e suas relações, em vista de um mundo mais parecido com o desejado Reino de Deus.

¹ Doravante citado como TB CF-2025.

1. VER O PECADO PRESENTE NA NOSSA REALIDADE

Para realizar a conversão integral e ecológica desejada, precisamos partir de um ponto: a realidade. O Sínodo para a Amazônia afirma existir um pecado ecológico, isto é, o pecado que

consiste no desrespeito ao Criador e sua obra que é a Casa Comum. São ações ou omissões contra Deus, contra o próximo e contra o meio ambiente. É uma cegueira e perda de sensibilidade com o mundo ao nosso redor, tratando as pessoas e os seres vivos como objetos, esvaziando a dimensão transcendente de toda a criação, destruindo de maneira irresponsável a natureza, explorando sem limites os recursos da Terra e deixando para as gerações futuras um planeta fragmentado e insustentável (Documento final do Sínodo para a Amazônia, n. 82) (TB CF-2025, n. 51).

Nossa realidade mais concreta e palpável testemunha a abundante presença do pecado entre nós, também na sua dimensão ecológica. Vivemos uma crise socioambiental que não passa nem perto daquilo que Deus sonhou para sua obra, ao criá-la. Uma crise de muitas faces, envolvendo uma conjunção de fatores históricos, sociais, econômicos e políticos, calcada sobre o modelo

de desenvolvimento capitalista, baseado na exploração dos patrimônios naturais, na queima de combustíveis fósseis, como os derivados do petróleo, na expansão desenfreada do consumo e na relação mercantilista com a natureza, [que] tem contribuído para uma série de problemas ambientais, como a degradação do solo, o desmatamento, o extrativismo predatório, a poluição, a escassez de água, o comprometimento da biodiversidade com a extinção de algumas espécies e as mudanças climáticas (TB CF-2025, n. 26).

O BISPO, O PASTOR

AUTORIDADE NA IGREJA
É SERVIR

Papa Francisco / Carlo Maria Martini



A obra convida a uma reflexão sobre o episcopado: não só dos bispos sobre sua missão, mas também dos fiéis sobre a missão de seus tão amados pastores.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

“... qualquer tipo de destruição da obra criacional torna-se algo contrário à ótica bíblica da criação.”

É preciso um novo olhar sobre o mundo, com os olhos de Deus. Essa é a contribuição específica do cristianismo às sociedades contemporâneas.

Contrariamente a este paradigma tecnocrático, afirmamos que o mundo que nos rodeia não é um objeto de exploração, utilização desenfreada, ambição sem limites. Nem sequer podemos considerar a natureza como uma mera “moldura” onde desenvolvemos a nossa vida e os nossos projetos, porque “estamos incluídos nela, somos parte dela e compenetramo-nos” (LS 903), de tal modo que se contempla “o mundo não como alguém que está fora dele, mas dentro” (LS 934).

2. ILUMINAR AS TREVAS DO PECADO COM A LUZ DA PALAVRA DE DEUS

Grave risco corremos de nos propormos itinerários de conversão que nos façam voltar aos nossos interesses, aos nossos pontos de vista já consolidados, enfim, a nós mesmos. Por isso, a luz da Palavra de Deus, e sempre ela, é que define o caminho do discernimento entre a triste realidade do pecado e a ação concreta que nos conduz à vida nova.

A palavra escolhida para esta CF é do livro do Gênesis (1,1-2,4a), o primeiro relato da criação. Segundo ele, todas as criaturas

gozam de uma dignidade inegável por causa de sua origem divina.

No entanto, “anualmente, desaparecem milhares de espécies vegetais e animais, que já não poderemos conhecer, que os nossos filhos não poderão ver, perdidas para sempre. A grande maioria delas extingue-se por razões que têm a ver com alguma atividade humana. Por nossa causa, milhares de espécies já não darão glória a Deus com a sua existência, nem poderão comunicar-nos a sua própria mensagem. Não temos direito de o fazer” (LS 33) (TB CF-2025, n. 64).

A missão do ser humano é “cultivar e guardar” (Gn 2,15) o jardim da criação e jamais exterminar sua existência, seja de forma total ou mesmo parcial. “Eis também a tarefa deixada ao ser humano: descobrir a beleza, a bondade, a singularidade, a diversidade e a agradabilidade de todos os seres. Sendo assim, qualquer tipo de destruição da obra criacional torna-se algo contrário à ótica bíblica da criação” (TB CF-2025, n. 68).

Também o Novo Testamento ilumina nossa relação com o meio ambiente ao nos revelar a plena harmonia entre Jesus e a criação.

Jesus, um camponês galileu, integrado com a criação, observa atentamente a sociedade e o ambiente ao seu redor. Paisagens (rios, mares, montanhas, desertos, campos), fenômenos climáticos (o sol ardente, o vento tempestuoso), plantas e animais contemplados com admiração tornam-se fonte importante para sua compreensão da realidade, sua atuação e seu ensino. A Boa-nova do Reino de Deus traz consigo várias conotações socioambientais (TB CF-2025, n. 79).

Essas conotações socioambientais aparecerão também nas alegorias típicas dos Padres da Igreja (séculos I-V).

É certo, porém, que, à luz da Palavra de Deus, da qual eles foram incansáveis e zelosos comentadores, eles deixaram para nós afirmações que demonstram não somente um respeito profundo pela natureza, quanto uma consciência de interdependência entre os seres humanos e as demais criaturas de Deus (TB CF-2025, n. 94).

É, no entanto, na Doutrina Social da Igreja (DSI) que encontramos as luzes mais atuais do magistério no que tange à crise socioambiental que vivemos. Desde a *Rerum Novarum* (1891), de Leão XIII, até a *Laudate Deum* (2023), do papa Francisco, passando por *Mater et Magistra* (1961), *Pacem in Terris* (1963), *Populorum Progressio* (1967), *Octogesima Adveniens* (1971), *Redemptor Hominis* (1979), *Laborem Exercens* (1981), *Sollicitudo Rei Socialis* (1987), *Centesimus Annus* (1991), *Caritas in Veritate* (2009) e, sobretudo, *Laudato Si'* (2015), todos os pontífices romanos manifestaram sua preocupação e não se negaram a ensinar ao povo cristão e a todas as pessoas de boa vontade que o cuidado da criação é tarefa irrenunciável do ser humano

e que essa tarefa exige conversão constante de sua parte, seja nas suas concepções pessoais, seja nas suas mais variadas formas de organização social, política, econômica e eclesial.

O princípio da destinação universal dos bens da terra, o desenvolvimento dos povos, os perigos da exploração e da crescente ruptura entre sociedade e natureza, os princípios da ética ambiental, a urgência de educar para a responsabilidade ecológica, a interligação entre o zelo pelo ser humano e o zelo pela natureza, tudo isso é expressão de ampla tarefa eclesial que decorre da fé.

3. AGIR À LUZ DA PALAVRA PARA TRANSFORMAR A REALIDADE DO PECADO NA VIDA NOVA DA GRAÇA PASCAL

Não existe verdadeira conversão sem ação, sem mudança concreta de vida, dos atos e atitudes da pessoa, da comunidade e da sociedade que se dispõe docilmente a moldar-se segundo a vontade ou o projeto de Deus, expresso no Evangelho do Reino. O êxito da ação, no entanto, depende, em grande parte, da capacidade de ver/ouvir e de refletir/descernir.



“É preciso rever nosso modelo de progresso, redescobrir a dimensão transcendente da vida, a capacidade humana de contemplação e reafirmar a dimensão profunda do repouso.”

O exercício de ver e ouvir a realidade com o olhar contemplativo mobiliza diversas possibilidades de ação e de tomada de posicionamento diante dos desafios que se apresentam. De modo especial, o agir é consequência de processos de discernimento espiritual, debate coletivo, planejamento comunitário e decisões conjuntas que fazem parte de instâncias maiores de participação e transformação social (TB CF-2025, n. 132).

Bastaria isso para que cada pessoa, comunidade ou expressão da sociedade civil imersa nesse processo concluísse suas próprias ações, suas necessidades de mudança e conversão na relação com a Casa Comum e com todos os seus habitantes.

Essas ações, porém, devem ser expressões concretas de uma mudança de mentalidade, de estilo de vida, que permaneça doravante. Por isso, o Texto-base da CF-2025, no n. 138, apela a todos nós:

Conclamamos todas as pessoas de boa vontade a considerarem também a urgente necessidade de diminuirmos a marcha, de desacelerar nosso modelo desenvolvimentista. “Quando se colocam estas questões, alguns reagem acusando

os outros de pretender parar irracionalmente o progresso e o desenvolvimento humano. Mas temos de nos convencer de que reduzir um determinado ritmo de produção e consumo pode dar lugar a outra modalidade de progresso e desenvolvimento” (LS 191). [...] É preciso rever nosso modelo de progresso, redescobrir a dimensão transcendente da vida, a capacidade humana de contemplação e reafirmar a dimensão profunda do repouso (LS 237). Por conseguinte, precisamos considerar formas menos produtivistas de organização do trabalho e do tempo de trabalho, salvaguardando uma remuneração digna e justa e condições laborais e previdenciárias cada vez mais humanizadas aos trabalhadores. O aumento da carga horária mundial de trabalho é nocivo para a Casa Comum, assim como “o princípio da maximização do lucro, que tende a isolar-se de todas as outras considerações, é uma distorção conceitual da economia” (LS 195).

Como, porém, fazer isso concretamente?

A alternativa mais econômica e eficaz consiste em reduzir em curto prazo as emissões de dióxido de carbono (CO₂) e de metano (CH₄), fazendo a transição energética e apoiando a substituição da

“

O aumento da carga horária mundial de trabalho é nocivo para a Casa Comum.

”

energia proveniente de combustíveis fósseis pela energia solar e eólica, entre outras. Isso pode trazer benefícios significativos, em termos de sustentabilidade e desenvolvimento econômico: é fundamental que seja feito de maneira justa e respeite os direitos das comunidades locais, incluindo a consulta e o consentimento prévio, livre e informado. Isso significa envolver as comunidades, desde o início do processo de planejamento, e garantir que elas tenham voz nas decisões que afetam suas terras e meios de subsistência. Também é importante considerar os impactos ambientais negativos das fazendas eólicas e implementar medidas para minimizar seus efeitos, protegendo comunidades rurais, ecossistemas sensíveis e biodiversidades locais.

Outras ações possíveis são:

- a redução do desmatamento e da degradação das florestas e a restauração ecológica;
- o tratamento do lixo;
- o combate ao desperdício de alimentos;
- a valorização de modelos alternativos de produção;
- o combate ao consumismo;
- o investimento no saneamento básico;
- as políticas públicas de prevenção na saúde e de enfrentamento das mudanças climáticas;
- o investimento na educação ecológica e ambiental nas comunidades, escolas e universidades; etc.

Para nos inspirar à ação, o Texto-base apresenta boas práticas que estão sendo desenvolvidas pela Igreja e por organizações da sociedade civil em todas as regiões do Brasil (n. 139-153).

Pessoa, comunidade – e, nela, a escola católica – e sociedade, também os operadores das artes, da cultura e da mídia, são desafiados a encontrar seus caminhos próprios para a ação em defesa da Casa Comum.

Tempos especiais de mobilização, por iniciativa local ou mundial, são oportunidades para

prolongar por todo o ano a reflexão da CF, em vista da conversão das atitudes e da consequente mudança do modo de vida no planeta:

- Semana *Laudato Si'*, de 18 a 25 de maio;
- Junho Verde;
- Tempo da criação, de 1º de setembro a 4 de outubro;
- As celebrações dos 800 anos do “Cântico das criaturas”;
- Todo o processo de preparação e realização da COP 30 em Belém-PA.

Concluímos nossa reflexão com o mesmo espírito que a iniciamos: de contemplação agradecida e de disposição para a conversão. Com São Francisco, queremos dizer repetidamente: “Louvado sejas, meu Senhor, com todas as tuas criaturas!” No entanto, com o papa Francisco, queremos também reconhecer a urgência de empreender um “percurso de reconciliação com o mundo que nos alberga e [...] enriquecê-lo com o próprio contributo, pois o nosso empenho tem a ver com a dignidade pessoal e com os grandes valores” (LD 69).

VP

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

-
- BRASILEIRO, E. (org.). *Realmar a economia: a economia de Francisco e Clara*. São Paulo: Paulus, 2023.
- CNBB. *Campanha da Fraternidade 2025*: Texto-base. Brasília, DF: CNBB, 2024.
- FRANCISCO, Papa. *Laudate Deum*: Exortação Apostólica sobre a crise climática. Brasília, DF: CNBB, 2023. (Documentos Pontifícios, 59).
- FRANCISCO, Papa. *Laudato Si'*: Carta Encíclica sobre o cuidado da Casa Comum. Brasília, DF: CNBB, 2016. (Documentos Pontifícios, 22).

SÃO ROMERO DA AMÉRICA LATINA

O artigo pretende apresentar, reapresentar e homenagear São Romero da América, na comemoração de 45 anos de seu martírio, em San Salvador, capital de El Salvador, em 24 de março de 1980; a força espiritual de sua palavra em defesa da vida, em nome da esperança, da justiça e da libertação.

1. MEMÓRIA E COMPROMISSO

“Por que se mata? Mata-se porque atrapalha. Pra mim, são verdadeiros mártires no sentido popular. Naturalmente, não estou entrando no sentido canônico, no qual ser mártir supõe um processo de autoridade suprema da Igreja, que o proclama mártir perante a Igreja universal. Respeito essa lei e nunca direi que os nossos padres assassinados foram martirizados, ainda não canonizados. Mas eles são mártires no sentido popular. São homens que pregaram precisamente esta encarnação da pobreza” (Romero, in Gonzalo, 2022, p. 28).

No dia 24 de março de 2025, comemoram-se 45 anos do martírio de São Romero da América, pastor e mártir nosso! Dom Oscar Arnulfo Romero y Galdámez

foi o quarto arcebispo metropolitano de San Salvador, capital de El Salvador. Nasceu em Ciudad Barrios, distrito de San Miguel, em 15 de agosto de 1917, numa família pobre. Em 1930 entrou no seminário de San Miguel. Seus superiores mandaram-no a Roma, para estudar e doutorar-se na Pontifícia Universidade Gregoriana. Foi ordenado padre em 4 de abril de 1942. Em 25 de abril de 1970, foi nomeado bispo auxiliar de San Salvador e, em 15 de outubro de 1974, bispo de Santiago de María. Em 3 de fevereiro de 1977, foi nomeado arcebispo de San Salvador. Escolhido como arcebispo por seu aparente conservadorismo, uma vez nomeado, aderiu aos ideais da não violência, posição que o levou a ser comparado a Mahatma Gandhi e a Martin Luther King.



Com a morte do amigo e padre jesuítia Rutilio Grande, em 12 de março de 1977, D. Oscar Romero passou a denunciar, em suas homilias dominicais, as numerosas violações aos direitos humanos em El Salvador e manifestou publicamente sua solidariedade com as vítimas da violência política, no contexto da guerra civil no país. Defendia a opção pelos pobres. Dom Romero afirmou que foi o exemplo do padre Rutilio Grande e sua morte que o convenceram a ficar firmemente ao lado dos pobres, dos esquecidos, dos perseguidos e dos injustiçados salvadorenhos. Depois da morte do amigo, ele passou a acusar frontalmente os capitalistas, os governantes, os militares e os ricos, responsabilizando-os por todos os males ocorridos no país.

No dia 24 de março de 1980, às 18 horas, o arcebispo de San Salvador celebrava missa na capela do Hospitalito,² hospital de religiosas que cuidavam de doentes com câncer. No momento da consagração, o tiro desfechado por um atirador de elite, escondido atrás da porta traseira da capela, atingiu o coração do pastor e matou-o imediatamente. Selou, assim, seu testemunho com sangue, como Jesus e todos os mártires cristãos. Entretanto, sua morte não pode ser desconectada de sua vida: foi o selo coerente desta. Calava-se assim a voz que defendia os pobres no regime cruel e sangrento que dominava El Salvador. E D. Romero passaria a estar vivo, a partir de então, no coração de seu povo, ao qual profetizou que ressuscitaria, se o matassem.

Em 23 de maio de 2015, foi declarado beato. O primeiro papa latino-americano reconheceu Romero como “mártir da Igreja”, pois havia sido assassinado por “ódio à fé”. Em 14 de outubro de 2018, foi canonizado. Sobre São Romero, disse o papa Francisco:

São Oscar Romero soube encarnar, com perfeição, a imagem do Bom Pastor que dá a vida pelas suas ovelhas. Por isso, agora e, sobretudo, desde a sua canonização, vocês podem encontrar nele “exemplo e estímulo” no ministério que lhes foi confiado: exemplo de predileção, para os mais necessitados da misericórdia de Deus; estímulo para testemunhar o amor de Cristo e a solicitude pela Igreja. Que o santo bispo Romero os ajude a ser, para todos, sinais da unidade na pluralidade, que caracteriza o santo povo de Deus.

São Oscar Romero concebia o sacerdote entre dois grandes abismos: o da infinita misericórdia de Deus e o da infinita miséria dos homens. Queridos irmãos, esforcem-se, sem cessar, para realizar este infinito anseio de Deus de perdoar os homens, que se arrependem de suas misérias, e abrir os corações de seus irmãos à ternura do amor de Deus, também mediante a denúncia profética dos males do mundo.

Ele repetia, com vigor, que todo católico deve ser mártir, porque mártir significa dar testemunho da mensagem de Deus aos homens. Deus quer estar presente em nossas vidas e nos convida a anunciar a sua mensagem de liberdade para toda a humanidade. Somente nele podemos ser livres do pecado, do mal, do ódio em nossos corações; livres para amar e acolher o Senhor e nossos irmãos e irmãs. Esta verdadeira liberdade, aqui na terra, passa pela preocupação com o homem concreto, para despertar em cada coração a esperança da salvação.

São Oscar Romero dizia que, sem Deus e sem o ministério da Igreja, isso não é possível. Certa vez, referiu-se à crisma como o “sacramento dos mártires”: sem a força do Espírito Santo, os primeiros cristãos não teriam resistido às provações da perseguição, não teriam morrido por Cristo.

² Nome carinhoso como era conhecido o Hospital da Divina Providência pelo povo salvadorenhos.

A memória de São Oscar Romero é uma oportunidade excepcional para enviar uma mensagem de paz e reconciliação a todos os povos da América Latina (Papa [...], 2018).

Para o povo de El Salvador e de toda a América Latina e Caribe, ele já era e é, há muito tempo, o nosso santo, pastor e mártir.

2. MÁRTIR DA ESPERANÇA, DA JUSTIÇA E DA LIBERTAÇÃO

“Cristo está dizendo para cada um de nós: se você quer que a sua vida e a sua missão sejam produtivas como a minha, faça como eu. Converta-se em uma semente que se deixa ser enterrada. Deixe que o matem. Não tenha medo. Aqueles que evitam o sofrimento permanecerão sozinhos. Ninguém é mais solitário do que a pessoa egoísta. Mas se você der a sua vida por amor aos outros, como eu dou a minha por todos, você obterá uma grande colheita. Você sentirá uma profunda satisfação. Não tema a morte ou ameaças” (Romero, in Wright, 2011, p. 86).

Nosso mártir primeiro é Jesus de Nazaré, e com sangue de mártir não se pode brincar. Mártir é palavra forte, inquieta e inquietante. A palavra grega *mártys* significa “testemunha”. O/A mártir é a testemunha da fé, que seguiu, por toda sua vida, os passos de Jesus de Nazaré, até as últimas consequências.

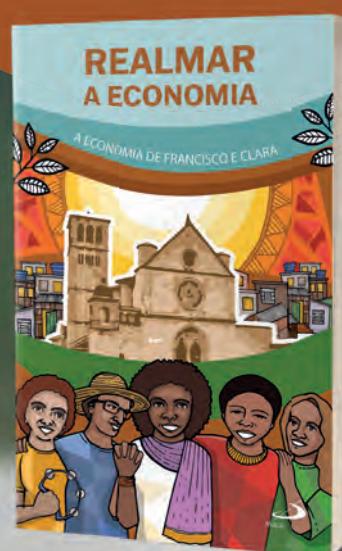
Romero sabia que seu comportamento alimentava a esperança de uma vida mais livre, mais humana, e agia assim levado por sua missão de cristão e bispo; sabia que isso poderia conduzi-lo à morte. Pelas virtudes de sua vida, podemos defini-lo como *mártir da esperança* (Vitali, 2015, p. 10).

Esperança é todo sentimento que leva o ser humano a olhar para o futuro, para o incerto, sabendo que colheu bons frutos do

REALMAR A ECONOMIA

A ECONOMIA DE FRANCISCO E CLARA

Eduardo Brasileiro (org.)



Um convite para repensar a forma com que cuidamos de nossa casa (Oikos), propondo uma economia refundada nos valores do cuidado e do amor: a economia de Francisco e Clara.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

“

No momento da consagração, o tiro desfechado por um atirador de elite, escondido atrás da porta traseira da capela, atingiu o coração.

”

passado, aprendeu com os erros e experimenta, no presente, o amparo nos desafios cotidianos desta vida.

Romero percebia que suas atitudes eram de um profeta comprometido com o cotidiano e a dignidade do povo, com a justiça feita ao povo:

Com a linguagem da justiça, estamos outra vez ante um tema central na Bíblia. Nela, o termo justiça remete à justiça social, ao reconhecimento dos direitos das pessoas, com um acento na condição dos mais pobres.

A linguagem profética tem em conta o dia a dia das injustiças, prosternações, maus-tratos, mortes, lucros, sofrimentos, alegrias que se dão na história. É uma linguagem que denuncia o que vai contra a mensagem do Reino e que anuncia sua presença na história. A respeito disso, e por experiência, Romero rechaçava: “Uma palavra muito espiritualista, sem compromisso com a história, que pode soar em qualquer parte do mundo porque não é de nenhuma parte, não cria problemas, nem conflitos” (Homilia, 10 dez. 1977). Espiritualista, não espiritual. Era consciente de que

sua palavra clara, precisa e próxima à situação que atravessava seu povo lhe atrairia dificuldades e hostilidade, mas não pronunciá-la seria trair o Evangelho. [...] A linguagem da gratuidade dá horizonte à justiça, coloca-a no marco do amor gratuito de Deus, do Deus amor. Deus não é amor porque ama, mas, sim, ama porque é amor. Não é justo porque faz justiça, mas, sim, faz justiça porque é justo. Por sua vez, a linguagem da justiça dá concreção histórica à da gratuidade e contemplativa e contribui para inseri-la na história de pessoas e povos (Gutierrez, in Bingemer, 2012, p. 49-50).

Justiça é uma virtude moral que inspira o respeito e o cumprimento dos direitos e deveres do ser humano, representando uma maneira de amenizar e erradicar os efeitos das desigualdades sociais na sociedade em que se vive.

Romero entendia que a libertação é fruto da união de todo o povo de Deus. Entendia que a libertação engloba toda a natureza:

A libertação que a Igreja espera é uma libertação cósmica. A Igreja sente, em si mesma, que é toda a natureza que está gemendo sob o jugo do pecado. Que belos cafezais, que belos riachos, que lindas plantações de algodão, que fazendas, que terras que Deus nos tem dado! Que natureza bela! Entretanto, quando a vemos gemer sob a opressão, sob a iniquidade, sob a injustiça, sob a agressão, isso faz a Igreja sofrer e a faz esperar uma libertação. Libertação que não seja só o bem-estar material, mas que seja o poder de um Deus que livrará das mãos pecadoras dos seres humanos uma natureza que, com a humanidade redimida, vá cantar a felicidade no Deus libertador (Romero, in Richard, 2005, p. 15-16).

Libertação é a ação de pôr-se em liberdade ou de conceder a liberdade a alguém. Implica o ser humano desenvolver uma ação segundo a sua própria vontade. A liberdade está relacionada com outras virtudes, como a justiça, a fraternidade e a igualdade.

Romero era uma pessoa simples, aberta, perspicaz, de grande sensibilidade para com as crianças, de gestos proféticos e compromisso. Soube acolher as pessoas com amor e atenção, conseguiu manter viva a esperança fiel do povo salvadorenho, soube sentir o cheiro das ovelhas. Em sintonia com o Evangelho, fez da sua Igreja local uma Igreja em saída, como pede o papa Francisco (Xavier; Sbardelotti, 2022, p. 180).

3. FORA DOS POBRES NÃO HÁ SALVAÇÃO!

A situação de nosso país é muito difícil, mas a figura de Cristo transfigurado, em plena Quaresma, está nos mostrando o caminho a seguir. O caminho da transformação de nosso povo não está longe. É o caminho que a Palavra de Deus nos aponta hoje: o caminho da cruz, do sacrifício, do sangue e da dor, mas com o olhar cheio de esperança na glória de Cristo, que é o Filho eleito pelo Pai para salvar o mundo. Ouçamos a voz de Cristo! Cremos em um só Deus, Pai todo-poderoso (Romero, in Souza; Boff; Casaldáliga, 1980, p. 179).

Jon Sobrino nos diz que a fórmula *extra pauperes nulla salus* (“fora dos pobres não há salvação”) é uma novidade, um escândalo e, certamente, algo contracultural. Trata-se de sacudida para levar absolutamente a sério a prostração de nosso mundo e o que há de salvação debaixo da história, que tantas vezes se ignora, não se comprehende e se despreza (Sobrino, 2008, p. 14).

SINODALIDADE E PASTORALIDADE

OLHARES DIVERSOS

Antonio de Lisboa Lustosa Lopes / Thales Martins dos Santos (orgs.)



Com base no convite do papa Francisco para vivermos uma Igreja em saída, a obra traz importantes reflexões e discernimentos sobre os desafios eclesiais, pastorais e sociais em diálogo com a sinodalidade.



Aponte a câmera do seu celular e confira!

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

“

Para defender os pobres, Monsenhor confrontou aqueles que mentem e assassinam, sejam pessoas, instituições ou estruturas – e aceitou o preço a pagar.

”

O teólogo espanhol relembra uma frase dita a ele por Romero: “*Gloria Dei vivens pauper*” (“A glória de Deus é o pobre que vive”). É a partir dos pobres que se reformula o mistério de Deus. Os pobres deste mundo são o lugar teológico (*locus theologicus*) do encontro com o Deus da vida, com o Deus libertador. Desse lugar teológico provém a salvação:

O camponês entendeu bem a opção de Monsenhor Romero pelos pobres: “Ele nos defendeu como pobres”. Monsenhor defendeu os pobres e oprimidos do país. Ele não optou apenas por eles. Esta defesa significou promover a organização popular e a assistência jurídica para defender os camponeses e as vítimas daqueles que os oprimiram e reprimiram. [...] E certamente, semana após semana, ele defendeu os pobres e as vítimas com a verdade que proclamava publicamente nas suas homilias. Fica claro, então, que Monsenhor defendeu os oprimidos.

Mas você também precisa entender o que significa defender. Defender significa enfrentar e, quando necessário, lutar contra aqueles que atacam, empobrecem, perseguem, oprimem e reprimem. Para defender os pobres, Monsenhor confrontou aqueles que mentem e assassinam, sejam pessoas, instituições

ou estruturas – e aceitou o preço a pagar. E a sua defesa foi primária, que foi muito além do que se convencionou entender por “defender um caso” com o objetivo, ainda, de “ganhar um caso”, como frequentemente aparece nos programas de televisão. Ganhar um caso nunca foi a perspectiva do Monsenhor, obviamente. Trabalhou e lutou para que a realidade maltratada, a justiça e a verdade vencessem. Mais a fundo, trabalhou e lutou para que algum dia os habituais não perdessem.

Monsenhor foi um defensor dos pobres com tudo o que era e tinha (Sobrino, in Xavier; Sbardelotti, 2022, p. 36).

Romero concebia e fazia questão de orientar, em sua atuação pastoral e profética, uma volta ao mundo dos pobres, um mundo real e concreto, assumindo quatro pontos importantes: 1) encarnação no mundo dos pobres; 2) anúncio da Boa-nova aos pobres; 3) compromisso com a defesa dos pobres; 4) Igreja perseguida por servir os pobres.

- 1) *Encarnação no mundo dos pobres.* A aproximação com o mundo dos pobres, entendida como encarnação e conversão para fora da Igreja.
- 2) *O anúncio da Boa-nova aos pobres.* O encontro com os pobres revelou a verdade central do Evangelho: “Felizes os pobres no Espírito, porque deles é o Reino dos Céus” (Mt 5,3). À luz da Palavra de Deus, a esperança e a ação segundo os valores do Reino.
- 3) *Compromisso com a defesa dos pobres.* A Igreja deve pôr-se sempre ao lado dos pobres e assumir, sem dúvida, a sua defesa.
- 4) *Igreja perseguida por servir os pobres.* A perseguição faz a Igreja testemunhar com maior garra a opção feita por Jesus de Nazaré em defesa dos pobres.

A perseguição e ataques sempre estão e estarão ligados à defesa dos pobres.

Em sintonia com o pensamento de Romero e pedindo sua ajuda na caminhada, com alegria e esperança, cantemos. **VP**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BINGEMER, M. C. (org.). *Dom Oscar Romero: mártir da libertação*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Aparecida: Santuário, 2012.

GONZALO, L. A. *São Romero dos direitos humanos: lições éticas, desafio educacional*. São Paulo: Paulus, 2022.

IRMANDADE DOS MÁRTIRES DA CARMINHADA. *Celebrações martiriais: tríduo e celebração da festa de São Romero da América, pastor e mártir nosso!* Goiânia: América, 2015.

NOVA Bíblia Pastoral. São Paulo: Paulus, 2018.

PAPA: São Oscar Romero, exemplo e estímulo para os povos da América Latina. *Vatican News*, Vaticano, 15 out. 2018. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2018-10/papa-francisco-canonizacao-monsenhor-romero.html>. Acesso em: 3 out. 2024.

RICHARD, P. *A força espiritual da palavra de Dom Romero*. São Paulo: Paulinas, 2005.

SOBRINO, J. *Fora dos pobres não há salvação: pequenos ensaios utópico-proféticos*. São Paulo: Paulinas, 2008.

SOUZA, L. A. G. de. BOFF, L.; CASALDÁLIGA, P. (org.). *D. Oscar Romero, bispo e mártir: homilias*. Petrópolis: Vozes, 1980.

VITALI, A. *Oscar Romero: mártir da esperança*. São Paulo: Paulinas, 2015.

WRIGHT, S. *Oscar Romero e a comunhão dos santos*. São Paulo: Paulus, 2011.

XAVIER, D. J.; SBARDELOTTI, E. (org.). *San Romero de América: martirio, esperanza, liberación*. Montevideo: Ameríndia, 2022.

CASA COMUM OU GLOBALIZAÇÃO DA INDIFERENÇA?

ENSAIOS SOBRE ECOLOGIA INTEGRAL, FRATERNIDADE, POLÍTICA E PAZ

Paulo César Nodari



O livro apresenta cinco ensaios com reflexões sobre grandes desafios éticos e políticos de nosso tempo, motivadas, especialmente, pelas cartas encíclicas *Laudato Si'* (2015) e *Fratelli Tutti* (2020), do papa Francisco.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

ROTEIROS HOMILÉTICOS

Junior Vasconcelos do Amaral*



ACESSE TAMBÉM O PROGRAMA
PALAVRA VIVA PELO QR CODE
AO LADO.



março

Os cantos das celebrações, bem como as respectivas indicações de autoria e as partituras, podem ser acessados por meio dos códigos QR ao lado. Ouça os álbuns da Paulus, de forma gratuita, nas principais plataformas de *streaming*.



abril

8º DOMINGO DO TEMPO COMUM

2 de março

Toda árvore é reconhecida pelos seus frutos

I. INTRODUÇÃO GERAL

“A ressurreição é o poderoso ‘Sim’ de Deus, o seu ‘Amém’ pronunciado sobre a vida do seu Filho, Jesus.” Com essas palavras inspiradoras do frei Raniero Cantalemma, podemos traduzir a grandiosa força e experiência que os vindouros tempos de Quaresma e Páscoa nos possibilitarão vivenciar: mergulharmos na experiência da conversão e no epicentro da nossa fé, no *mysterium paschale* de Cristo. No Evangelho, Jesus ensina seus discípulos e a nós, hoje, a viver com sabedoria em todos os instantes da vida, pois nossas atitudes são como frutos de uma árvore, à qual somos comparados. Na primeira leitura, o sábio de Israel, autor do Eclesiástico, recomenda que nossa língua sirva para edificar e construir, e que não sejamos insensatos ao falar, pois a boca fala o que tem o coração. Na segunda leitura, o apóstolo Paulo lembra que a ressurreição de Cristo é o evento máximo da história da humanidade: é por Cristo e em Cristo que

vivemos nossa vida, nele morremos e nele também ressuscitamos.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Eclo 27,5-8)

O livro sapiencial do Eclesiástico, que não está contido nas edições bíblicas protestantes/evangélicas, mas está presente nas bíblias de edições católicas, é considerado um escrito deuterocanônico, ou seja, canonizado posteriormente, contendo inúmeros ensinamentos para o ser humano que se encontra aberto ao aprendizado. Este livro, da mesma forma que outros, conhecidos como sapienciais, oferece práticas e reflexões ao ser humano para o bem viver. Na passagem deste domingo, o sábio tem como tema a palavra que sai da boca, a conversão. É pela palavra que uma pessoa revela o que traz no coração. As palavras saem do interior da consciência, mas, em alguns momentos, também do próprio inconsciente, como bem compreendeu a ciência conhecida como psicanálise.

O primeiro versículo compara o falar do ser humano com a ação de peneirar. Quando se sacode a peneira, fica nela apenas o refugo. Assim, quando alguém abre a boca, muitas palavras saem; algumas nem sempre são boas, e outras podem edificar.

*Junior Vasconcelos do Amaral é presbítero da arquidiocese de Belo Horizonte-MG e vigário episcopal da Região Episcopal Nossa Senhora da Esperança (Rense). Doutor em Teologia Bíblica pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje), realizou parte de seu doutorado na modalidade “sanduíche”, estudando Narratologia Bíblica na Université Catholique de Louvain (Louvain-la-Neuve, Bélgica). Atualmente, é professor do Departamento de Teologia e do Programa de Pós-Graduação “Mestrado Profissional em Teologia Prática” na PUC-Minas, em Belo Horizonte, e desenvolve pesquisas sobre análise narrativa, sobre Bíblia e psicanálise e sobre teologia pastoral. E-mail: jvsamaral@yahoo.com.br

O falar de uma pessoa é provado como o vaso de barro do oleiro, que ao forno é levado. No caso do ser humano, é sobretudo nos momentos difíceis que pode dizer coisas que o autodestruam ou rompam suas relações, gerando trincas e sofrimentos, como um vaso que não foi bem cozido. O v. 7 se refere ao fruto que revela como a árvore foi cultivada. Assim, a palavra de uma pessoa revela como ela foi educada ou não, como foi o cuidado que recebeu desde a tenra infância, as dores que traz em seu coração ou as levezas que marcam sua psique. Por fim, o v. 8 aconselha a não elogiar uma pessoa antes de ouvir suas palavras, aquilo que ela tem a oferecer de seu coração por meio de sua boca. Em outros termos, “a boca fala do que o coração está cheio”.

2. II leitura (1Cor 15,54-58)

A primeira carta aos Coríntios é uma fonte teológica acerca da ressurreição, da vida incorruptível e imortal que, em Cristo, nos será concedida pela fé após nossa vida mortal. Cristo venceu a morte e desfez seu aguilhão. A morte não tem vitória e primazia sobre aquele que crê em Cristo. É Cristo que nos concede a vitória sobre a morte. Para Paulo, esta vida mortal e a vida imortal devem ser vividas em Cristo. “Em Cristo” é a categoria, a forma, o modo como somos convidados pelo apóstolo a viver nossa vida. Trata-se de condição nova de viver na e pela fé nele, o Ressuscitado. No v. 56, Paulo acena para o aguilhão da morte, o pecado. A Lei é a força do pecado.

Para o apóstolo dos gentios, nossa Eucaristia, nossa ação de graças é ao Pai, que nos dá em Cristo sua vitória. Foi o Pai quem ressuscitou o Filho pela força restauradora do Espírito Santo, por isso toda vida cristã está alicerçada na vida trinitária de Deus. O v. 58 é uma exortação do apóstolo para que o cristão fique firme e inabalável, pois é Deus quem o sustenta. É preciso, de igual

modo, empenhar-nos cada vez mais na obra do Senhor, que é a soteriologia, a salvação, pois Deus nos criou a todos para a salvação eterna. As fadigas, os desafios, as dificuldades que um cristão enfrenta não são sem sentido: estão ligadas à vida de Cristo, que por nós sofreu e morreu e também nos ressuscita por sua ressurreição. O que essa leitura tem em comum com a liturgia deste domingo é a sabedoria, mesmo que implícita, de Deus: ele nos criou para a salvação e nos ajuda a chegar ao bom termo por seu amor doado a nós em Cristo, seu amado Filho.

3. Evangelho (Lc 6,39-45)

Este Evangelho nos apresenta uma característica importante da identidade de Jesus: a sabedoria. Ser sábio, para a tradição judaica, significa saber oferecer o bom senso aos outros, e é exatamente isso que encontramos nessa narrativa lucana. Essa seção do Evangelho de Lucas está localizada após o discurso inaugural e as bem-aventuranças, no início do capítulo 6. Jesus, para Lucas, é um mestre (*didaskaloī*) que vai gradativamente ensinando seus discípulos. A cristologia dos Evangelhos sinóticos (Mt, Mc e Lc) apresenta, sempre em partes distintas dos Evangelhos, Jesus ensinando, como mestre, a seus discípulos. Essa é uma matéria muito importante para a cristologia do Novo Testamento.

No fim dessa seção, encontramos uma passagem parabólica com pequenos ensinamentos, uma espécie de coletânea sapiencial: o cego que não pode guiar a outro cego (v. 39); o discípulo que não é maior que seu mestre (v. 40); o cisco do olho do outro e a trave no olho daquele que, hipocritamente, busca tirar o cisco do olho do irmão (v. 41-42); a árvore boa que só gera bons frutos (43-44); a árvore reconhecida por seus frutos (v. 43); figos que não nascem em espinheiros, nem uvas de plantas espinhosas; por fim, o homem bom, que tira coisas boas do tesouro de seu coração,

e o mau, que tira coisas ruins, pois sua boca fala do que seu coração está cheio (v. 44-45). Esse último versículo está em relação estreita com a primeira leitura, que refletiu sobre o que sai da boca de uma pessoa.

O Evangelho, portanto, convida-nos a viver a sabedoria em todos os momentos da existência. Essa coletânea sapiencial evidencia, no ordinário do dia a dia, coisas possíveis e impossíveis de acontecer; e quando as que parecem impossíveis acontecem, podem trazer um malefício, como um cego que guia outro cego, sob o risco de os dois juntos caírem em alguma cilada do caminho, ou como a árvore boa que pode gerar fruto ruim ou permitir que seu fruto, depois de colhido, adoeça e se torne ruim, por já não ter poder sobre o fruto que dela foi destacado. No Evangelho de Lucas, há uma caracterização cristológica ímpar, a qual nos revela um Jesus sábio que vem para cumprir a justiça (*dikaiosyne*) de Deus, desde o início até o fim do Evangelho.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Somos chamados a avaliar o efeito de nossas palavras e refletir sobre elas, sobre aquilo que sai de nossa boca: é bom? Faz bem? Ajuda o outro? O que falamos é justo e necessário? Ou estamos vivendo em comunidades tóxicas, repletas de fofocas e palavras vazias, que não constroem a sinalidade? O apóstolo Paulo nos convida a edificar nossa fé na ressurreição, vivendo em Cristo como novas criaturas e superando as dificuldades que vivemos no tempo presente em vista da vida salva que nos aguarda. Por último, o Evangelho enriquece nosso modo de agir: somos comparados a “árvore”, plantadas temporária e transitoriamente neste mundo, no qual somos convidados a gerar vida, frutificar e alimentar as pessoas com as quais convivemos, dentro e fora de nossas comunidades de fé.

QUARTA-FEIRA DE CINZAS

5 de março

Guardai-vos de praticar vossa justiça diante dos outros

I. INTRODUÇÃO GERAL

A Quaresma é o tempo de plantar no coração as sementes que, durante este período, germinarão a fim de na Páscoa serem colhidos os frutos da graça e do amor na ressurreição do Senhor. Por isso, trata-se de tempo de conversão, de reviravolta nas entradas de nossa fé, como a semente que na terra faz germinar uma nova vida. Neste dia, iniciamos, na Igreja do Brasil, a Campanha da Fraternidade de 2025, motivados pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil a refletir sobre o tema: “Fraternidade e ecologia integral”, com o lema bíblico: “Deus viu que tudo era muito bom” (Gn 1,31), expressão divina que está no fim do relato da criação do mundo e da humanidade. Neste ano de 2025, celebraremos os dez anos de publicação da *Laudato Si’* (“Louvado sejas”), carta encíclica do papa Francisco sobre o cuidado com a Casa Comum. Dessa maneira, somos inspirados por nossa mãe Igreja a nos comprometermos com o meio ambiente no qual estamos inseridos, no sentido de cuidar dele e fazer que haja vida para todos em abundância (Jo 10,10b). No Evangelho, encontramos Jesus ensinando a nova prática de piedade: a esmola, a oração e o jejum, gestos que agradam a Deus. Na primeira leitura, o profeta Joel nos convida a rasgar o tecido do pecado que pode envolver nosso coração e, na segunda leitura, Paulo nos exorta a colaborar com Cristo na promoção da reconciliação do gênero humano com Deus – começando por nós próprios.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Jl 2,12-18)

O profeta Joel é enfático neste tempo de conversão. Evoca em seus lábios a voz

de Deus, que nos convida a retornar para ele com jejuns, lágrimas e gemidos (v. 12), como verdadeiros arrependidos, tristes por nossa condição de pecadores. O profeta diz: “rasgai os corações e não as vestes” (v. 13), o que, para a tradição bíblica, sinaliza modificar por dentro o que deve ser apresentado ou percebido por fora, em nossas atitudes e práxis, tal como a metáfora da semente que se deixa morrer para renascer, da mesma forma que Cristo será sepultado para ressurgir da morte. Nesse v. 13, o profeta ainda nos apresenta Deus: “ele é benigno e compassivo, paciente e cheio de misericórdia, inclinado a perdoar o castigo”. O profeta Joel, antes de tudo um exímio teólogo de seu tempo, evidencia as condições de possibilidade para a conversão de seu povo, pois o Deus em que eles creem, assim como hoje também nós cremos, é bondoso, age com compaixão, tem a face misericordiosa e é capaz de perdoar. Trata-se de uma teologia positiva sobre Deus. Não há, assim, por que temê-lo, pois ele é tudo o que seu povo precisa e espera, tal como um pai ou uma mãe que acalenta seu povo ao colo e o atraí para si.

O profeta, no v. 14, apresenta uma condição: voltar. Trata-se de um jogo de palavras: em hebraico *sílb*, “voltar”, “arrepender-se”. O povo é chamado a arrepender-se. O resultado esperado que o profeta deseja é o arrependimento e a conversão, e assim Adonai agirá como acima descrito. O que o profeta está ressaltando é a vontade soberana do Senhor (cf. Am 5,15; Jn 3,9; Zc 2,3), o arrependimento e a mudança de vida são uma convocação para todos, desde os menores até os idosos. O v. 15 lembra do toque da trombeta, o *shofar*, utilizado não apenas nos assuntos militares, mas também no culto (Lv 25,9; Sl 81,4), no tempo da *Pessach*. Trata-se do convite à observação cultural que trará o perdão de Adonai. Nessa intimação, os participantes são listados detalhadamente por Joel no v. 16 – anciões e crianças de colo,

até mesmo a noiva e o noivo são chamados a se juntar à penitência. O v. 17 fala sobre os ministros, postos entre o vestíbulo e o altar, que clamam o perdão de Deus para seu povo. Frequentemente entre lamentos, os que sofrem se queixam de seus adversários e se perguntam onde está Deus (Sl 42,4.11; Sl 79,10; Mq 7,10; Ml 2,17). O v. 18 assegura que Adonai escutou a oração dos suplicantes, encheu-se de zelo por sua terra e perdoou ao seu povo. Duas atitudes fundamentais de Deus: amar e perdoar.

2. II leitura (2Cor 5,20-6,2)

Na segunda carta aos Coríntios, é nítido o convite paulino à Igreja para que se reconcilie com Deus. O autor afirma que somos embaixadores de Cristo, e Deus, por meio de nós, seus servidores, exorta todos à reconciliação com ele. A reconciliação é o vínculo da união perfeita com Deus e com os irmãos, fazendo-nos reatar os laços cortados pelo pecado, pela indiferença e por tudo o que não convém ou não provém de Deus. A comunidade cristã é como um tecido inteiro, no qual o pecado vai esgarçando as relações e rasgando a integridade. Só corações reconciliados são capazes de forjar novo tecido de unidade e paz. Em 5,21 percebemos o papel de Cristo na reconciliação: mesmo reconhecido como sem pecado em Hb 4,15 e 1Pd 2,22, “ele passou a estar naquela relação com Deus que normalmente é o resultado do pecado” (Barrett, C. K. *The second epistle to the Corinthians*. New York, 1973). Ele se tornou parte da humanidade pecadora (Gl 3,13), *a fim de que por ele nos tornemos justiça de Deus*.

Cristo, embora tenha vivido em tudo a condição humana, não viveu a realidade do pecado, por conta de sua natureza divina. Por isso, só ele, Deus encarnado, e ninguém mais, pode nos salvar a todos, visto que conheceu nossos limites e dores, e nos salva porque não viveu o pecado. Nós, em Cristo, passamos a “estar naquela relação com Deus que é descrita pelo termo justiça, ou seja,

somos inocentados em seu tribunal, justificados, reconciliados” (Barrett). Paulo exorta, por fim, a comunidade coríntia a não receber levianamente a graça de Deus, que é salvífica e justifica, pois no dia da salvação “eu te socorri”. Paulo, Timóteo e Apolo são colaboradores de Deus, afirma o apóstolo (cf. 1Cor 3,9 e 1Ts 3,2). Esse fim parenético (exortativo) assinala que é agora o momento favorável da salvação de Deus, não há que se pensar no futuro (pois é incerto) nem no passado (pois este já não se pode possuir).

3. Evangelho (Mt 6,1-6.16-18)

Jesus, no Evangelho de Mateus – texto situado no coração do discurso inaugural, sobre a alta montanha –, convida-nos a três atitudes fundamentais: *esmola*, *oração* e *jejum*, ou seja, às obras de piedade que, nesse Evangelho, passam por uma transformação mediante o juízo de Jesus, expresso sobretudo no termo: “ao contrário” (v. 3 e 6). As obras de piedade – dar esmolas, orar e jejuar – correspondem a nosso relacionamento com Deus, a atitudes que se desdobram em bem do próximo e de nós mesmos. Essas obras estão ligadas a uma lista judaica baseada em Dt 6,5.

Após o versículo introdutório, seguem-se três pequenas unidades de estrutura muito semelhante – v. 2-4; 5-6; 16-18 –, que não têm paralelos em Mc e Lc, nem sequer em Jo. Esse padrão de microrrelatos é quebrado com um material antigo, a oração do pai-nosso, dos v. 7-15. Estilisticamente, assemelha-se a um catecismo: “guardai-vos de praticar a vossa justiça diante dos outros” (v. 1). Justiça, em grego *dikaiosyne*, pode ser “retidão” ou “ajustamento”, derivando do hebraico *tsedaqah*, que veio a significar “dar esmolas”.

Os v. 2-4 tratam da esmola, do grego *eleēmosynē*. Entende-se “dar esmolas” como uma ação que estava bem organizada no judaísmo antigo e tinha alto valor social. O termo “hipócritas” é uma ênfase mateana no conjunto dos Evangelhos. O termo

grego *hypokrités*, originário do teatro, significando “ator”, também aparece em Mt 23 para designar aqueles que, de maneira falsa, interpretam as Escrituras. O significado hermenêutico da esmola é que nos preocupamos com aqueles que estão em vulnerabilidade, na falta. Pensemos: se podemos nos alimentar cotidianamente, a esmola é uma forma de colaborar para que outros que nada têm possam fazer o mesmo.

A segunda atitude é a oração (v. 5-15), mas nesse Evangelho dá-se ênfase à atitude de orar (v. 5-6). Na sequência, encontramos no v. 9 a oração do pai-nosso. A oração é uma ação direta a Deus. É sincera comunhão pessoal com Deus, para nosso benefício, não para o de Deus, uma vez que ele já tem consciência de nossas necessidades. A oração é o combustível da fé cristã. O v. 5 denuncia o teatralismo das orações, que não pode ser o modo de orar do seguidor de Jesus. No v. 6, a oração é descrita como uma íntima relação com Deus, no quarto, na intimidade e simplicidade, e não aos gritos, com traços de histeria social.

A terceira atitude é o jejum. Trata-se de prática religiosa comum, de caráter público ou privado. Os judeus jejuavam em segredo às segundas e quintas-feiras, ao passo que os cristãos elegeram as quartas e sextas-feiras (último dia de vida de Jesus, momento de sua paixão). O jejum expressa nosso autorregramento, nossa temperança e a busca de ascese: o equilíbrio das paixões desordenadas, do desejo de ter tudo exclusivamente para nós. O bloco dos v. 16-18 mostra um jejum não teatralizado, não fundado na hipocrisia, mas como um momento de reconhecimento de que muitas vezes queremos tudo para nós, não pensando nos outros. O v. 17, que diz: “Tu, porém, quando jejuares”, marca a diferença entre o jejum praticado no tempo de Jesus e o jejum que ele acredita ser para nós o melhor. “Perfuma a cabeça e lava o rosto”: exprime o cuidado para que a imagem de mortificação pessoal não seja um

autocompadecimento, a fim de despertar no outro um sentimento de piedade para com quem jejua. O jejum deve ser uma prática alegre e leve. O v. 18 ressalta a necessidade de ser algo discreto, de que os outros não saibam, mas apenas o Pai, que, reconhecendo tal prática, nos dará a recompensa.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Busquemos pensar: como nossa comunidade cristã pode cooperar na reconciliação de todo gênero humano com Deus? Como podemos colaborar na salvação de todos os que conosco convivem? Pensar na Campanha da Fraternidade, para além do pessimismo em relação à ação humana sobre a natureza, procurando perceber nossa participação, mesmo que pequena, nesse movimento de cuidado integral com o planeta Terra. A comunidade é chamada a viver, nesta Quaresma de 2025, gestos de penitência e oração. O jejum, a oração e a esmola podem ser atitudes verdadeiras, não apenas intenções que temos e nem sempre cumprimos.

1º DOMINGO DA QUARESMA

9 de março

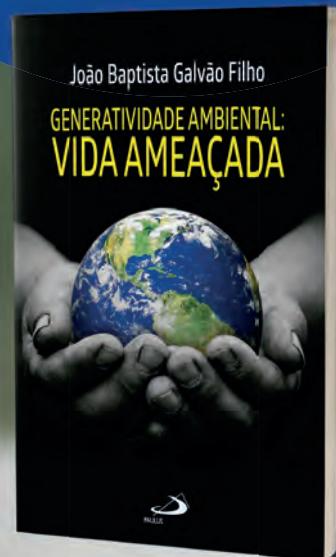
Guiados pelo Espírito Santo ao deserto

I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia deste 1º domingo da Quaresma, das tentações no deserto, é momento ímpar dos exercícios quaresmais. Muitas vezes, como Jesus Cristo, atravessamos desertos até nos encontrarmos com oásis espirituais, sinais de ressurreição. Nesse percurso incontornável, pela fé, somos acompanhados pelo Espírito Santo, que nos conduz e nos ajuda, como ajudou a Cristo, a superar as tentações do prazer, do possuir e do desejo de manipular a Deus. Em síntese, essa é a essência do Evangelho nesta liturgia. Na primeira leitura, o credo do Deuteronômio faz o povo de Deus recordar

GENERATIVIDADE AMBIENTAL: VIDA AMEAÇADA

João Baptista Galvão Filho



O livro apresenta demonstrativos dos efeitos climáticos, conceitos e um possível caminho generativo para enfrentar os desafios da relação entre indústrias e conjuntos ambientais.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

sua vida no deserto, como arameu errante. O Senhor liberta seu povo, realizando um êxodo especial: a libertação da escravidão do passado. Na segunda leitura, Paulo nos convida a renovar nossa esperança: crer, com o coração, que somos capazes de alcançar a justiça de Deus – a salvação que esperamos pela fé.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Dt 26,4-10)

O livro do Deuteronômio (em grego, “Segundas leis”) simboliza um “tesouro” teológico no qual as obras seguintes se inspiram, formando uma espécie de corrente teológica, chamada “deuteronomista”. É o último livro da Torá, ou Pentateuco. Foi redigido, possivelmente, no Reino do Norte (Israel), por volta do século VIII a.C. O capítulo 26 está localizado no fim do bloco mais antigo – as memórias de Moisés (12-26). Esse capítulo, que inspira esta liturgia, trata das primícias: assim como os primogênitos humanos e animais pertencem a Deus (Ex 13,11), as primícias da terra também são consagradas a ele (Ex 22,28). O capítulo reúne uma série de recomendações: primícias, dízimo trienal e o último discurso, que trata Israel como povo do Senhor. Corresponde à lei do santuário em seus primórdios (26,1-14). O sacerdote é aquele que recebe a oferta das mãos de todos os que são chamados a partilhar (v. 4).

O v. 5 destaca as palavras ditas durante tal oferta, na presença de Deus: “Meu pai era um arameu errante, que desceu ao Egito com um punhado de gente e ali viveu como estrangeiro. Tornou-se um povo grande, forte e numeroso”. Trata-se de uma anáfora (no sentido de discurso) *anamnética*, elencando os fatos e feitos realizados por Deus no passado. Por “errante”, pode-se, em outros termos, entender alguém “condenado a perecer”, como afirma Gerhard von Rad em sua obra *Deuteronomy*. O autor do Deuteronômio mostra uma bela história de superação, do punhado de gente à grande

multidão, povo grande, forte e numeroso. Deus realiza proezas na vida de sua gente, é o que o credo desse livro quer apresentar.

Na história de Israel (v. 6-7), existem seus inimigos egípcios, que impuseram ao povo dura escravidão. Tal padrão de opressão, pedido de ajuda e ação libertadora divina é como um *typós* (imagem) do Deuteronômio (cf. Jz 3,7-11). Deus ouve seu povo, sua angústia e opressão. Ele o libertou (v. 8), tirando-o do Egito com mão poderosa e braço forte. Esse Deus tem características humanas (antropomorfismo), de homem forte e valente (v. 8). Conduz seu povo (v. 9) para a terra de Canaã, onde corre leite e mel e onde há os mais puros e saborosos alimentos. A ação divina dá sentido à oferta dos primeiros frutos (v. 10). Deus concede ao povo aquilo que esse mesmo povo lhe oferece. O último gesto é inclinar-se em adoração diante do Criador, o Deus libertador.

2. II leitura (Rm 10,8-13)

Essa passagem de Romanos, se comparada à primeira leitura, pode ser considerada um credo cristão, um testamento para a fé. Seu ponto alto se encontra no v. 11: “Todo aquele que nele crer não ficará confundido”. Antes, no v. 8, escutamos que “a palavra está perto de ti, em tua boca e em teu coração”. A palavra nos sustenta na fé e, se por ela proclamarmos que Cristo ressuscitou, por ela seremos salvos (v. 9). “Confessar”, para Paulo, significa permanecer continuamente vinculado a Cristo; não se trata de uma confissão de fé pontual, do passado, mas presente e permanente, experimentada em nossas atitudes, que corroboram nossa fé: ela parte do coração (v. 10).

Crer com o coração é essencial para um judeu: o coração tem razões desconhecidas pela própria razão (Blaise Pascal). A fé que nos foi revelada pelos antepassados serve de testemunho para nós hoje. Entretanto, fazemos nós mesmos uma experiência particular, realizando nossa própria adesão a Cristo.

Esse movimento de fé é chamado de “concordar”; ou seja, com o nosso coração estamos ligados a alguém – no caso, a Jesus Cristo. Para Paulo, não há distinção entre judeu ou grego (v. 12), quando todos temos Cristo como Senhor (*Kyrios*). Por fim, ressaltamos no v. 13 a teologia judaica do nome (*Shem*): se cremos no nome, que necessariamente não precisamos pronunciar por respeito e desnecessária tentativa de “possuí-lo”, seremos salvos, isto é, justificados.

3. Evangelho (Lc 4,1-13)

O 1º domingo da Quaresma apresenta aos cristãos as tentações de Jesus. Desde que assumiu a condição humana, Cristo “foi tentado em todas as formas, à nossa semelhança, menos o pecado” (Hb 4,15). No primeiro Evangelho escrito – São Marcos –, Jesus foi tentado todo o tempo, durante os quarenta dias e noites, o que alude à sua vida total, na qual perpassam inúmeras tentações. Lucas e Mateus, porém, distinguem-se de Marcos, narrando três tentações diferentes, ligadas à experiência existencial vivida por Jesus. Esses dois sinóticos diferem na ordem das duas últimas tentações, um detalhe que aqui ressaltamos, mesmo que *en passant*.

Lucas inicia a narrativa do deserto dizendo que Jesus, cheio do Espírito Santo, era guiado por ele pelo deserto (v. 1-2). A pneumatologia (compreensão sobre o Espírito Santo) dessa cena nos faz recordar que Maria concebeu e deu à luz Jesus por força misteriosa do Espírito, que desceu sobre ela com sua sombra (Lc 1,35). Em Pentecostes (At 2,4), o Espírito Santo desce sobre os apóstolos, que, a partir de então, vão proclamar o Evangelho a todos os povos. Essa pneumatologia acentua que Jesus e a Igreja são guiados e fortalecidos pelo Espírito.

A primeira tentação está ligada ao prazer de colocar os bens terrenos acima dos valores do Reino, servindo-se daquilo que é passageiro em detrimento do que é eterno. Transformar pedra em pão (v. 3) seria ceder

ao desejo do não sofrimento, de livrar-se do incômodo de passar pela situação que muitos pobres passam. Quando se desconfia do amor providente de Deus, há o apego às riquezas deste mundo. É importante lembrar que as ameaças, como um contraditório às bem-aventuranças em Lucas (6,24-26), condenarão os ricos que já têm nesta vida a consolação. “Transformar pedra em pão” é cair na tentação de obter tudo de forma fácil, sem o suor do trabalho, sem justiça social, sem distribuição de renda e sem políticas públicas que priorizem a vida, e não o capital. Jesus mesmo tem o caminho: “nem só de pão vive o homem” (v. 4).

A segunda tentação (v. 5-7) serve para pensar que todo poder usurpado não visa ao bem comum, mas à satisfação da vaidade e do ego humano. Adorar o diabo é condição de possibilidade para adquirir toda honraria sem sensatez, atropelando os processos orgânicos da ética, na busca da “vantagem em tudo”. A expressão “eu te darei todo este poder com a glória destes reinos...” corresponde à sedução da facilidade para adquirir os bens que se deseja. “Por isso, se te prostrares diante de mim...” corresponde, por sua vez, à idolatria, uma típica forma de Israel se relacionar com os *Baalim* (plural de *Baal* – “senhor” ou “marido”), deuses cananeus da fertilidade, responsáveis pelas chuvas e boas safras. Essa idolatria impactava a ética, o modo de agir das pessoas, denotando uma fé superficial ou nula. Jesus responde a tal sedução diabólica, dizendo: “Adorarás ao Senhor teu Deus e só a ele prestarás culto”, recordando Dt 6,13, no qual o verbo é “temerás” no lugar de “prestarás”.

A terceira tentação (v. 9-12) está associada à religião, pois se passa no pináculo do templo, no coração do judaísmo contemporâneo a Jesus. O tentador diz a Jesus que se jogue do alto, utilizando o Sl 90,11-12, que traduz a ordem de Deus a seus anjos para que guardem Jesus na queda. Trata-se de visão distorcida desses versículos. É a visão de um

Deus mágico, que, tal como um aplicativo de celular, está *on-line* ou não para executar uma função necessária, urgente: salvar obrigatoriamente uma pessoa do perigo a que ela mesma se expôs. Para vencer a tentação de tentar o próprio Deus, Jesus utiliza-se de Dt 6,16: “Foi dito, ‘não tentarás ao Senhor, teu Deus’”. Para o Filho de Deus, vencer as ciladas do maligno é possível em razão de sua íntima relação com o Pai. É a relação de confiança filial que serve de base para o “sim” constante de Jesus.

O Evangelho tem seu encerramento com o v. 13: “Terminada toda a tentação, o diabo afastou-se de Jesus, para retornar no tempo oportuno”. Assim como ocorreu nesse primeiro momento, posteriormente o diabo não terá vez com o Senhor. Cristo não reproduz, em sua permanência no deserto, aquilo que viveram seus antepassados (Ex 32), cuja adoração ao bezerro de ouro os levou à morte. O bezerro ou boi eram símbolos da força e da fertilidade no Egito. O culto desse deus egípcio estava ligado à licenciosidade, ou seja, ao não apreço ao cumprimento da Lei de Deus, à sua Palavra. Jesus, ao contrário de seus antepassados, é fiel ao Pai. Sua oração, o pai-nosso, testemunha seu cumprimento da vontade de Deus (Mt 6,10).

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Somos convidados, neste domingo, a acompanhar Jesus pelo deserto e a suplicar ao Espírito Santo que nos guie e acompanhe nesta travessia quaresmal. A Quaresma é tempo de arrependimento e conversão, de oração e penitência. Deve-se fomentar na comunidade dos fiéis um espírito solidário pela fé. Crer em Cristo é condição para a salvação, mas agir conforme cremos constitui o testemunho autêntico. Despertar no coração de nossos fiéis a adesão à Campanha da Fraternidade, no cuidado com a Casa Comum, a Terra, em busca da ecologia integral.

2º DOMINGO DA QUARESMA

16 de março

“Este é o meu Filho, o Escolhido, escutai o que ele diz”

I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia deste 2º domingo da Quaresma, do episódio da transfiguração, conduz-nos à montanha sagrada com Jesus, a fim de “provarmos” de sua glória antecipada, a ressurreição. O Evangelho de Lucas destaca os testemunhos de Moisés e Elias, símbolos da Lei e dos Profetas, que atestam que Jesus está no caminho da realização da vontade de Deus. Da nuvem, uma voz ratifica que Jesus é o Filho amado, o qual nos cabe escutar. Já no caminho para Jerusalém, na montanha, lugar do encontro com Deus, o Cristo revela sua glória – força propulsora da ressurreição. Esse ato de Jesus nos faz lembrar parte do breve Cântico XIII de Cecília Meireles: “Renova-te. Renasce em ti mesmo. Multiplica os teus olhos, para verem mais...”. Na primeira leitura, Abraão é confirmado por Deus como seu servo. A aliança entre Deus e Abraão é selada com um sacrifício. O Senhor, de sua parte, concederá aos descendentes do patriarca a posse da terra. Na segunda leitura, a comunidade de Filipos é admoestada pelo apóstolo a imitá-lo, sobretudo se tornando amigos da cruz de Cristo em vista da participação ativa, consciente e frutuosa da cidadania celestial, na glória vindoura.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Gn 15,5-12.17-18)

Abraão é figura lendária da tradição bíblica do Antigo Testamento, símbolo, por antonomásia, da fé no Deus único. Sua fé é traduzida como convicção e obediência, não obstante as imperfeições humanas das quais esse patriarca compartilha. Ele traduz a

saga de um povo, convidado a habitar a terra que o Senhor lhe prometeu. Essa travessia se dá por meio de um pacto ou aliança (*berit*, em hebraico) que Deus estabelece com Abraão e sua descendência numerosa (v. 5), incontável como as estrelas do céu e as areias do mar.

O povo seminômade, em regime tribal, vive a atividade pastoril. Para a maioria das nações vizinhas de Canaã, havia um “deus”, ligado seja à fertilidade, à terra ou à água. Abraão não desconhece tais deuses, mas faz uma aliança estrita com Adonai, o Deus verdadeiro. Esse Senhor concede-lhe suas bênçãos, como a fecundidade de Sarai, esposa do patriarca, que gerará Isaac, o filho da promessa. Deus lhes é providente e bom: percebe a necessidade de seu povo, não obstante as misérias e incompREENsões das pessoas.

Deus confirma seu servo fiel, Abraão: “Eu sou o Senhor que te fez sair de Ur dos caldeus, para te dar em possessão esta terra” (v. 7). Abraão questiona como possuí-la (v. 8); em seguida, Deus lhe pede um ato generoso de doação (v. 9). O patriarca realiza o combinado (v. 10). Todo rito é feito por Deus, representado pelo braseiro fumegante (v. 17), conforme a tradição das Escrituras – recordemo-nos, aqui, da narrativa da sarça ardente em fogo, que não se consumia diante de Moisés (Ex 3,2-3). Desse modo, no v. 18, Deus sela a Aliança com seu servo Abraão, prometendo uma terra a seus descendentes, desde o rio Nilo, no Egito, até o Eufrates, na Babilônia. Essa cena teofânica (que evidencia a manifestação de Deus) transforma significativamente a vida de Abraão: de alguém que se propõe realizar a vontade de Deus (*promessa*) àquele que concretizará sua saga, mesmo que por meio de seus descendentes (*cumprimento*).

2. II leitura (Fl 3,17-4,1)

A exposição retórica de ideias, por parte de Paulo, em Filipenses chega a um clímax narrativo parenético, ou seja, exortativo

– aquilo que poderíamos chamar de *instrutivo*. O v. 17, passagem que inicia o texto, afirma: “Sede meus imitadores, irmãos, e observai os que vivem de acordo com o exemplo que damos”. Há, além de Paulo, outros que vivem conforme seu modo de agir. Para ele, o modo de proceder e de tratar as coisas de Deus é fundamental. A fé se fundamenta também pela ação: assim, não há verdadeira fé sem obras de caridade. Paulo justifica esse exórdio do v. 17 logo em seguida, chorando por existir, no interior da comunidade cristã, muitos que vivem como inimigos da cruz de Cristo, hostis a ela. Isso equivale a dizer que, ao pregarem algo (a circuncisão) que nega a eficácia da cruz, anulam o significado teológico do autossacrifício redentor do Senhor (Gl 2,21).

No v. 19, Paulo é ainda mais agudo: o fim deles é a destruição (ruína escatológica; do grego, *apoleia*); o deus deles é o ventre (estômago), referindo-se ao zelo com as leis alimentares e denotando o egoísmo (Rm 16,18: “servem a si mesmos”). A glória destes, Paulo diz, está no que é vergonhoso, como a jactância (orgulho) da circuncisão que vivem (v. 2-3), pois observam as coisas terrenas, “o que está sobre a terra”, isto é, o que pertence à era antiga, agora plenamente ultrapassada por Cristo.

Em sentido contrário a esses que se orgulham do apego aos costumes humanos, Paulo diz: “Nós, porém, somos cidadãos do céu” (v. 20; *politeuma en ouranóis*). Em outras palavras, “nossa cidade está no céu”. Embora ainda não tenha chegado o novo *éon* (“tempo”, expressão grega para dizer “cem anos”), os cristãos já estão inscritos na “cidade celestial” (Gl 4,24-27; Ef 2,19). Paulo está evidenciando agora a escatologia cristã, segundo a qual a salvação não se dá sobre esta terra, com a observância irrestrita à Lei, mas vem de Cristo, como justiça de Deus.

O v. 21 denota essa transformação de corpos (*soma*) humilhados em gloriosos (em grego,

doxês: exaltados). A transfiguração do corpo mortal em imortal (1Cor 15,50) é possível na configuração a Cristo ressuscitado, que é modelo e agente da verdadeira humanidade que Deus deseja a todo ser humano desde a eternidade (Rm 8,19-21.29-30). A passagem conclui-se com uma *peroratio*, uma exortação final dirigida aos irmãos amados (*adelfoi agapetoi*): “continuai firmes (pode ser lido como “perseverantes”) no Senhor”. A base de toda exortação paulina é cristológica, permitindo-nos entender que tudo é possível ao cristão *por e em Cristo*.

3. Evangelho (Lc 9,28b-36)

O 2º domingo da Quaresma é marcado pelo sinal luminoso e encorajador da transfiguração de Jesus. O Senhor caminha em direção a Jerusalém para a morte de cruz. A transfiguração constitui um sinal prévio da ressurreição, uma antecipação do que se espera no tempo oportuno. Jesus apresenta, no Evangelho, duas atitudes fundamentais de sua vida no meio da humanidade: o chamado ao discipulado e a oração (v. 28b-29). Ele levou consigo Pedro, Tiago e João, que, em momentos decisivos, o acompanhavam (Mc 5,37). A oração do Senhor mantém viva sua relação com o Pai, a quem se dirigia sempre. Enquanto rezava, seu rosto mudou de aparência (*to eidos tou prosópon autou heteron*, “diferente”), e suas roupas ficaram brancas e brilhantes, simbolizando a cor da glória, do transcendente (Mc 16,5; Jo 20,12; Ap 7,9).

O v. 30 apresenta Jesus conversando com Moisés e Elias, o que significa que a “estrada que Jesus está trilhando está em acordo com a Lei e os Profetas, isto é, a vontade de Deus” (Robert Karrys, ofm, *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo*, Paulus). Esse versículo deve ser lido em consonância com a narrativa dos discípulos de Emaús, com os quais Jesus também falava, no caminho, da Lei e dos Profetas (Lc 24,26-27). Lucas é o único dos sinóticos que afirma que Jesus e

susas testemunhas conversavam, preparando o leitor para a próxima etapa de Jesus, que ensinará, em Jerusalém, o caminho que o levará para o Pai. O v. 31 descreve-os revestidos de glória, associada com a glória do Ressuscitado (Lc 24,26). Essa glória também está ligada às curas realizadas por Jesus ao longo do Evangelho, as quais levavam as pessoas a glorificar a Deus (Lc 5,26; 7,16).

A proposta de “armar três tendas” consiste em uma desconexão causal do narrador realizada por Pedro na narrativa teofânica (v. 33), que revelou a natureza da morte de Jesus, pelo sofrimento (v. 31), e a passagem do sono para a não compreensão do que estava acontecendo. Pedro e os discípulos ainda estão longe de compreender o fim, a glória da ressurreição. O v. 33 alude à festa dos Tabernáculos (*sukkot*, cf. Dt 16,16) e a nuvem (v. 34) simboliza a *shequinah*, a in-habitação de Deus.

No v. 35, encontramo-nos com as palavras do Pai: “Este é o meu Filho, o Escolhido. Escutai o que ele diz!” Elas recordam as palavras na cena do batismo do Senhor (Lc 3,21-22). A nuvem faz recordar o povo que andava pelo deserto, amparado por Deus (Ex 14,19; 40,34-35; Nm 9,15-23; 10,34; 14,14); em Lucas (1,35), Maria terá sobre si a sombra do Altíssimo. Já “escutar o Filho” constitui o mandamento do Pai, que fala do alto céu. A palavra que Jesus traz é o alimento para a vida dos discípulos. Há ainda uma alusão a Moisés, que fala a seu povo, como em Dt 18,15, instruindo-os. A cena teofânica (v. 36) encerra-se com o silêncio messiânico sobre Jesus, pois tudo será compreendido somente no fim. Essa passagem pode ser considerada uma antecipação da exuberante glória da ressurreição, revelada no final do Evangelho, após a morte de Jesus (Lc 24,1-12). O relato lucano da ressurreição põe em destaque o v. 4: “dois homens vestidos de roupas reluzentes”, como aqueles que são iluminados pela glória do Ressuscitado.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Hoje, os ministros ordenados podem convidar os fiéis leigos ao compromisso da oração. Orar é se retirar, não necessariamente a uma montanha, mas dentro de si mesmo, para encontrar a luz do Ressuscitado, que habita as sombras de nossa vida tão corrida e fatigante. Pode-se propor um exame de consciência quaresmal para perceber se estamos no caminho de Jesus, como seus amigos, ou se nossas atitudes estão na contramão do que diz Jesus. Pode-se também propiciar às lideranças da comunidade local um retiro quaresmal, para que, a exemplo de Abraão, também o povo possa renovar a aliança com Deus – visível sacramentalmente na experiência fraterna de escuta da sua Palavra –, se possível ao redor da Eucaristia, sacramento do amor e da paz.

3º DOMINGO DA QUARESMA

23 de março

“Eu Sou aquele que Sou!”

I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia deste domingo nos apresenta Jesus, o novo profeta de Deus. Ele é a síntese do novo mandamento de Deus, pois é o seu Filho (como ouvimos no domingo passado), o amor encarnado no meio de nós. À luz da imagem de Moisés, que, na primeira leitura, se encontra com o nome de Deus (*Shem*), Jesus, no Evangelho, destaca-se como aquele que tem uma palavra de Deus, convidando-nos a todos a viver o arrependimento e a conversão, como formas fundamentais de assumirmos nossa existência. Na segunda leitura, Paulo deseja que seus ouvintes não se esqueçam dos fatos importantes realizados por Deus no passado: a travessia do povo pelo deserto sob a nuvem, a passagem pelo mar e o maná concedido ao povo. Toda essa realidade prefigurativa é entendida agora em Cristo, a figura absoluta que consuma o AT.

O EVANGELHO SOCIAL

MANUAL BÁSICO DE DOUTRINA SOCIAL DA IGREJA

*Elvis Rezende Messias /
Dom Pedro Cunha Cruz*



Neste livro, você explora os fundamentos teológicos, princípios e valores da Doutrina Social da Igreja. Inclui estudos e orientações para o compromisso social cristão.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Ex 3,1-8a.13-15)

Depois de Deus, Moisés é o destaque dessa narrativa. Pastor do rebanho de seu sogro, Jetro, ele vai pelo deserto, caminho que o povo de Deus percorreu, e chega até o monte Horeb, o Sinai (v. 1). O v. 2 destaca, por sua vez, a presença de Deus por meio de seu mensageiro, o anjo, que aparece em meio à chama da sarça que arde, mas não se consome. A sarça ardente (em hebraico *seneh*, um jogo de palavras com Sinai) meidia a voz de Deus. O fogo sempre foi, na Bíblia, um símbolo teofânico, da manifestação de Deus. O narrador, no v. 3, coloca-se no íntimo do pensamento de Moisés, que fala consigo mesmo: “Vou me aproximar desta visão extraordinária...”. De sua parte, vendo Moisés se aproximar, Deus o chama: “Moisés, Moisés”. O v. 4 é forjado como relato vocacional, assim como encontrado no primeiro livro de Samuel (1Sm 3,4) e em Atos, com Saulo (At 9,4), chamado ao apostolado de Jesus. A resposta de Moisés é pronta: “Aqui estou”. O v. 5 é assertivo: Deus diz a Moisés que tire a sandália, por ser santa a terra sobre a qual pisa. Moisés reconhece a santidade do local, ouve seu nome e conhece o Deus dos patriarcas. O v. 6 destaca o modo de Moisés, temendo a Deus, cobrir os olhos. Ainda hoje, os judeus colocam as mãos no rosto para orar, em respeito à face de Deus, a quem se dirigem. Os v. 7-12 são provenientes de uma fonte javista, duplicata de uma fonte eloísta, referindo-se à ação mesma de Deus: ver e ouvir o clamor de seu povo (cf. 2,23-25). O teólogo javista demonstra as atitudes antropomórficas de Deus, que é representado com características próprias dos seres humanos, como ciumento ou compadecido.

O Deus de Abraão, Isaac e Jacó – portanto, de Moisés – é um Deus preocupado com seu povo. Por isso, ele desce até a realidade dos seus. É compassivo e sofre as

dores de sua gente, concedendo-lhe forças para lutar e resistir. Desce às trincheiras da história, entremeado a esse povo, não como um titã que luta usando armas, mas o sustentando para não deixá-lo sucumbir, desanistar e desistir. Deus, assim, desce para incutir em seu povo a necessidade de libertação (*pessach – passagem – Páscoa* v. 8a). Deus desce para fazê-lo sair (em passagem).

Moisés é disponível (v. 13): ele irá aos filhos de Israel para dizer que Deus o enviou e dirá: “O Deus de vossos pais enviou-me a vós”. A questão que Moisés apresenta a Deus é somente uma: “Qual é o seu nome?” O nome é a essência. Em hebraico, *Shem* é palavra que define. A teologia do nome é essencial para compreender quem é esse Deus, o libertador. No v. 14, Deus lhe responde: “Eu sou aquele que sou” (“Eu sou aquele que é” – *Bíblia de Jerusalém*). Deus é aquele sem um nome, mas ao mesmo tempo está presente. Trata-se do nome hebraico *Iahweh* (Gn 4,26), depois identificado pelo “tetragrama divino”: IHWH. Ele se revela Deus pela primeira vez em primeira pessoa. A etimologia do nome *Iahweh* é questionada; consiste certamente numa forma do verbo “ser” (*hayâ*) na forma causal: “faz ser, criar, causa da existência de tudo”. Cross e Childs, na obra *Exodus*, sugerem uma possível tradução para *Iahweh*: “(Deus que) cria (o exército celestial)”. Assim, para concluir, Deus revela seus planos a Moisés (v. 12-15), sintetizados em “enviou-me a vós” e “este é o meu nome (lebrado) para sempre” – pois tal nome marcou para a eternidade a vida de seu povo, libertando-o do cativeiro. Moisés torna-se, dessa maneira, porta-voz, profeta de Deus.

2. II leitura (1Cor 10,1-6.10.12)

Paulo vê, nos eventos do passado, sinais cristológicos, ou seja, da presença de Cristo. Essa leitura é chamada de tipológica, pois o *typos*, a figura, é Cristo, que pode ser

compreendido desde o passado, na passagem pelo mar, no qual o povo sob a nuvem era protegido por Deus. Foi sob a nuvem e na passagem do mar que Moisés “batizou” (fez mergulhar) seu povo, que do mar saiu com pé enxuto (Ex 14,27), tudo isso à luz da fé, como diz Hb 11,29. O povo comeu o maná, comida espiritual, fazendo recordar a Eucaristia oferecida por Cristo aos seus e a nós hoje (1Cor 10,16; Mt 26,26-28). A bebida espiritual que emanou da rocha, a água, prefigura o sangue de Cristo, de cujo coração jorrou sangue e água (Jo 19,34), após o soldado lhe perfurar o lado. O rochedo que outrora saciava a sede era Cristo (v. 4).

Paulo, contudo, afirma que a maioria deles desagradou a Deus e ficou no deserto (v. 5). O deserto é símbolo da purificação. Assim, o apóstolo pondera que tudo o que ocorreu no passado serve para nós hoje no presente, assim como diz Jesus no Evangelho (Lc 13,4-5). É necessário, diz Paulo, que não desejemos coisas más, como fizeram outrora no deserto (v. 6). Sobretudo, não murmuraremos, como outrora alguns do povo fizeram (v.10) e por isso foram mortos pelo anjo exterminador. Em tom parenético, exortativo, Paulo conclui, no v. 12: “Portanto, quem julga estar de pé tome cuidado para não cair”, o que pode ser a síntese da seção inteira de 1Cor 10. “Os coríntios, dentre os quais alguns se consideravam espiritualmente superiores, falharam nas provações que geralmente acometem a humanidade. Mas poderiam ter resistido” (Jerome Murphy-O’Connor, *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo*, Paulus).

3. Evangelho (Lc 13,1-9)

A passagem do Evangelho deste domingo situa-se no final da primeira parte da viagem de Jesus a Jerusalém, no conjunto de Lc 9,52-13,21. A segunda parte da viagem comprehende Lc 13,22-17,10. No trecho em análise, Jesus, fazendo uso do estilo e da linguagem

dos antigos profetas, vê e interpreta, com base em dois acontecimentos do dia a dia, sinais admoestadores (convidativos) de Deus. Trata-se de convite urgente e real à conversão – *metanoia* –, na busca de realizar a genuína vontade de Deus. Na passagem anterior a essa, em Lc 12,54-59, o evangelista põe na boca de Jesus ensinamentos que nos chamam a discernir os sinais do tempo presente, que é um tempo salvífico. Com efeito, para Deus, o dia da salvação é o nosso hoje, pois o passado e o futuro não nos pertencem. O que temos, literalmente, é o presente, o dom deste dia, a fim de que nele vejamos colaboradores/as na construção do Reino vindouro. Os sinais aos quais Jesus se refere devem ser procurados também nos dias de hoje.

O v. 1 conta o fato ocorrido com os galileus que Pilatos tinha mandado matar, misturando o sangue deles com o de seus sacrifícios. Jesus comenta: “Acreditais que esses galileus fossem mais pecadores do que todos os galileus por terem sofrido tal sorte (injustiça)?” Não, diz Jesus, “mas, se não vos converterdes, pereceréis todos do mesmo modo” (v. 2). Tal cena de repressão e violência tem como marco a brutalidade e o menosprezo do governador romano na Judeia, Pôncio Pilatos, suscitando o horror e a indignação nos habitantes de Jerusalém. Os soldados de ocupação mataram violentamente um grupo de romeiros galileus, enquanto se preparavam para sacrificar seus cordeiros ou outras vítimas, talvez por ocasião da Páscoa. Possivelmente, consistiam em simpatizantes zelotes, grupo reacionário de resistência surgido no ano 6 d.C., que propagava a luta armada contra a ocupação romana em solo judaico. Profanar o sangue é, para um judeu, um crime ofensivo à Lei (Lv 21,11; Nm 19,11).

Os que relatam tais fatos a Jesus querem, sem dúvida, provocar o juízo e a tomada de decisão de sua parte, saber o que ele achava, se seriam autorizados a pagar o mal com

o mal, ou descobrir o que ele pensava do grupo dos galileus. Jesus dá uma resposta que aparentemente ignora tais problemas (v. 3). Ele contesta o pensamento farisaico e o pensamento de causa e consequência, de crime e castigo, como se os galileus merecessem tal fim por serem pecadores. O que Jesus deseja é a conversão de todos hoje, tanto dos que fazem o mal como dos que o sofrem. Para reforçar tal convite dirigido a todos, ele conta a parábola da figueira infértil, enxertando aí essa imagem profética (v. 6-9). Todo Israel é uma figueira que deve produzir frutos bons e saborosos dentro da vinha, mas, se não produzir, deverá ser cortada no tempo oportuno (v. 7).

O viticultor, que também cuidará da figueira, tem paciência, resiliência, e pede a Deus que espere o tempo oportuno para que, depois de cuidada e adubada, a figueira possa frutificar. Somente então, se não der frutos, ele poderá cortá-la, por conta de sua inutilidade (v. 8). Assim, todos nós somos convidados à conversão hoje, mesmo que nos consideremos, a exemplo dos fariseus, imunes ao pecado. Convertamo-nos enquanto é tempo e enquanto o Senhor pode ser achado por nós, para que geremos frutos bons para esta sociedade adoecida pelo ódio.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Hoje, a comunidade pode propor-se um exame de consciência, analisando seus frutos de justiça para o mundo. Aquele que preside a celebração pode levar todos à análise de suas atitudes: são frutos de justiça e solidariedade? Buscar ver os acontecimentos do presente – por exemplo, o discurso de ódio disseminado entre os cristãos – como dados a serem transformados, em vista de nossa conversão comunitária. Propor à assembleia que a Eucaristia seja o encontro com aquele que é o Senhor de nossa vida, que nos transforma em novas criaturas, pois as coisas antigas já se passaram.

4º DOMINGO DA QUARESMA

30 de março

“Provai e vede quão suave é o Senhor”

I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia deste domingo da alegria destaca a misericórdia, o rosto de Deus em Cristo e o semblante de renovação que este tempo simboliza, como significou para a primeira leitura e para o Evangelho. A Igreja nos brinda com textos lindos e, ao mesmo tempo, significativos. Deus ama seu povo e lhe concede uma segunda chance; infinitas são as oportunidades que ele nos dá, pois nos ama. O Evangelho lucano destaca a terceira parábola da misericórdia, que coroa o tríptico da misericórdia em Lucas com um final alegre, pois a alegria é um dos sentimentos e experiências que invadem o coração do cristão, tema marcadamente lucano. A primeira leitura evidencia em Josué, líder carismático do povo, um paradigma de renovação. O ato de o povo comer dos frutos da terra é sinal de superação do passado recente, vivido na travessia, experiência traumática de dor e dissabores. A chegada a Guilgal e a celebração da Páscoa mostram que Páscoa é passagem, um momento transitório, e celebrar em Jericó e lá permanecer é sinal de recomeço. A segunda leitura reforça que Cristo é o sentido da vida do cristão: quem está nele é nova criatura, as coisas antigas já se passaram, pois Cristo é ministro supremo da reconciliação. No Evangelho de Lucas, a reconciliação constitui o tema central, sendo a parábola do Pai misericordioso sinal de que todos somos chamados a nos reconciliarmos com Deus, que é suave e bondoso.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Js 5,9a.10-12)

Josué é protagonista secundário do livro intitulado com seu nome. O protagonista

primeiro é Deus, que realiza na história feitos inesquecíveis, marcados de forma indelével na memória de seu povo. Deus mesmo diz a Josué (v. 9a): “Hoje tirei de cima de vós o opróbrio do Egito”. Trata-se de uma ignomínia, de um insulto vivido durante 430 anos, tempo em que o povo permaneceu no Egito, sendo escravo e desprezado. Essa carga histórica e negativa, Deus a livrará das costas e da consciência de seu povo. Ele o ama e o quer livre para servi-lo. O v. 10 situa o povo acampado em Guilgal, a leste de Jericó, lugar onde foi erigido um monumento de pedra em comemoração da passagem dos israelitas pelo rio Jordão (Js 4,20).

Guilgal tornou-se um santuário e serviu como base para a conquista da Palestina (Jz 2,1; 1Sm 10,8; 13,8-15). Os profetas, contudo, rejeitaram-no, por ter-se tornado um centro de idolatria (Am 4,4; Os 4,15; Mq 6,5). Havia outra Guilgal, nas montanhas de Efraim, perto de Betel (Dt 11,30; 2Rs 2,1). Lá celebraram a *Pessach*, a Páscoa, no dia quatorze do mês. O v. 11 afirma que, no dia seguinte, comeram produtos da terra e ázimos, pães sem fermento – *matzah*, em hebraico –, e ainda grãos tostados naquele mesmo dia. O v. 12 conclui dizendo que, quando comeram produtos da terra, o maná cessou de cair. O maná era dado cotidianamente por Deus, como dom de sua providência. Agora a maior providência são os dons da terra, da liberdade, da graça, do amor misericordioso de Deus. Naquele ano, o povo comeu do fruto da terra de Canaã.

O teólogo por trás desse texto, ligado à teologia deuteronómista, quer dizer nas entrelinhas que, se o povo se mantiver fiel, poderá fazer sua terra gerar vida, pois é este o dom de Deus: conceder ao povo a terra da liberdade, da bondade e do amor.

2. II leitura (2Cor 5,17-21)

A segunda leitura estabelece conexão tanto com a primeira leitura, em relação à

liberdade verdadeira, como com o Evangelho, que traduz, nas palavras de Jesus Cristo, a ação misericordiosa de Deus, sempre pronto para acolher e amar seu povo, agora simbolizado no filho pródigo, reintroduzindo-o em sua morada eterna, a qual será habitada por nós se vivermos, como esse filho, a reconciliação para a qual o Senhor nos destinou. Essa reconciliação começa com *metanoia*, com a mudança de pensamento, de atitudes.

Para Paulo, a reconciliação consiste na nova realidade vivida e experimentada à luz da nova criaturalidade, só alcançada por quem está em Cristo (v. 17). Viver em Cristo constitui o “novo estado de vida”, a nova condição, a realidade renovada e renovadora. Toda realidade, tanto humana como cósmica, é renovada: o mundo antigo desapareceu. Para Paulo (v. 18), toda essa nova realidade nos vem de Cristo, que reconciliou em si todas as coisas e conferiu a seu apóstolo o ministério da reconciliação, do perdão e da paz.

O v. 19 é o ponto de convergência do antigo e do novo: “em Cristo, Deus reconciliou o mundo consigo, não imputando aos homens sua falta”. Os v. 20-21 podem ser considerados conclusivos: “Somos embaixadores de Cristo” e “Deus exorta por nós mesmos [...] : deixai-vos reconciliar com Deus”; e ainda: “Aquele que não cometeu nenhum pecado, Deus o fez pecado por nós”. Para Paulo, a morte era considerada remédio para o pecado e, desse modo, Cristo, morrendo por nós, seria considerado um pecador, sem mesmo ter vivido essa nossa condição, por acidente, de pecado. O termo final do v. 21 é que, em Cristo, somos todos justificados, ou seja, alcançamos a justiça de Deus (em grego, *dikaiosyne tou Theou*).

3. Evangelho (Lc 15,1-3.11-32)

A narrativa do Evangelho deste dia constitui uma matéria redacional própria de Lucas, não encontrada em nenhum outro Evangelho

sinótico nem no Quarto Evangelho (Jo). O fio condutor da parábola está ligado à temática da misericórdia de Deus para com a humanidade, traduzida no binômio perda e encontro, que as outras duas primeiras parábolas compreendem (Lc 15,4-7: ovelha perdida/encontrada; 8-10: moeda perdida/encontrada). Em essência, o que esse relato nos provoca é um desejo ardente de voltarmos nossa vida para Deus, nossa origem, aquele que nos fortalece e é nosso destino (escatológico), por ser um Pai pleno de misericórdia (em grego, *splanchiniste*).

As três parábolas da misericórdia estão alinhavadas pelos v. 1-2, que contextualizam quem são os ouvintes de Jesus, sejam os próximos a ele, sejam os que lhe são antipáticos. Há um misto sentimento de hostilidade e de hospitalidade que se contrapõe nesse cenário: os publicanos e pecadores se aproximam de Jesus para escutá-lo (v. 1) e, em contrapartida, os fariseus e mestres da Lei só sabem criticá-lo (v. 2): “Este homem acolhe os pecadores e faz refeição com eles”.

O v. 3 afirma que Jesus contou a parábola, e o v. 11 a inicia, anunciando que um homem tinha dois filhos. Então três são os principais personagens dessa parábola: o primogênito, o irmão caçula e o pai. O v. 12 apresenta um problema, um nó: o filho mais novo demanda sua parte da herança ao pai, que, então, dividiu os bens entre eles. Não é um cenário tipicamente hebraico, pois, para o mundo semita, o filho primogênito é sempre aquele que, após a morte de seu pai, herda grande parte dos espólios. Trata-se de uma parábola, e o poder criativo é daquele que a propõe, o narrador, que, nesse exato momento, é Jesus. O v. 13 afirma que, dias depois, esse filho jovem juntou o que era seu e foi para um lugar distante. Lá ele esbanjou tudo em uma vida desregrada (em grego, *zon asótos*), entendida como pródigo, de gastos desenfreados. O v. 14 frisa que, depois de ter gasto tudo o que possuía, houve fome em sua região, e ele começou a sentir fome, que em grego é o termo

ustereisthai, traduzido por necessidade. A raiz desse termo é *usterei*, donde vem o termo “histeria”, traduzido por “uma grande falta”.

Os v. 15-16 expressam um problema, um nó, o que o filho mais novo teve de fazer para sanar tal crise: procurar emprego, lidar com porcos (atividade proibida para um judeu), a ponto de cogitar comer da comida dada a eles, mas até isso lhe era negado. Os v. 17-19 apresentam uma *ação transformadora*: em resumo, lembrou-se de como os servos de seu pai eram criados, caiu em si (tornou consciência de seu erro: ter-se perdido) e propôs-se voltar (deixar-se reencontrar). Ele voltará e dirá ao pai que já não merece ser seu filho, deixando ao pai uma decisão: o reconhecimento da paternidade.

Os v. 20-21 tornam-se o clímax da narrativa: ele volta e o pai o avista de longe, sente compaixão (*splanchinistei*) e corre (atitude atípica para um homem maior de idade). O filho, em seguida, diz o porquê de seu retorno: ter pecado contra Deus e contra seu pai. Ele mesmo se julga indigno de filiação. O desenlace da narrativa é imediato: o pai concede ao filho uma resposta não verbal, expressa em atitudes (v. 22): túnica, anel, sandálias novas, novilho gordo para a festa. Em seguida, explica aos empregados (v. 24): “porque este meu filho estava morto e tornou a viver; estava perdido e foi encontrado”, começando a festa.

Os v. 25-30 reapresentam um nó: o ciúme do filho primogênito, que se indigna com tal situação, fica com raiva e não quer entrar para a festa (v. 28), embora o pai insistisse com ele. O diálogo é intenso e difícil: na verdade, é mais esse filho o acusador do caçula, a ponto de dizer que ele teria esbanjado seus bens com as prostitutas (v. 30). O pai, em sua autoridade, conclui a cena, levando-o a entender sua compaixão: em primeiro lugar, ele está sempre com seu pai; além disso, deve saber que tudo o que é do pai é de seu primogênito também (v. 31-32). É deveras importante comemorar, pois esse “teu irmão estava morto e tornou a

viver; estava perdido e foi encontrado” (repetição do v. 24). A reticência da compaixão vence a disputa de braço com o legalismo endurecido do filho primogênito e o seu sentimento de não pertença ao pai. A misericórdia, nessa parábola, é a graça do amor de Deus, que nos atrai novamente para ele: de perdidos a encontrados, de mortos a ressuscitados.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Levar a comunidade a compreender que o pecado é realidade que accidentalmente faz parte de nossa condição: somos inclinados ao pecado, porém a graça salvífica de Deus é muito superior. “Pecar é humano, perdoar é divino.” Perceber que a comunidade cristã, a Igreja, é embaixadora de Cristo, que veio trazer a salvação, e não a condenação à humanidade. Cabe-nos acolher os que pecam e ajudá-los a seguir no caminho certo, pois também nós nos desviamos do caminho e outros já agiram com misericórdia para conosco. Por fim, providenciar, em um momento da semana, um momento penitencial, seja para confissões sacramentais, seja para celebrações penitenciais, que ajudem no processo de conversão próprio deste tempo de exercícios quaresmais.

5º DOMINGO DA QUARESMA

6 de abril

“Eis que eu farei coisas novas”

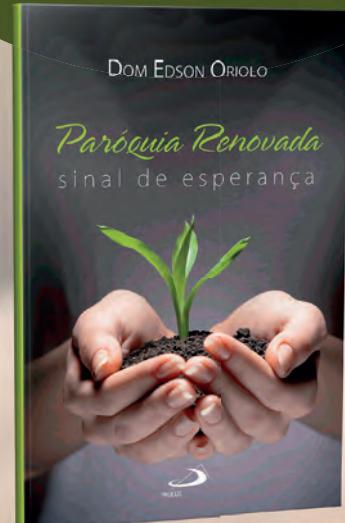
I. INTRODUÇÃO GERAL

O 5º domingo da Quaresma, no caminho dos exercícios espirituais, concede-nos saborear textos teologicamente substanciosos, com uma intenção renovadora, a fim de buscarmos na fé a esperança e assim vivermos o amor. Vamos cotidianamente, no caminho da cruz, gerando frutos pascais de ressurreição e esperança, contra toda falsa esperança. Estamos prestes a celebrar a Paixão do Senhor e somos chamados a nos aproximar do mistério pascal, que é fonte de

PARÓQUIA RENOVADA

SINAL DE ESPERANÇA

Dom Edson Oriolo



Neste livro, fruto de sua longa experiência como pároco, Dom Edson Oriolo aborda o desafio de anunciar o Evangelho no mundo atual.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

transformação para a vida de Jesus, em primeiro lugar, e para nossa vida, ligada à sua. O poeta brasileiro Augusto dos Anjos nos inspira: “A Esperança não murcha, ela não cansa, também como ela não sucumbe a crença, vão-se sonhos nas asas da Descrença, voltam sonhos nas asas da Esperança”. Diríamos, em outras palavras, que a morte iminente de Cristo parece roubar nossa alegria, mas sua ressurreição é devolvida nas asas da esperança, filha mais nova de Deus. A certeza da ressurreição é o que anima Paulo, o apóstolo, na segunda leitura. O profeta Isaías, na primeira leitura, vislumbra, na saída da terra do Egito, lampejos memoráveis de uma esperança que deve reavivar o coração dos que estão para ir ao exílio e daqueles que também de lá voltarão, trazendo a certeza de que Deus renova todas as coisas, mesmo as mais cruéis e difíceis que enfrentamos.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 43,16-21)

A essa altura do livro do profeta Isaías, Deus acena com lampejos de esperança ao seu povo que sofre. O profeta é sempre porta-voz de Deus, que vem nutrir seu povo e libertá-lo em tempos de penúria. A passagem se inicia com uma lembrança, em tom *anamnético*: “Isto diz o Senhor, que abriu uma passagem no mar e um caminho entre águas impetuosas” (v. 16). Essa passagem corresponde a um relato analéptico, de recordação de um feito fundamental do passado: a páscoa pelo mar Vermelho. Esse evento fundante, a passagem da escravidão para a liberdade de servir, é a mola propulsora para que o povo eleve seus olhos a Deus, sua grande e única esperança. O v. 17, ainda rememorando a Páscoa, sinaliza os feitos de Deus contra os inimigos egípcios de seu povo Israel. Deus pôs a perder carros e cavaleiros no mar. O mar tragou os inimigos de Adonai e este resgatou seu povo da casa da escravidão, o Egito; todos os inimigos estão mortos e não

ressuscitarão. A estes não há esperança de vida nova, pois fizeram perecer por longos anos o povo da Aliança (*berit*).

O v. 18 convida o povo a não relembrar as coisas passadas, como se estivessem ressentidos com as mazelas vividas, os dissabores do caminho, as mágoas dos quatrocentos anos de escravidão. O v. 19 é um ato transformador dos problemas do passado: “Eis que eu farei coisas novas, que já estão surgindo”. Deus abrirá uma estrada no deserto, por onde emanará água: “rios em terra seca”. A água, escassa no Oriente Médio Próximo, foi sempre um símbolo de fertilidade, pois traduz o matrimônio de Deus com seu povo. Deus faz cair sobre seu povo a água da vida. Por isso, vale lembrar que, no AT, o encontro de um homem com uma mulher em um poço é sempre o gênero literário indicativo do início de uma relação, que fecundará as núpcias: uma relação profunda e duradoura como um poço. Foi assim com Isaac e Rebeca (Gn 24,15-51), Jacó e Raquel (Gn 29,1-20), Moisés e Séfora (Ex 2,15-22). Para a água, criatura de Deus desde os primórdios do Gn 1,9, há sempre, no contexto próximo a Israel, um deus patrono, seja Baal, Asherá ou Dagom (filisteu, deus ligado à fertilidade e à pesca).

Não somente os homens e mulheres se alegrarão com a fartura produzida pela água, mas também os animais selvagens, dragões e avestruzes, pois Deus faz brotar água no deserto para dar de beber a seu povo, os escolhidos (v. 20). O texto chega a um clímax narrativo que também é desfecho: “Este povo, eu o criei para mim e ele cantará meus louvores” (v. 21). Tais cânticos traduzem a alegria pela providência de Deus, que salva seu povo da estiagem e faz renovar todas as realidades.

2. II leitura (Fl 3,8-14)

Paulo se dirige aos Filipenses enquanto está preso em Roma (Fl 1,7-13), provavelmente no final do ano 61 ou início do ano 62 d.C., falando-lhes com muito

afeto e paixão. Trata-se de uma carta emotiva. Ele considera tudo perda por causa de Cristo, tudo não passa de lixo (v. 8), e seu desejo não é outro senão ser encontrado por Cristo e estar unido a ele. Paulo deixou-se apaixonar por Cristo, buscando trazer em sua vida as marcas de Cristo, sua paixão e ressurreição, desalento e esperança.

No v. 9, Paulo realça o sentido enfático da justiça de Deus (*dikaiosyne tou Theou*). A justiça é, para ele, salvação que vem de Deus por meio da fé em Cristo (*pistys Christou*), e não provinda da Lei (Torá). Esses dois temas são fundamentais em Paulo, sobretudo na primeira carta aos Coríntios e em Romanos. Para o apóstolo, essa justiça (v. 10) consiste em conhecer a Cristo e participar (experimentar – *empíria*) de sua ressurreição. Para tal, Paulo se vê necessitado de participar da paixão de Cristo. Seus sofrimentos na prisão não são mera realidade fatídica ou para reclamações ou murmurários; são, antes de tudo, para assemelhá-lo a Cristo crucificado e levá-lo, como Cristo, à glória da ressurreição. Paulo é para nós, cristãos, símbolo de fé viva e configurada a Cristo. Toda essa realidade de sofrimento tem uma finalidade: alcançar a ressurreição dos mortos. O apóstolo não se gloria, pois não alcançou essa graça, mas corre para tal (aqui vemos o sentido de ser atleta de Cristo e estar em uma competição, na qual o pódio se traduz em salvação). Ele se vê alcançado por Cristo, o atleta olímpico de Deus Pai.

Paulo não se vê salvo, mas alcançado por Cristo em sua graça (v. 13), de tal modo que se lança no que está por vir, como quem está imbuído de coragem. Como um atleta, ele corre para a meta, para o prêmio da glória que, do alto, Deus o chama (vocaciona) a receber. No final de uma corrida, o juiz chama o vencedor pelo nome e concede-lhe o título de honra. “Por ‘vocação’, aqui, Paulo quer dizer o chamado de Deus ao cristão, quando a ‘corrida’ escatológica estiver concluída, para subir e unir-se a Cristo na vida

eterna”, como afirma Brendan Byrne, sj, no *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo* (Paulus).

3. Evangelho (Jo 8,1-11)

O relato é marcado pelos traços da misericórdia e do perdão. Jesus, no encontro com a mulher adúltera, em uma reviravolta, transforma um cenário marcado por pecado, adultério, acusações, juízes, ré e julgamento em perdão, misericórdia, reconciliação e no puro retrato da sua missão soteriológica (salvífica): o amor.

Do ponto de vista da história da redação do texto, esse relato só entrou em manuscritos do século III d.C., ou seja, tardeamente. Então, pode ser considerado um relato “incluso” posteriormente, pois parece, do ponto de vista literário, deslocado. Ele parece preencher uma “lacuna” antes do discurso de Jo 8,12-59 (que começa com Jesus dizendo ser a luz do mundo) e depois do discurso de Jo 7,37-44 (que afirma ser Jesus a fonte da água viva). Também é notório que não coincide com os traços estilísticos e teológicos de João, o Quarto Evangelho. O copista que inseriu tal relato nesse local intuiu que ele servisse para ilustrar Jo 8,15 (“eu a ninguém julgo”) e 8,46 (“quem... me acusa de pecado?”). Nele se evidencia uma “arapuca” da qual Jesus tem de escapar por meio de um dito prudente e sábio, como aquele em Mc 12,13-17, sobre ser lícito ou não pagar tributo a César.

O cenário mostra o ensino cotidiano no templo, uma prática comum de Jesus no Evangelho de João, mas não tão comum em Mc, Mt e Lc (20,1; 21,1.37; 8,2-3). Alguns exegetas sugerem que esse relato seria um material lucano que foi parar no meio do Evangelho joanino, pois circulava na tradição das igrejas nascentes. O Dt 22,23-24 prescreve a lapidação (apedrejamento) de uma mulher casada que cometesse o adultério. Jo 18,31 está certo em insistir que os romanos do tempo de Jesus tinham tirado dos judeus o direito de executar a pena de morte em casos em que sua Lei o exigia

(“A nós não nos é lícito matar ninguém”). Então, isso seria uma forma de Jesus apelar a tal recurso, traduzido em outras palavras: “Quem dentre vós não tiver pecado seja o primeiro a atirar-lhe uma pedra”. Segundo os oponentes de Jesus, ele deveria rejeitar ou a Lei de Moisés, ou a lei de Roma.

Sobre o v. 6, que mostra Jesus escrevendo com o dedo no chão, autores patrísticos sugeriram a conexão com Jr 17,13: “Todos os que te abandonam serão envergonhados, os que se afastam de ti serão escritos na terra”. A mulher, embora flagrada em adultério, não poderia ser lapidada, pois Roma a defendia; Jesus, contudo, não fica nem do lado de Roma, nem do lado da Lei judaica, e sim da mulher. Grosso modo, quem estiver imune de pecados que seja o primeiro a apedrejá-la. Dt 17,17 reconhece que aqueles que são testemunhas contra uma pessoa têm responsabilidade especial por sua morte. O v. 10 é o clímax: “Mulher, ninguém te condenou? Eu também não te condeno”. Depois de os acusadores irem embora, Jesus deixa claro que não faz parte deles. A mulher está livre para ir, mas não para pecar de novo, palavras que aludem à primeira leitura: não se recordar do passado, pois Deus fará coisas novas (cf. Is 43,18-19a).

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

O ministro ordenado ou o(a) animador(a) leigo(a) da comunidade hoje é chamado(a) a meditar sobre a bondade de Deus, que renova nossa vida de esperança, pois ele não conjuga nossa vida no tempo passado, mas no presente. Deus há de nos salvar pelo que somos hoje. Convidar a comunidade a sentir-se chamada a Cristo, percebendo que ele ocupa um lugar de destaque em nossa existência e que a razão de estarmos reunidos é ele nos ter salvado com sua redenção na cruz. Criar espaços de acolhida, perdão e misericórdia na comunidade, extirpando todo julgamento reducionista que afasta as

pessoas de nossa convivência e da Eucaristia, e pode nos tornar alfandegários entre Deus e nosso próximo. Refletir, criticamente, sobre quantas mulheres ainda não são julgadas ou condenadas pelo machismo truculento, que chega a ponto de gerar inúmeros feminícípios em nossa sociedade. Precisamos ser comunidades acolhedoras, onde o perdão e a misericórdia sejam frequentes e ativos.

DOMINGO DE RAMOS E DA PAIXÃO DO SENHOR

13 de abril

“Bendito o Rei, que vem em nome do Senhor”

I. INTRODUÇÃO GERAL

O domingo de Ramos da Paixão do Senhor marca o início da Semana Santa, a semana maior da fé cristã. A celebração deste domingo sinaliza a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém para vivenciar os últimos dias de sua vida terrena. Entre o triunfo da entrada messiânica e a entrada gloriosa nos átrios da casa de Deus, no céu, Jesus passará pela paixão e morte, mistérios hoje destacados no Evangelho, o qual já antecipa o que ouviremos novamente na sexta-feira da Paixão, justificando o nome “domingo de Ramos da Paixão” e seu caráter penitencial. A procissão dos ramos, lembrando a entrada de Jesus em Jerusalém, já é penitencial, como toda procissão, segundo a tradição eclesial. Na primeira leitura, o profeta Isaías faz-nos recordar o cântico do Servo de Adonai, o sofredor, e sua confiança na eficácia do auxílio de Deus, que fortalece seu povo no exílio, bem como libertará Jesus do cativeiro da morte iminente. Na segunda leitura, Paulo, falando aos filipenses, lembra-nos a *Kenosis* do Filho, seu esvaziamento de si mesmo, daquele que não fez do seu ser igual a Deus uma usurpação, mas doou-se para a redenção do mundo. O Evangelho destaca a paixão de

Cristo, entremeada às misérias dos esquemas iníquos e humanos e à bondade de Deus, que ama seu Filho e o livrará das algemas da morte, ressuscitando-o para uma vida nova.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. Evangelho de Ramos (Lc 19,28-40)

O domingo de Ramos nos apresenta dois Evangelhos. O primeiro convoca-nos para vivenciar os passos de Jesus, que entra na cidade de Jerusalém para encontrar-se com sua paixão na cruz. Jesus será saudado rei. Ele está completando sua jornada de volta para o Pai, iniciada em Lc 9,51 (notemos que Lucas é o evangelista que mais antecipa a decisão de Jesus de subir para Jerusalém). Desde esse versículo, Jesus está viajando com destino à cidade santa, e a partir dela a missão cristã se dirigirá aos confins da terra. Em Lucas, Jerusalém é o centro, pois Jesus sai da Galileia, vai para Jerusalém, e os discípulos seguirão, em Atos, dali para os confins do mundo. Na opinião de Schweizer, “Jerusalém se torna quase um símbolo geográfico” da continuidade das ações de Deus. Jesus está no controle de suas ações, é o que o texto lucano destaca: “Encontrareis um jumentinho que ainda ninguém montou”. A fala de Jesus, emprestada do Evangelho de Marcos, refere-se a Zc 9,9, na qual se destaca a figura do rei. O jumentinho é animal dócil e símbolo da paz, enquanto o cavalo seria símbolo da guerra.

Em vez de palmas, Lucas enfatiza o uso, por parte do povo, de um bem valioso, as vestes, que foram colocadas no chão. Como a comunidade lucana sempre se move em meio a essa dualidade entre ricos e pobres, o Evangelho vem mostrar que todos têm a mesma predisposição de fazer de suas vestes um tapete para o Messias: tudo o que eles têm está à disposição do rei que vem. O v. 37 destaca o reconhecimento dos miraculados de Jesus, ministério realizado junto aos cegos, coxos, aleijados e pobres, pois ele cumpre as Escrituras (Lc 4,18-19: leitura de Isaías na sinagoga de Nazaré). Para Lucas, por antonomásia, Jesus é aquele que vem cumprir a

vontade-justiça de Deus. O v. 38 destaca Jesus, que reina sobre os inimigos da paz – *shalom*. O Salmo 118,26 está aqui, implícito, usado para sinalizar o *status* de Jesus como rei. “Aquele que vem” é tema fundamental sobre aquele que deve vir para dentro do templo, previsto por Malaquias (Ml 3,1). Jesus garante paz no céu em sua entrada triunfal em Jerusalém, assim como os anjos garantem “paz na terra aos homens que ele ama” (*Bíblia de Jerusalém*, Paulus), conforme o anúncio de Lc 2,14, no nascimento de Jesus. Então dois momentos convergem para a mesma especificidade: a paz, tanto no nascimento como na paixão de Jesus. Os v. 39-40 denotam um desejo de os fariseus calarem os que seguem Jesus, seus discípulos, e Jesus declara: “Se eles se calarem, as pedras falarão”. O pano de fundo desse versículo parece ser Hab 2,11, no qual as pedras parecem ser testemunhas de vindicação das injustiças contra aqueles que não respondem a Deus.

2. I leitura (Is 50,4-7)

O texto corresponde ao terceiro dos quatro cânticos do Servo de Adonai. O Servo, *oved Adonai*, em hebraico, surge como sábio-profeta, discípulo fiel a Deus (v. 4-5), que tem como missão ensinar os tementes do Senhor, todos os judeus piedosos (v. 10), e também os desviados ou infiéis, “que caminham nas trevas”. Ele é corajoso e conta com o auxílio divino: “meu auxiliador” (v. 7-9). Suporta as perseguições (v. 5-6), até que Deus lhe conceda um triunfo eterno (v. 9-11, relato que não está inserido na passagem deste domingo).

Esse relato, teologicamente dizendo, corresponde ao sofrimento de Judá exilado na Babilônia: “as palavras se moviam em um forte espírito de esperança” (Is 40,2; 42,7), afirma Carroll Stuhlmueller (*Novo Comentário Bíblico São Jerônimo*, AT, Paulus). Esse relato se situa no Dêutero-Isaías, o segundo bloco do profeta Isaías, composto de três seções: a primeira equivale ao tempo e contexto

pré-exílicos, o segundo ao contexto exílico e o terceiro, ao pós-exílio.

Os v. 4-5 trazem problemas textuais e várias traduções possíveis. Propomos: “O Senhor Adonai deu-me língua de discípulo, para que eu saiba como sustentar o cansado. A palavra me desperta pela manhã, pela manhã ela me desperta o ouvido para ouvir como os discípulos”. “Cansado” é palavra-chave do Dêutero-Isaías, pois o servo é ignorado e maltratado (v. 6). “Conservei o meu rosto como pedra” faz-nos lembrar o dito de Jesus no Evangelho de Ramos, baseado em Hab 2,11: a face endurecida frente às injustiças sofridas.

3. II leitura (Fl 2,6-11)

Famoso e belo hino, por sua composição, o texto reúne traços fundamentais de um hino cristológico, cuja intenção é evidenciar a quenose (*Kenosis*) do Filho, ou seja, o rebatimento de sua divindade à condição humana e mortal. “Existindo em forma (*morphē*) de Deus” denota modo de ser ou aparência-essência, indicando semelhança e não igualdade estrita. Assim, Cristo, “na forma de Deus”, não “usou” de benefícios, ou seja, não explorou algo em benefício próprio. Paulo é enfático: Cristo, semelhante a Deus, não utilizou de seu *status* exaltado para fins puramente egoístas, contrapondo-se, assim, ao ser adâmico. Se Adão representa a humanidade decaída pelo pecado, Cristo simboliza a humanidade reerguida pela graça salvífica. O termo grego *Kenoun* (v. 7), “despojou-se”, na voz passiva, significa “ser tornado impotente, ineficaz” (Rm 4,14). Essa condição agora é de *doulos*, que, em grego, se traduz por “servo”, aludindo ao Servo de Adonai em Isaías 53,13 (visto que se entregou a si mesmo à morte).

4. Evangelho (Lc 23,1-49 – mais breve)

O relato é tecido de uma forma concatenada e com uma evolução em seu enredo, cujo teor fundamental é a inocência de Jesus,

como um refrão que ressoa durante toda a narrativa. Jesus é o justo de Deus que sofrerá as injustiças da humanidade, daqueles que governavam a política e a religião em seu tempo, a começar por Pilatos, governador romano. Ele, após as acusações levantadas contra Jesus, é o único que parece gozar de certa razoabilidade, pelo menos *a priori*. Ele não vê em Jesus crime algum (v. 4). Assim, se não houve crime, por que há, então, condenação? A resposta mais oportuna se encontra no mistério da iniquidade, que, ao mesmo tempo, perpassa como vento traiçoeiro o cenário da paixão, fazendo certas reviravoltas.

Na tradição ou fonte que sustenta o relato lucano, no v. 5, aparece uma questão: “Eles, porém, insistiam: ‘Ele agita o povo, ensinando por toda a Judeia, desde a Galileia, onde começou, até aqui’”. Para Pilatos, um galileu pertencia à jurisdição de Herodes; assim, o governador transfere o julgamento para uma segunda instância. Herodes, naqueles dias, encontrava-se em Jerusalém (v. 7).

A narrativa da cena de Jesus diante de Herodes é exclusivamente lucana, não sendo encontrada em outro relato evangélico. Esse trecho lucano supostamente foi preparado por Lc 3,1.19-20 e 13,31-32. Por três vezes, Lc 23,8 mostra o uso do verbo “ver” – *idón* (uma vez) e *idein* (duas vezes) – por parte de Herodes, uma visão que lhe exigia a fé. No encontro com Herodes, Jesus fica calado (v. 9). Trata-se do silêncio do Servo (justo) do Senhor, que sofre inocentemente (cf. Is 53,7), um silêncio fecundado na esperança e confiança aprofundadas no Deus fiel. Jesus é tratado por Herodes com escárnio e desprezo e é vestido com uma roupa brilhante – veste de gala, usada por príncipes –, como uma espécie de zombaria acerca das pretensões que ele acreditava que Jesus tivesse. O v. 12 marca a amizade funesta que surge entre Herodes e Pilatos, como uma ironia. “Mesmo quando parece estar sem poder algum, Jesus é ainda capaz de realizar uma obra salvífica:

a reconciliação entre dois inimigos" (M. L. Soards, *Bíblica*, n. 66, 1985).

De novo diante de Pilatos (v. 13-25), Jesus é entregue ao juízo dos sumos sacerdotes e dos chefes do povo, que incitam seus séquitos a gritar: "Crucifica-o". Pilatos declara a inocência de Jesus, mas se acovarda quando todo Israel exige sua morte. Todo Israel (v. 13) está presente. A completude do processo jurídico está presente: prender (v. 14a); acusar (v. 14b); investigar ou *cognitio* (v. 14c); veredito de inocência (v. 14d), confirmando o veredito de Herodes (v. 15a) e a advertência judicial (v. 16). Lucas se esforça para evidenciar as sessões de um julgamento correto. O v. 18 evidencia Pilatos soltando Jesus, e, por mais de duas vezes (v. 21.23), Israel exige sua morte, não sem antes, no v. 18, exigir a soltura de Barrabás, preso por motim e homicídio. Pilatos quer soltar Jesus, mas o povo (*laós*) quer sua morte. No v. 25, Pilatos entrega Jesus ao arbítrio deles. Jesus é inocente, não sentenciado por Roma, mas sim por pura perversão dos religiosos e líderes do povo.

Simão de Cirene é solidário e carrega atrás de Jesus sua cruz, tornando-se seu discípulo mesmo na última hora e impositivamente. Mulheres choram pelo caminho que leva ao Calvário (v. 26-32). Jesus chega ao lugar chamado Caveira (v. 22), onde o crucificam, entre dois malfeitos. É sujeitado às zombarias e ultrajes (v. 35-37), que Lucas evidencia de maneira progressiva e decrescente: dos líderes religiosos, dos soldados e, por fim, de um criminoso. Jesus é tentado a salvar a própria vida, não a entregando, mas apegando-se a ela (cf. Lc 9,24). Quem o salvará será o Pai (cf. predições da paixão e ressurreição em 9,22 e 18,33). Sobre o *escolhido* (v. 35), tal chacota está ligada a Lucas 9,35. Dão-lhe vinagre, como forma de entorpecimento (v. 36), ações que estão em sintonia com o Sl 69,21-22, do justo que sofre inocentemente. O letreiro acima dele é resumido (v. 38): "Este é o rei dos judeus".

LAUDATO SI'

SOBRE O CUIDADO DA
CASA COMUM

Papa Francisco



Lançada em maio de 2015, esta encíclica trata do cuidado com o meio ambiente e com todas as pessoas, bem como de questões mais amplas da relação entre Deus, os seres humanos e a Terra.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

Nos v. 39-43 há um contraste entre zombaria e profissão de fé, esta por parte do criminoso “bom”, que inicia as reações positivas a Jesus. No v. 39, “Cristo” é palavra irônica nos lábios de quem zomba dele, e no v. 42 seu nome está agora nos lábios do “bom ladrão”, que lhe suplica que se lembre dele no seu Reino. A resposta de Jesus (v. 43) é como uma absolvição pronunciada por ele, que é ordenado por Deus para ser o juiz dos vivos e dos mortos (At 10,42). O termo “hoje” indica que a morte salvífica de Jesus tem significado para o presente.

Na hora sexta (v. 44) houve treva, até a hora nona, e o sol desapareceu: isso nos faz lembrar Jl 2,31 e Am 8,9, o Dia do Senhor, dia de julgamento, acompanhado de trevas. Todo esse cenário indica que o momento do juízo de Deus, contra toda iniquidade e mal no mundo, se dá na morte de Jesus. O v. 45 (“o véu do santuário se rasgou no meio”) leva-nos a entender que, em Jesus, todas as pessoas agora têm acesso a Deus. Em Lc 23,46, o forte grito de Jesus revela sua bela oração na cruz: “Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito”. Essa oração está baseada no Sl 31,5, do inocente sofredor. Jesus conclui sua vida de obediência à vontade de Deus; bebeu o cálice que o Pai lhe ofereceu (cf. Lc 22,42). Nos v. 47-49, Lucas evidencia as respostas positivas à morte de Jesus, com o testemunho do centurião, que glorificava a Deus, dizendo: “Realmente, este homem era justo!” O v. 49 conclui o relato da paixão, dizendo que todos os amigos de Jesus, bem como as mulheres que o acompanhavam desde a Galileia, permaneciam a distância, observando essas coisas. O relato não deixa claro se esses amigos correspondem aos discípulos; provavelmente eram aqueles simpáticos a Jesus, à sua pregação e ao seu testemunho.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Levar a comunidade cristã a fazer desta celebração o início da Semana Santa, tempo

oportuno para conversão e renovação da esperança. Meditar com os fiéis sobre a importância de participar destes dias com fé e dedicação. Trata-se de oportunidade de a comunidade cristã pôr-se no caminho de Jesus em vista de sua paixão e ressurreição. Conscientizar os fiéis de seu compromisso com a participação na Coleta Nacional da Campanha da Fraternidade, colaborando com a ação social da Igreja no Brasil e no mundo. Para além de qualquer preconceito, a Campanha da Fraternidade é oportunidade de testemunharmos, durante a Quaresma, nossa fé viva, capaz de iluminar e transformar o mundo à nossa volta.

Os roteiros homiléticos do Tríduo Pascal (Ceia do Senhor, Paixão do Senhor e Vigília Pascal) podem ser acessados no site da revista.



DOMINGO DA PÁSCOA NA RESSURREIÇÃO DO SENHOR

20 de abril

“Ele devia ressuscitar dos mortos”

I. INTRODUÇÃO GERAL

Celebramos hoje o dia sem ocaso, o domingo da Páscoa na Ressurreição do Senhor. É o dia que o Senhor fez para nós, como canta alegre o salmo dessa assembleia santa. Expressa-se o convite à alegria, à exultação e à felicidade. Rezamos o mistério fontal de nossa fé: o Cristo vivo e ressuscitado. Ele é vencedor da morte, garantindo-nos a esperança da feliz ressurreição, no encontro definitivo com o Senhor, na glória eterna.

Na primeira leitura, dos Atos dos Apóstolos, Pedro proclama um discurso que, por um lado, acentua a responsabilidade do povo, o qual prega Jesus na cruz e o mata, e, por outro, destaca a ação do Pai, que, por sua onipotência, ressuscita o Cristo ao terceiro dia. A ação da Igreja nascente e dos apóstolos

é pregar e testemunhar ao povo a ação salvífica de Jesus ressuscitado, permitindo-lhes perceber que a autoridade-poder do Senhor vem do Pai. Na segunda leitura, da carta aos Colossenses, por um lado, ratifica-se a salvação trazida por Cristo e sua primazia no mundo; por outro, acentua-se o despertar da ética em vista da fé. A expressão “esforçai-vos por alcançar as coisas do alto” (v. 1b) marca o empenho prático do cristão em conformar suas ações do cotidiano da vida com sua profissão de fé. O texto evangélico revela não só a incredulidade dos discípulos no dia da Páscoa, mas também como Pedro e João chegaram à fé no Ressuscitado. Maria Madalena recebe também notoriedade, uma vez que foi ela, uma mulher, a primeira testemunha do túmulo vazio. Ela é a “Apóstola dos apóstolos”, como afirmou Santo Tomás de Aquino. Assim, celebrando este dia solene e alegre, confiemo-nos ao Senhor para que, na vivência dos valores evangélicos e cristãos, possamos um dia participar da glória da eternidade, quando Deus nos chamar desta vida à plenitude.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (At 10,34a.37-43)

Nos cinquenta dias pascais, começando com esta liturgia, leremos, cotidianamente, trechos dos Atos dos Apóstolos. A comunidade cristã primitiva torna-se modelo e exemplo para a vivência da fé no hoje de nossa vida. Do mesmo modo que o Ressuscitado iluminou a experiência dos primeiros cristãos, assim também deve iluminar nossa vida, nossos lares, famílias e comunidades.

Estamos diante de um discurso querigmático do apóstolo Pedro. Nessa altura do livro (cap. 10), tal discurso já não se destina somente ao povo hebreu – como vemos, por exemplo, em At 2,14-36 –, mas sim a todos aqueles que, pela fé, buscam a Deus. Vai cumprindo-se, desse modo, o mandato de Jesus, presente nos Evangelhos, de que a

Boa-nova da salvação seja anunciada até os “confins do mundo”. Pedro começa a dizer quem é Jesus e desenvolve, logo em seguida, a missão que ele realizou. O Senhor foi aquele “ungido por Deus com o Espírito Santo e com poder” (v. 38a). Ele fez o bem, curou as pessoas e expulsou demônios. Contudo, o autor sagrado faz questão de ratificar: “porque Deus estava com ele” (v. 38c). O poder-autoridade – *exousía* – de Jesus não emana dele mesmo, mas do Pai. Toda a sua missão não é realizada autonomamente, mas em comunhão, participação e integração com a vontade de Deus todo-poderoso.

O discurso petrino culmina no anúncio da paixão, morte e ressurreição do Senhor: “eles o mataram, pregando-o numa cruz. Mas Deus o ressuscitou no terceiro dia [...]” (v. 39c-40a). Se as autoridades judaicas acreditavam que, eliminando Jesus, se silenciaria a mensagem anunciada pelo Senhor, a morte, pelo contrário, torna-se oportunidade de vida nova, vida ressuscitada, vida gloriosa. Com a ressurreição do Mestre, seus discípulos são (re)animados à missão, anunciando e testemunhando o que receberam do Senhor. O mandato de Jesus é claro: ele “nos mandou pregar ao povo e testemunhar que Deus o constituiu Juiz dos vivos e dos mortos” (v. 42). O apóstolo Pedro finaliza sua pregação, dizendo como todos aqueles que o escutam podem associar-se ao Cristo: crer em Jesus é condição para a remissão dos pecados e, consequentemente, horizonte para alcançar a salvação.

2. II leitura (Cl 3,1-4)

A carta aos Colossenses tem seu ponto central no mistério de Cristo: o Filho, Deus eterno com o Pai, em determinado momento da história, assumiu a natureza humana. Jesus Cristo é Criador junto com o Pai; mas, por sua vez, assumiu uma natureza criada. Por isso, é o primeiro dos seres humanos e superior a todos eles. Sua atuação é decisiva na

criação de todas as coisas e, também, na nova criação, que é a regeneração da ordem da graça, levada a cabo mediante sua entrega na cruz. Por isso, Cristo é a “cabeça” de todo o universo, de todas as realidades terrenas e da Igreja. Por meio da salvação do ser humano, ele reconcilia tudo o que existe. Antes de Cristo não há vida nem morte eterna. Tudo passa por ele. O Filho de Deus não é somente o membro mais nobre da Igreja, mas é também seu princípio de vida e de atividade. Ele deve ser posto acima de todas as realidades, como cabeça salvífica e centro de convergência.

Com essa moldura teológica, encontramo-nos com essa exortação do autor sagrado. Ele nos convida a viver uma vida, de fato, verdadeira, diferente da anterior. Nossa fé na ressurreição nos desperta para as coisas do alto, como diz o texto. Na verdade, essa leitura deseja despertar-nos para um compromisso ético, impulsionado pela fé. Nós, que cremos, rezamos e celebramos que Cristo ressuscitou, carecemos de que nosso modo de ser, de falar e de agir no mundo com os irmãos e irmãs seja, cada vez mais, parecido com o do Senhor: “esforçai-vos por alcançar as coisas do alto” (v. 1b). É preciso deixar de lado a antiga vida, de pecado, de trevas, de “escravidão”, e assumir a liberdade, a graça e a luz que vêm de Deus, por meio de seu Filho, nosso Senhor Jesus Cristo.

3. Evangelho (Jo 20,1-9)

A ressurreição do Senhor é testemunho vivo, fervoroso e provocante na comunidade dos discípulos de Jesus. Cantamos na “Sequência” desta liturgia: “Vi Cristo ressuscitado, o túmulo abandonado”; e, logo depois: “Ressuscitou de verdade. Ó Rei, ó Cristo, piedade!” A ressurreição do Senhor é verdadeira e testemunhada por aqueles que viram ou o túmulo vazio, ou o Ressuscitado numa de suas aparições.

A cena do Evangelho narra uma dessas situações. Era domingo, o primeiro dia da semana, dia que se tornará a oportunidade da reunião da comunidade. Transcorridos os fatos da paixão e da morte de Jesus, Maria Madalena foi ao túmulo, possivelmente para ungir o corpo do Senhor, em sua sepultura, ainda de madrugada – a notícia da ressurreição, luz que dissipava todas as trevas, ainda não havia atingido a comunidade dos discípulos. Contudo, um fato inesperado e surpreendente é vivenciado por Maria Madalena: a pedra tinha sido retirada do túmulo. Como e por que razão uma pedra tão grande e pesada foi retirada da entrada do túmulo? Ela sai em disparada e se encontra com Pedro e o discípulo amado. Madalena está angustiada: “Tiraram o Senhor do túmulo, e não sabemos onde o colocaram” (v. 2b).

Ao receberem a notícia, os dois discípulos correm em direção ao centro da cena: encontram o sepulcro vazio. O discípulo amado chega primeiro, talvez porque fosse mais jovem. Contudo, não entra – é a imagem do amor cristão que sabe esperar, com expectativa e alegria, os tempos e os momentos de Deus. Ele espera Pedro, o chefe do grupo dos Doze, aquele sobre o qual recaía a autoridade dos discípulos. Por um lado, o que marca a cena é a incredulidade dos seguidores de Jesus (v. 8-9): “eles ainda não tinham compreendido a Escritura, segundo a qual o Senhor devia ressuscitar dos mortos”. Contemporaneamente, corremos o mesmo risco: de sermos homens e mulheres incrédulos, racionais, positivistas e fechados à graça e à ação de Deus na história. Por outro lado, ressalta-se a postura do discípulo amado: “Ele viu e acreditou” (v. 8c). Ele crê na ressurreição de Jesus e no cumprimento das Escrituras (v. 9).

Teologicamente, essa cena tem muito a nos dizer e ensinar. Somente aquele que ama verdadeiramente consegue “enxergar” esperança, vida nova e ressurreição mesmo

num cenário de morte, medo e angústia. O coração do discípulo amado era aquele que estava na mesma sintonia do coração do Senhor – tanto que, na cena da última ceia, ele estava reclinado no peito de Jesus. O amor do discípulo se torna, dessa forma, esperança viva, testemunho autêntico, ímpeto missionário para uma nova fase da vida das comunidades nascentes. Agora, é preciso anunciar: as Escrituras se cumpriram, Cristo venceu, ressuscitou, as cadeias da morte não foram suficientes para acorrentá-lo. Além disso, a primeira testemunha desse evento extraordinário e fundante é uma mulher, Maria Madalena – chamada, posteriormente, de Apóstola da ressurreição. Aqui, revela-se, nas entrelinhas, mesmo num contexto patriarcal e machista, o papel preponderante da mulher. Ela foi a primeira a receber a Boa Notícia e foi a primeira a anuciá-la, corajosamente.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Chamar a comunidade a viver intensamente este dia de alegria e fé, no espírito de paz e fraternidade. O dia da Páscoa se estenderá por oito dias, na chamada oitava pascal, para nos recordar que um dia apenas é muito pouco para vislumbrar e saborear a graça da vida nova que nos vem de/por Cristo. Perceber que entre nós há sinais de ressurreição e vida nova quando vivemos o perdão, a solidariedade e somos capazes de olhar para o sepulcro de nossa existência, notando que nele o Senhor deixa sua luz e as trevas nunca serão a maior e mais forte realidade. Vivenciar no mundo atual, marcado por tanta crucifixão e sofrimento, a certeza da solidariedade de Deus, que liberta todo gênero humano da morte e da decepção pelo fracasso. Quando nos sentimos fracos é que somos fortes, e quando nos sentimos abandonados é que entendemos o que vem a ser ressurreição: a confiança total em Deus.

2º DOMINGO DA PÁSCOA
DOMINGO DA DIVINA MISERICÓRDIA
27 de abril

“Eterna é a sua misericórdia!”

I. INTRODUÇÃO GERAL

O Domingo da Misericórdia, instituído por São João Paulo II no ano 2000, só tem sentido se vivido e celebrado à luz da Páscoa da ressurreição do Senhor. Não há como celebrar misericórdia sem a vida nova que Cristo nos chama a assumir e viver. Só quem foi tocado pelo mistério pascal de Cristo é capaz de compadecer-se de seu próximo e do mundo à sua volta, a Casa Comum onde habitamos. Misericórdia, além de ser atributo divino, pode poeticamente dizer daquilo que nós podemos fazer: “colocar nosso coração à disposição de tudo e de todos”, buscando viver a miséria do coração que se doa para que outros tenham vida. Somos convidados a ver Jesus crucificado-ressuscitado no meio da comunidade. Não ser incrédulo como São Tomé, que no Evangelho duvida da presença do Ressuscitado, é perceber que ele está presente em sua Igreja hoje. Que saibamos, mesmo não o vendo fisicamente diante de nós, proclamar: “Meu Senhor e meu Deus” (Jo 20,28). Que ouçamos o apelo do Senhor, que nos convida a saborear a paz que ele, o Ressuscitado, concede ao mundo e à sua Igreja. Na primeira leitura, Lucas, nos Atos dos Apóstolos, testemunha o crescimento da comunidade dos seguidores de Jesus, inspirados pelo testemunho apostólico. Os apóstolos testemunham Cristo por palavras e gestos, sobretudo curando os doentes em nome de Cristo. Na segunda leitura, o narrador do Apocalipse, por meio de uma visão, dá testemunho de Cristo. João, ainda, dá testemunho de sua perseverança nas tribulações e no exílio que vive em Patmos. O fio condutor de todas as leituras é a misericórdia

de Deus, que alimentou e sustentou a vida dos apóstolos ontem e alimenta e sustenta a vida da Igreja nos dias de hoje.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (At 5,12-16)

Lucas dá testemunho da ação misteriosa que emana da Páscoa da ressurreição do Senhor: sinais e maravilhas operadas pelas mãos dos apóstolos, continuadores da missão de Jesus Cristo pela ação soteriológica e reanimadora do Espírito Santo, que age no coração dos fiéis (v. 12). O v. 13 mostra que ninguém ousava juntar-se aos apóstolos, mas o povo os estimava muito. Não há oposição à ação apostólica, mas também não há uma adesão formal de mais pessoas, pois os apóstolos estavam em uma experiência própria, luminosa e tocante, que os fazia diferentes, pela missão que receberam na ressurreição do Senhor. Contudo, havia uma adesão ao Senhor, e os fiéis aumentavam em número significativo. O v. 15 ressalta o poder dos apóstolos – a *exousia* – e a ação apostólica: Pedro, o apóstolo que precede e preside a comunidade dos fiéis ao Senhor, é aquele que realiza a *dynameis*, a ação de Cristo, vivo e presente, na comunidade. Vinham, de todos os lados, doentes e possuídos, e eram libertos de suas mazelas em nome de Cristo. O poder do nome do Senhor Jesus Cristo resiste e reside, de maneira viva e pulsante, na Igreja primitiva. Essa Igreja se sustenta com a força do Ressuscitado e por ele é capaz de curar a muitos.

Neste domingo pascal, cuja essência é a misericórdia, pode-se observar que os apóstolos são imbuídos pelo Espírito do Ressuscitado, que suscita transformações na vida dos fiéis: nos apóstolos, o medo, em razão da morte de Jesus, transforma-se em coração por causa do Ressuscitado, que age na comunidade; os que vão até os apóstolos, escravos de mazelas e doenças, passam à liberdade da cura, seja esta física, seja espiritual. Toda essa

ação transformadora é fruto da misericórdia de Deus, a qual floresce da Páscoa de Jesus.

2. II leitura (Ap 1,9-11a.12-13.17-19)

Por meio de uma belíssima visão, o apóstolo João, testemunha qualificada que vislumbra a revelação final, percebe-se exilado em Patmos, na Ásia Menor, e dirige, em meio à tribulação e à perseguição, cartas a sete igrejas: de Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodiceia. Essa testemunha é exortada pelo Senhor (o Ressuscitado) a escrever no livro o que vai ver (v. 10-11) – donde o nome Apocalipse, termo grego que significa revelação (“tirar o véu”) de uma realidade esperançosa e plenamente embebida pela força de Deus, em contraste à realidade triste e sofrida que vive o povo no final do século I, dominado pelo Império Romano, sob Domiciano.

No v. 13, a visão dos sete candelabros é a visão das sete igrejas às quais ele deverá dizer palavras de exortação e esperança, mas em tom fortemente profético. O v. 17 mostra a confiança que esse servo deverá ter, mesmo num contexto de perseguição e sofrimento. Muitas e incontáveis eram as vítimas do Império Romano, que fez incalculáveis vítimas cristãs pelo simples fato de crerem em Jesus Cristo naquele contexto tirânico. Quem o encoraja é o Senhor Jesus: “Eu sou o Primeiro e o Último, aquele que vive. Estive morto, mas agora estou vivo para sempre. Eu tenho a chave da morte e da região dos mortos”. O apóstolo é convidado, por último (v. 19), a escrever tudo o que acontece e acontecerá, pois o autor apocalíptico tem dois olhos, fitos em realidades distintas – no presente, ou no passado próximo, e no futuro –, mas não como pretensa visão, e sim como percepção de que toda causa no hoje traz consequências, inevitáveis, no amanhã.

3. Evangelho (Jo 20,19-31)

O texto é um retrato da travessia da incredulidade para a fé viva naquele que

venceu a morte e nos abriu o caminho da salvação. Tomé é símbolo dessa busca incessante da fé. Ele se afastou, por medo ou dúvidas, da comunidade dos fiéis. Afastar-se da comunidade é fatidicamente um caminho sinuoso que conduz ao enfraquecimento da fé. Em contrapartida, estar junto à comunidade constitui condição de possibilidade para crer e tornar-se testemunha fiel da vida que vence a morte, nutrindo-se sempre mais da ressurreição.

O v. 19 denuncia que a situação vivida pelos discípulos de Jesus, recém-executado na cruz, é de medo e insegurança, por causa dos judeus. Em João, o termo “judeus” é um actancial, para distinguir uma ação executada por alguém ou grupo; não corresponde a uma nação inteira ou a um termo gentílico, e sim a um grupo específico de pessoas que agem, movidas por interesses, relacionados ao poder religioso ou político, para pôr fim à vida de Jesus. Esse grupo de poderosos está a perseguir os que seguem Jesus, por isso essa introdução dramática. O mesmo versículo apresenta uma reviravolta no ambiente de medo, que passa a abrigar a certeza da paz, o *shalom*, pois Jesus adentra o recinto, rompendo as algemas do medo e dizendo: “A paz esteja convosco”. Tal saudação muda o ambiente sombrio do medo em um lugar iluminado e de paz, simbolizando *prolepticamente* (antecipadamente) o que acontecerá no coração incrédulo de Tomé.

Depois da saudação, o *shalom* (v. 20), Jesus mostrou-lhes o lado e as mãos. Ele quer dizer com tal gesto que é o Crucificado e agora está em outra condição, de ressuscitado. Há uma continuidade na descontinuidade. O novo da ressurreição, da vida nova, traz as marcas da tortura, da dor e da morte, mas estas são ressignificadas pelo amor misericordioso e divino que fez Jesus vencer a morte. Os discípulos se alegram por verem o Senhor: *Kyrios* é aquele que domina, e o domínio de Deus é exercido especialmente

EXORTAÇÃO APOSTÓLICA *LAUDATE DEUM*

Papa Francisco



Publicada no limiar do Sínodo dos Bispos, no dia 4 de outubro de 2023, na festa de São Francisco de Assis, trata-se de uma continuação da Carta Encíclica *Laudato Si'*, sobre o cuidado com a Casa Comum.



Aponte a câmera do seu celular e confira!

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

sobre a mais natural realidade, a morte. Deus não permitiu que seu Filho permanecesse impotente na morte e refém dela, ele a vence, superando seus aguilhões (cf. 1Cor 15,55-58), como expressa a música composta por Antônio do Prado: “Ó morte, estás vencida pelo Senhor da Vida, pelo Senhor da Vida!”

Os v. 21-22 apresentam novamente Jesus dizendo: “A paz esteja convoco. Como o Pai me enviou, também eu vos envio”. Então, num gesto pneumatológico, ele sopra sobre os discípulos o Espírito Santo. É a terceira Pessoa trinitária que, proveniente do Pai e do Filho, vai animar a Igreja, como garantidor e defensor da comunidade, que adquire novo sentido pela presença daquele que a sustenta e fortalece. Essa comunidade é enviada (em grego, *apostélo*). Em João, a pneumatologia é expressiva na cruz (Jo 19,30) e garante que a comunidade apostólica se torne convocada (*ekklesia*). Esta tem a missão de ser lugar de reconciliação e vínculo da paz. O v. 23 ressalta a dimensão do perdão, do *per-donum*, como dom total dado pelo Espírito e compartilhado entre os membros, especialmente para aquele que lá não estava anteriormente.

Os v. 24-28 apresentam uma ação transformadora, desde a volta de Tomé, chamado Dídimos ou Gêmeo, que não estava com a comunidade. O testemunho dos apóstolos – “Vimos o Senhor” (v. 25) – não garante sua credulidade; para quem está cego, imerso na falta de fé, tal testemunho não significa nenhuma luz. Para os judeus, o testemunho de uma pessoa sozinha é duvidoso, mas o de uma comunidade inteira não poderia ser descartado. No entanto, o coração do apóstolo está fechado. Ele quer tocar as chagas do Crucificado, pôr a mão no seu lado aberto. Sua fé parece empírica, pois sua experiência exige concretude, elementos irrefutáveis. A verdadeira fé, para o povo judeu, vem, contudo, pelo testemunho, pela palavra, que agora estará de volta, no centro da comunidade, com a presença do Ressuscitado (v. 26).

Jesus volta, oito dias depois, e aparece a Tomé e aos demais.

O v.27 transfere o pedido do *incrédulo* Tomé para a boca do *fidedigno* Jesus. Tomé, por sua vez, exclama em confissão de fé (v. 28): “Meu Senhor e meu Deus” (em grego, *hó Kyrios mou kai hó Theós mo*; literalmente, “Senhor meu e Deus meu”). Talvez essa seja a mais bela e expressiva confissão de fé presente nas Escrituras. A transformação de Tomé é sinal de que Jesus age por sua presença, mas também por sua palavra. Abre-se para nós a possibilidade de perceber que, mesmo sem vê-lo hoje, podemos nele crer, por suas palavras gravadas na história. Para Jesus, é feliz quem crê sem ver (v. 29). O Quarto Evangelho termina com os v. 30-31, que podem ser considerados o escopo ou o alvo. Os “sinais” realizados por Jesus e narrados nesse Evangelho foram escritos para duas coisas fundamentais: para suscitar a fé em Jesus, o Cristo, e para que, tendo nele fé, tenhamos a vida eterna. Isto é, a intenção do Evangelho é também soteriológica.

Por fim, pode-se dizer que esse relato paradigmático ou exemplar deseja conferir à Igreja, comunidade apostólica, até os dias atuais, a fé no Ressuscitado, pois ele (Jesus Cristo) é o “rosto da misericórdia do Pai” (papa Francisco, na Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia – *Misericordiae Vultus*, n. 1).

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

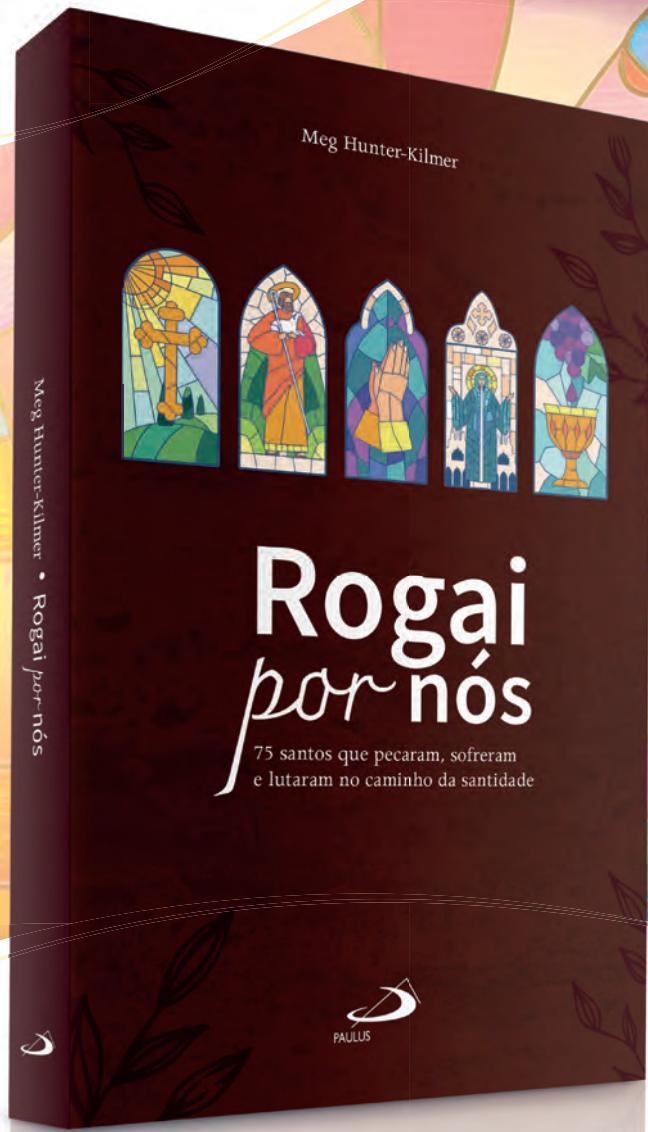
Propor que a comunidade cristã, a Igreja, seja sempre um lugar acolhedor, renovado, cheio de alegria e esperança. Convidar a comunidade a experimentar momentos de reflexão acerca da misericórdia, uma prática às vezes difícil, por causa da indiferença, dos julgamentos precipitados e das posturas de fechamento. Chamar os que estão afastados da comunidade e acolhê-los com ternura e abertura, a fim de que encontrem o Ressuscitado presente em nossas palavras e atitudes.

VP

Encontre esperança nas histórias dos santos.

Você já se sentiu distante da santidade?
É hora de mudar essa perspectiva!

Um livro que
revela a essência dos
santos. Não apenas
suas conquistas, mas
também suas lutas,
pecados, tristezas
e sofrimento.



PAULUS

loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
vendas@paulus.com.br
f @ X @editorapaulus



COMPRE
AGORA

A revista indispensável para guiar sua comunidade no caminho da Palavra de Deus

LANÇAMENTO



Você vai encontrar:

- Celebrações dominicais e festivas
 - Rezando com Nossa Senhora
 - Os santos do mês
 - Adoração ao Santíssimo
 - Leitura Orante
 - Celebracão para velórios

E muito mais!



loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
vendas@paulus.com.br
   @editorapaulus



ASSINE AGORA